

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES

**ANA PAULA PEREIRA COELHO**

***Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para  
o século XXI***

*Narrativas de ativismo feminista em rede no Twitter*

Vitória  
2018

**ANA PAULA PEREIRA COELHO**

***Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista  
para o século XXI***

*Narrativas de ativismo em rede no Twitter*

Trabalho de dissertação apresentada para o programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, pela Universidade Federal do Espírito Santo, para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Professor PhD Fabio Malini

Vitória  
2018

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de

Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Coelho, Ana Paula Pereira, 1991-

C672s      Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI : Narrativas de ativismo feminista em rede no Twitter / Ana Paula Pereira Coelho. - 2018.

120 f. : il.

Orientador: Fabio Malini.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Ciberfeminismo. 2. Ciborgue. 3. Feminismo. 4. Twitter.  
5. Cibercultura. I. Malini, Fabio. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 31

---

**ANA PAULA PEREIRA COELHO**

***Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para  
o século XXI***

*Narrativas de ativismo em rede no Twitter*

Trabalho de dissertação apresentada para o programa de pós-graduação em Comunicação e Territorialidades, pela Universidade Federal do Espírito Santo, para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Professor PhD Fabio Malini

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

**Examinador 1**

---

**Examinador 2**

## AGRADECIMENTOS

O momento de finalizar um trabalho dissertativo como esse é tanto um alívio quanto um momento que necessita da regressão às memórias, lembrar do que passamos, visitar agendas e calendários, é como um filme confuso e mal roteirizado. As lembranças seguem redes não lineares.

Nesse caminho eu encontro os que fazem parte desse trabalho, os que sem eles não conseguiria, entre humanos e não humanos, mulheres e homens, tenho em mim que nada é uno e nada se constrói por um só. Dessa pesquisa e desse trabalho agradeço às redes que me compõem em indivíduo e coletivo.

Ao divino, agradeço à Deusa pelos caminhos que tracei e as pessoas que conheci e que participam da teia que é a vida, pelas inspirações que dela recebi e do consolo nos momentos de desespero.

Agradeço aos meus pais, Rosimar e João, pela vida que me que me possibilitaram viver, pela realização de planos e projetos, pelos sonhos que sonharam comigo, pelos ensinamentos que guardo comigo com tanto carinho quanto o amor que me deram. Ao meu irmão e mais bravo dos companheiros, Sandino, que sempre esteve comigo e me consolou nos momentos mais difíceis, mesmo na distância que estivemos nos últimos quatro anos, dividimos problemas e soluções. À minha família manifestada em amor e parceria, as influências femininas e feministas que tive da infância: minhas tias, Rosângela e Edinha, e os filhos delas que amo tanto.

Às grandes mulheres que fazem parte da minha vida intelectual, feministas e amigas que acompanharam todo o processo desse trabalho: minha sempre querida professora Patrícia Azambuja, pelo incentivo e constante aprendizado em nossas conversas de férias; minhas amigas Bianca, Luísa e Thaisa pela ajuda e o compartilhamento de conhecimento e a amizade em terras desconhecidas; Taynara, Karol e Nadia, amigas que torceram por mim e me zalentaram com amizade e conversas prazerosas. Não me esqueço de outros amigos que me suportaram em minhas lamúrias e pedidos de ajuda, que me abençoaram com sua amizade e me apoiaram para que pudesse realizar este trabalho: Luciano, Maycon, Lourival e Gustavo.

Agradeço à família que fiz em Vitória com minha amada amiga e vizinha Letícia e meu namorado Moacir, que me deram o prazer da companhia e do amor quando a solidão batia e a saudade de casa era mais forte. Mas, em especial, meu amor e companheiro, que esteve ao meu lado nos momentos de riso, suor e lágrimas e que cuidou para que eu não desistisse dos meus sonhos.

E, por fim, agradeço meu orientador Fábio Malini pelo cuidado e orientação, o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cultura, pelo apoio e ajuda empreendidos nesse projeto e aos colegas de laboratório Nelson, Allan, Ana Paula e novamente Luísa e Bianca, que acompanharam processos e dúvidas contribuindo para este trabalho. Agradeço, ainda, a Fundação de amparo à Pesquisa do Estado do Espírito Santo (FAPES) pelo apoio financeiro a esse projeto.

Agradeço a todos os envolvidos na realização dessa pesquisa.

*Ela não é nem uma nem duas. Não se pode, rigorosamente, determina-la uma pessoa, e muito menos ainda como duas. Ela resiste a toda definição adequada. Aliás, ela nem sequer tem um nome "próprio".*

*E seu sexo, que não é um sexo, é contado como não-sexo. Negativo, avesso, reverso do único sexo visível e morfológicamente designável (mesmo que isso coloque alguns problemas de passagem da ereção à detumescência): o pênis.*

Luce Irigaray

## RESUMO

Este trabalho compreende uma análise das movimentações de grupos feministas no Twitter e ações ciberfeministas de mobilização e apropriação da ciência e da tecnologia em movimentos de conquista por equidade e liberdade. Traçamos narrativas sobre os grupos ciberfeministas em rede, utilizando o site de relacionamentos Twitter – muito utilizado pelas feministas brasileiras. Para tanto discutiremos o ciberfeminismo encarando e interpretando o ciborgue a partir de leituras da autora Donna Haraway, uma das primeiras autoras a trabalhar com a busca de um feminismo menos tecnofóbico, influenciando de maneira basilar o ciberfeminismo que carrega o termo como base de ação política. A principal questão deste trabalho está em destrinchar as ligações entre o feminismo e o ciborgue, associados aos termos e modos operandi do ciberfeminismo, tecendo narrativas e visitando acontecimentos, com principal objetivo de analisar as interações desses grupos e sua diversidade.

**Palavras-chave: Feminismo; Ciberfeminismo; Ciborgue; Twitter.**

## **ABSTRACT**

This work is an analysis of the initiatives of feminist groups in Twitter and of cyberfeminists of mobilization and appropriation of science and technology in movement of conquest by equity and freedom. We bring narratives about the groups of cyberfeminists in the network, using the site of relationships Twitter - much used by Brazilian feminists. Donna Haraway, one of the latest authors to work on the quest for a less technophobic femininity, basely or cyberfeministically influencing the term as a basis for political action. The main issue of this work is to destroy as links between feminism and cyborg, the terms and modes of operation of cyberfeminism, narratives and events, in order to analyze the groups' interactions and their diversity.

**Keywords: Feminism; Cyberfeminism; Cyborg; Twitter.**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1.1</b>	<b>Feminismo e revoluções</b> .....	13
<b>1.2</b>	<b>“Terceira onda” e a entrada para o século XXI</b> .....	16
<b>2</b>	<b>DO SUJEITO AO CIBORGUE: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI</b> .....	19
<b>2.1</b>	<b>Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista</b> .....	21
<b>2.2</b>	<b>Constituição do ciberespaço e território ciberfeminista</b> .....	25
<b>2.3</b>	<b>Política do Híbrido Humano-Animal-Máquina</b> .....	29
<b>2.4</b>	<b>Feminino e máquina</b> .....	32
<b>2.5</b>	<b>Ciberfeminismo e as oportunidades de uma revolução feminista</b> .....	40
<b>3</b>	<b>GÊNERO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: conexões ciborguianas e feministas</b> ....	42
<b>3.1</b>	<b>Gênero e a queda do binarismo</b> .....	48
<b>3.2</b>	<b>Tecnociência e Mulheres</b> .....	53
<b>3.3</b>	<b>Mercado de mulheres</b> .....	55
<b>3.3.1</b>	<b>Mulheres negras nos Estados Unidos e Brasil</b> .....	57
<b>4</b>	<b>AS CIBORGUES E O FEMINISMO EM 2017</b> .....	65
<b>4.1</b>	<b>O ciborgue é a rede; a rede é o ciborgue</b> .....	70
<b>4.1.1</b>	<b>Teoria Ator-Rede e os objetos sociotécnicos</b> .....	74
<b>4.2</b>	<b>O ciborgue e a rede: feministas em rede</b> .....	78
<b>4.2.1</b>	<b>Pistas e rastros: os caminhos para se trabalhar com dados digitais</b> .....	80
<b>4.2.2</b>	<b>Caminhos da pesquisa</b> .....	83
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	109
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	112



## 1 INTRODUÇÃO

Em meio a tantos debates atuais sobre os direitos das mulheres e o lugar delas nessa nova era das comunicações não é de se espantar que as palavras feminismo e ciberfeminismo tenham retornado ou mesmo ressurgido com significados atualizados e com diversas leituras e releituras de feministas do passado e do presente.

As revoluções dessa nova geração de mulheres colocam homens e sociedade em posições desconfortáveis ao assumirem posturas mais desafiadoras e questionadoras. Mesmo com concessões em anos anteriores a igualdade pregada parece não ter chegado e nem satisfeito essas mulheres; altas taxas de violência, tutela sob os corpos, sexualidade tolhida e mudanças no mundo do trabalho são questões complexas ainda presentes e persistentes na vida de muitas mulheres no mundo inteiro, salvaguardando as peculiaridades e diferenças dos povos, temos um mundo novo, tecnológico e excludente.

O movimento de mulheres é um dos mais organizados e ao mesmo tempo diversos do mundo: variadas pautas, diferenças culturais, questões raciais, sexualidade, modos de fazer política diferentes e outras variáveis. O que nos coloca em uma posição distinta como pesquisador do feminismo quando nos deparamos com convergências e controvérsias: como essas temáticas e pautas convergem na luta diária? A teoria feminista é um importante elo de convergência e de apoio para essas discussões, já que o próprio movimento se alimenta das atividades de desenvolvimento da ciência feminista ao mesmo tempo que enxerga nela uma forma de ativismo.

O trabalho aqui proposto está na análise tanto de pontos do feminismo e da produção de ciência feminista quanto no próprio ciberfeminismo que é, em síntese, um dos movimentos mais intrigantes no feminismo do século XXI porque relaciona mulheres e máquinas em simbioses ao mesmo tempo profanas e revolucionárias. Entre o poder das telecomunicações e a recepção dos sinais em corpos automatizados.

A necessidade de pesquisar esses agenciamentos, muitas vezes esquecidos e ignorados, é de importância para quebrar mitos, lançar alertas e, principalmente, criar bases para uma ciência feminista que não desconsidere a tecnologia e nem o tecnocapitalismo e as artimanhas de controle das mulheres através de dispositivos codificados. Limitar o conhecimento das máquinas às mulheres se mostra, assim, estratégico. Os processos de apropriação das máquinas pelas mulheres subvertem essa ordem e geram novas formas de subjetividade feminina.

Com as repercussões que o uso da internet vem causando no movimento de mulheres nos últimos anos e provocando até mudanças no *modus operandi*, seja no Brasil ou em outros países da América Latina, vemos que mulheres vêm usando cada vez mais as máquinas desenvolvidas inicialmente para homens justo para tentativas de organização, debate, mobilização. Se tornaram ferramentas de grande importância para o movimento dessa nova geração de feministas. E uma análise de não só como elas se relacionam com as máquinas, mas como se relacionam entre elas por mediação das máquinas.

O ciberespaço, a internet e toda a cultura que o torna único e um fenômeno comunicacional, traz modificações no cotidiano que nos questionam de nossas certezas já sacramentadas. Nossos territórios e fronteiras foram reconfigurados em vários processos tanto de agenciamento quanto de reflexão dos nossos próprios limites como humanos e do resto de natureza que carregamos em nossas peles sensíveis ao fogo.

A tecnologia, e as ciências por traz dela, são imersas em políticas e formas de poder e saber de domínios masculinos e do poder econômico, um conhecimento controlado. Guerras, mercado, corpos, todos controlados pela ordem política da técnica.

Entre mitos, deuses e deusas, anomalias, humanos e objetos, temos o ciborgue, o deus e o monstro de nossa era. A natureza e a cultura se despedem de seus antônimos correlatos, suas fronteiras e admitem a hibridez dessa era.

O papel político de um mito pode ser tão forte e subversivo quanto a nossa própria existência. O ciborgue é um produto de organismo e máquina, transita entre as fronteiras da realidade e do mito ao mesmo tempo que as reparte. É o instrumento que questiona os limites do humano, nossas similaridades com os animais e nossos sonhos e pesadelos com um Frankstein. É realidade e chão que pisamos todos os dias.

a internet potencializa a constituição de “corpos políticos ciborgues” (Gray, 2002), os quais não são apenas corpos locais potenciais para a promulgação de novas subjetividades, mas, interligados no mundo cibernético através de diversas próteses, constituem práticas corporais de poder que operam no sentido da reconstrução dos órgãos políticos instituídos. O espaço ampliado de possibilidades atinge seu significado maior então, quando entendemos a internet como mecanismo de conexão “nos” e “entre” os novos movimentos políticos que emergiram e caracterizam a política pós-moderna. (SIQUEIRA; MEDEIROS, 2011, p. 17)

A política ciborgue orienta modos de ser e viver como cidadão, a participação política, reorientando poderes em fluxos de rede automatizados, mas também modificando os movimentos sociais e nossa organização coletiva e subjetiva.

A criatura predileta dessa dissertação é antes de tudo o alerta de que não somos mais tão humanos como pensávamos, a nossa interação e necessidade de coisas e ferramentas

para nossa própria sobrevivência, remédios projetados em laboratórios e fabricados por máquinas, suplementos alimentares que podem transformar nossos corpos, as impressoras que conversam com nossos computadores e que nem sempre nos obedecem.

O ciberespaço é onde muitos encontros ocorrem, é o lugar e o terrenos feito de códigos de números e letras. É onde os binários se encontram para construir suas próprias anomalias e combinações. Nesse meio encontramos mulheres dispostas a se envolverem tanto com o terreno que forma o chão cyber quanto com as pessoas que o codificam.

O objetivo desse trabalho é compreender como elas se organizam, quais suas narrativas na internet e como as mudanças de perspectiva dos últimos anos modificaram o feminismo e inseriram novas pautas e necessidades ao movimento.

Mulheres com conhecimento tecnológico são importantes para nós porque queremos entender o código fora da norma, as anomalias existentes na nossa teia social. Elas tentam dominar conhecimentos negados. No entanto, para tal aventura cyber é preciso salientar que as diferenças entre os grupos formados são de extrema importância para o desenvolvimento desses corpos tecnológicos revolucionários, como veremos adiante.

A imagem do ciborgue será recorrente neste trabalho e estaremos sempre indo e voltando nesse que é o maior mito e o ponto crucial de um movimento que recuperou fôlego e agora percorre todo o mundo conectado com computadores e smartphones. É um movimento coberto por criaturas ciborguianas e com novas narrativas que lutam para ocupar cada vez mais o imaginário humano.

Propõe-se ao longo dessa pesquisa um rastreamento dos passos dados pelo movimento de modo a construir uma rede de ações e mobilizações - o que implica diretamente em uma busca tanto pelos modos de organização teórica quanto de movimento social ativo e presente em diversos setores sociais.

Nos capítulos seguintes buscaremos descobrir mais sobre o ciborgue de Donna Haraway, as narrativas que o circundam e as mulheres envolvidas nos primeiros movimentos feministas ciborgue, chamados de ciberfeminismo, movimento que reivindica a natureza dos códigos para as mulheres e discute o controle feminino a partir das armas tecnológicas: trabalho, sexualidade, máquinas e corpos. Mas principalmente uma análise das narrativas e do imaginário cyber que circundam as mulheres ciborgue. No terceiro capítulo abordamos as teorias feministas que rondam o ciborgue, contribuições e reflexões sobre as principais categorias das pautas feministas: raça e gênero. Além disso, algumas contribuições e críticas à ciência em uma perspectiva de colaboração para uma ciência feminista, fundamental para o acesso das mulheres ao conhecimento.

Trabalharemos em um diálogo entre as principais questões do feminismo de terceira onda, que não está ligado apenas à cultura ciber, mas dá bases para outras percepções dos assuntos e temas já levantados pelas feministas de segunda onda (1960-70), dando continuidade e desenvolvendo a teoria feminista. Denominadas de pós-feministas por uns, essas autoras conseguem discutir com bastante profundidade os problemas que as teóricas anteriores esbarravam com frequência quando buscavam pela unificação dos movimentos de mulheres no signo “mulher” e “feminino” se esquecendo dos caminhos e rachaduras dos projetos unos como veremos mais a frente.

No último capítulo um trabalho de campo a partir de um banco de dados com informações de perfis feministas no site de relacionamentos *Twitter* a partir de coletas realizadas pelo Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Um material extenso contendo conversações das feministas na internet, suas principais pautas e suas relações com outros perfis na web. Análise as mobilizações de mulheres no site de relacionamentos e miniblog *Twitter*, do qual conseguimos um grande volume de dados dos caminhos de grupos feministas no site e fora dele também, em realidades dos acontecimentos e conexões com a política nacional e os projetos desses movimentos.

A metodologia para esse trabalho compreende tanto uma análise de metodologias e teorias disponíveis quanto o uso delas para distintos fins. Ao abrirmos reinos, em tese distintos, o social e a técnica, seria necessário o auxílio de métodos compatíveis, como a Teoria Ator-Rede que se mostra um dos melhores caminhos para isso porque, em sua reflexão e crítica à ciência, consegue estabelecer novas formas de fazer ciência com colaboração de autores do mundo inteiro. Ela possibilita, através de seus princípios, que humanos e não humanos sejam equiparados de maneira simétrica e os produtores de ação compõem a rede dos acontecimentos, coisas, lugares, pessoas, sentidos, etc. O fato de levar o significado de rede, um conceito muito usado na técnica para o social em forma de metáfora possibilita a visualização dos acontecimentos e das coisas não em cadeia ou de maneira linear, mas em conexão e relação, sem as divisões conceituais podemos expandir conceitos e análises de maneira mais profunda, algo que as pesquisas sociotécnicas necessitam, o que é o nosso caso.

A técnica, o social e a política fazem parte desse estudo, desenvolver técnicas de estudos de gênero e internet são desafios para muitas pesquisadoras, é necessário dispor de meios para essas experiências de ação e pesquisa. Para este trabalho decidimos compor narrativas de rede utilizando coleta de dados e rastros digitais deixados pelos (as) atores (as) em seus percursos e alinhamentos. Neste ponto decidimos por utilizar um combinado de que

nos possibilitasse a visualização de nosso objeto em ação reconhecendo o lugar onde estamos e as redes que nos envolvem. Adotamos tanto orientações de Haraway quanto de outros autores, como Bruno Latour, seguimos rastros de mulheres e organizações feministas, buscando pistas de comportamento e formas de ação e participação em rede e na rede.

Ainda neste primeiro capítulo, analiso os momentos do feminismo de maneira geral e seus principais movimentos na sociedade do século XX, de maneira que vai nos ajudar em nosso trabalho de análise dos principais conceitos da teoria, bem como sua necessidade, e o *modus operandi* desses movimentos ao redor do mundo antes da internet, mas ainda com outros tipos de tecnologia e formação de um repertório de mobilização.

### 1.1 Feminismo e revoluções

O feminismo e seus movimentos e momentos de maior força são comumente classificados em ondas. A primeira se caracteriza pelo movimento sufragista, entre o século XIX e XX, mobilizações em vários países, entre mulheres trabalhadoras e de classes sociais abastadas, buscavam em seus países o reconhecimento de cidadã através do direito ao voto.

*As sufragetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na fã-mosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio *A sufragetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. [...] Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro. (PINTO, 2010, p. 15)

Mas as movimentações pelos direitos políticos e sociais femininos vêm desde muito antes com um primeiro registro para "Declaração dos direitos da mulher e da cidadã" de Olympe Gouges em 1791 em contraposição à "Direitos dos homens e dos cidadãos" no período da Revolução Francesa, em uma maneira ousada de lembrar os revolucionários de sua dívida com as mulheres não libertadas pela revolução que ajudaram a construir. Gouges foi condenada à guilhotina, mas seu texto é de grande importância para o nascimento do feminismo. A Revolução Francesa representa um marco histórico para o feminismo, é dela que o movimento passa a existir.

Porém, Mary Wollstonecraft é quem leva o crédito de ter fundamentado primeiro as raízes de opressão feminina em seus livros. A obra mais importante é datada em 1792 e apresenta uma reflexão importante sobre as mulheres e sua significação social, "Uma vindicação dos direitos da mulher".

O programa desta primeira fase do feminismo tinha como eixos a educação das mulheres, o direito ao voto e a igualdade no casamento, em particular o direito das mulheres casadas a dispor de suas propriedades. Wollstonecraft é uma autora singular pela maneira com que, ao tratar dessas questões (com foco voltado particularmente para a primeira delas), combina a adesão (quase inevitável) às ideias dominantes da época com elementos de inusual radicalidade. (MIGUEL; BIROLI, 2013, p. 10)

Ela consegue elaborar um conjunto de direitos às mulheres, relacionando de forma crítica aos desdobramentos da Revolução Francesa, e desafiando o poder dos homens sobre as mulheres, defende educação e esclarecimento para elas. Wollstonecraft estabelece, assim, entre o século XVIII e XIX uma fase do feminismo que movimenta os eixos dentro da burguesia das próximas mobilizações que terão na classe trabalhadora sua principal força além de uma corrente política não liberal.

A força primeira do feminismo como movimento social vem com a principal pauta do direito ao voto que representa o reconhecimento da cidadania feminina e da capacidade de discernimento, conseqüentemente, o início de participação política. Uma batalha que atravessou o século XX. Todas as reivindicações políticas femininas colidem no interesse ao voto.

Através dessa pauta, na primeira metade do século XX, são desenvolvidas táticas de mobilização, organização em sindicatos ou em grupos de chás para as senhoras ricas, cadernos e jornais impressos. Outras pautas são incluídas, como melhores condições de trabalho. Além disso, o uso extensivo do lobby, principalmente nos Estados Unidos, lugar onde os movimentos de mulheres foram mais emblemáticos nesse período, se estabelece como uma tática importante de movimentação política dentro das instituições, influenciando os processos de decisão e negociando em favor das mulheres, principalmente das classes mais pobres no século XIX e início do XX.

Como as mulheres americanas inicialmente perseguiram seus objetivos políticos sem o benefício do direito ao voto, elas desenvolveram métodos de inuência distintos do contexto eleitoral da política partidária. Uma abertura foi encontrada através da ação de *lobby*, a moralmente duvidosa prática dos Anos Dourados [...]. Na construção de seu próprio “cognome eufemístico”, que as distinguisse dos estrangeiros, idiotas e outros que não podiam reivindicar cidadania, as mulheres combinaram o modelo maculado do *lobby* com estratégias educativas mais convencionalmente associadas com as organizações de mulheres do século XIX. (CLEMENS, 2010, p. 196)

As sufragetes americanas, como eram chamadas, ao longo de anos de luta, conquistaram um grande arcabouço de táticas de mobilização que foi exemplo para outros movimentos posteriores. Não só o lobby, mas as atividades e encontros de chá das mulheres ricas, a organização sindical das mulheres trabalhadoras se consolidaram como práticas de organização eficazes. Os clubes e grupos de mulheres trabalhadoras se organizavam em redes, de acordo com interesses, classe ou afinidades na forma de ação política, sendo uma das

principais forças que podiam agendar mobilizações ou mesmo forçar politicamente parlamentares através de sua influência nos estados.

Já a segunda onda, na segunda metade do século XX, representa a politização de um outro espaço: o universo privado feminino. Enquanto na primeira onda é preciso ganhar o espaço público e garantir os direitos de participação nele, a segunda onda, de mulheres com novas funções de trabalho e espaço na academia, se veem complicad por ainda serem invisíveis no lar. Inspiradas por autoras como Simone de Beauvoir e Betty Friedan, elas colocaram em evidência os problemas burgueses da dialética público/privado nas relações amorosas, na cultura, na sexualidade e no trabalho complexificando suas as pautas e dando corpo a uma insipiente teoria feminista. Se mobilizaram e questionaram as naturezas de opressão em processos de politização do ambiente dito privado e distante da vida pública, influenciando não só a cultura e o cotidiano ao longo dos anos como também a política e o mundo do trabalho.

Os debates intensos sobre a condição das mulheres mobilizaram uma outra leva de discussões, causando enfrentamentos no próprio movimento: questões identitárias passaram a fazer parte do cotidiano de debates entre essas mulheres. Como discutir sexualidade e corpo sem incluir as mulheres lésbicas ou o mundo do trabalho precarizado sem as mulheres negras ou latinas? O debate identitário minou o próprio sujeito revolucionário feminista, o objeto do estudo feminista. Um sujeito não unificado e fragmentado complicou a própria história do movimento e a força de sua onda.

A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. (HARAWAY, 2016 [1985], p. 47)

A inclusão do debate das diferentes condições das mulheres causou grande impacto não só no movimento diário como também no andar do feminismo enquanto estudo e ciência. Sempre muito marginalizado na academia, o feminismo conseguiu ao fim das experiências de segunda onda, a partir dos anos 1970, produzir uma vasta bibliografia em diversas áreas do conhecimento. Uma tentativa de ocupar um espaço antes negligenciado de uma maneira a respeitar a existência de novos sujeitos e produzindo outras formas de se fazer ciência.

Essas mudanças de segunda onda não acabaram suas discussões mesmo com o enfraquecimento do movimento nos anos posteriores. As mudanças provocadas na opinião pública, na mídia e os processos históricos movimentaram outras naturezas de pauta e se ramificaram em ONGs, projetos sociais, entrada de feministas na academia, apropriação da ciência e etc.

Enquanto nos anos 1980 tenhamos tido um movimento contrário, deturpando midiaticamente os discursos feministas e um retorno da imagem da dona de casa branca e feliz utilizando um discurso científico, biologizante e psicológico (FALUDI, 1991), em uma nova fase do feminismo, o Brasil, ainda em processo de saída da ditaduras militar e dos conflitos político-feminismo tomava corpo e espaço na forma de grupos organizados em diversos locais do país, pressionando governos e agindo com a comunidade, colaborando para mudanças significativas no país para a vida das mulheres, com a conscientização sobre a violência de gênero, intensificação do debate sobre a legalização do aborto e, principalmente, os trabalhos no âmbito do cuidado e da saúde.

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Este encontro foi muito importante para os dois lados: o movimento feminista brasileiro, apesar de ter origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, o que provocou novas percepções, discursos e ações em ambos os lados. (PINTO, 2010, p. 17)

Essas ações colaboraram de maneira muito intensa para a garantia de direitos às mulheres e uma institucionalização desses objetivos, além de terem colaborado com a Constituição de 1988 garantido direitos às mulheres de igualdade e acesso à saúde. São mobilizações que foram reverberando até os dias de hoje e foram ao longo dos anos ganhando novas roupagens. Segundo, Pinto (2010) houve um processo nos anos posteriores à Constituição de profissionalização desses grupos com a chegada das organizações não governamentais (ONGs).

Ainda na última década do século XX, o movimento sofreu, seguindo uma tendência mais geral, um processo de profissionalização, por meio da criação de Organizações Não-Governamentais (ONGs), focadas, principalmente, na intervenção junto ao Estado, a fim de aprovar medidas protetoras para as mulheres e de buscar espaços para a sua maior participação política. Uma das questões centrais dessa época era a luta contra a violência, de que a mulher é vítima, principalmente a violência doméstica. Além das Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo país, a maior conquista foi a Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. (PINTO, 2010, p. 17)

## 1.2 “Terceira onda” e entrada para o século XXI

A chamada terceira onda, foco desta dissertação, ganha forma com o enfraquecimento, a nível político e cultural, da segunda onda feminista em meados dos anos

1980 no mesmo período em que a cibercultura se constituía e novas narrativas se popularizavam. Desenvolvem-se, primeiramente, através de novos espaços de interação – com o computador doméstico, por exemplo – criados pela tecnologia digital em franca expansão e desenvolvimento, além da forte influência de literaturas distópicas que incluíam as máquinas como personagens essenciais da narrativa. Os movimentos artísticos contribuem de maneira muito forte nesses processos, por fomentarem grupos culturais conectados às tecnologias de comunicação possibilitando novas formas de expressão e experimentação da técnica e do corpo, sobretudo com o barateamento das mídias em seu desenvolvimento tecnológico e voltada para o mercado caseiro (câmeras de vídeo e fotografia portáteis, por exemplo).

Manifestações culturais e técnicas ou pelo menos de forte apelo às tecnologias de computadores assumidamente feministas ou com uma pauta feminina serão denominadas, nos anos 1990, de ciberfeminismo, um traço do ciberpunk unido às atividades artísticas altamente ligada à libertação feminina.

O cyberpunk aglutinou a visão distópica do movimento punk e os estereótipos de seu estilo de vida ao imaginário futurista no qual as gadgets (bugigangas e geringonças) “cibernéticas” e os ciborgues foram amplamente cotidianizados. Um dos principais legados do cyberpunk é a imagem do homem-gadget (homem-objeto que não é muito mais que um gadget acoplado a um sistema ou rede de gadgets) cujo corpo é um banal suporte de biônicos e cuja mente só encontra sua totalidade quando conectada ao “ciberespaço”. (KIM, 2004, p. 212)

A técnica passa a ser entendida como algo indissociável do corpo, formando seres híbridos que abandonam as dualidades da modernidade excludente dos homens. É um momento tanto de novidades quanto de desafios que vinham tanto da própria cultura ocidental dominada por homens em tentativas de separar e dissociar a técnica do feminino.

A produção de conhecimento é um lugar importante para as ciberfeministas como também o é para as feministas, porém, o maior interesse está na relação mulheres e tecnologia e tudo o que pode envolver essa relação, seja política ou econômica, que, de maneira abrangente e politizada, pode conquistar uma vastidão de campos a serem explorados e por vezes conectados pelo viés feminista. São mulheres interessadas na biotecnologia, nas análises do tecnocapitalismo, no mundo do trabalho, no hack e ciberativismo, nas lógicas de reprodução assistida do século XXI e atentas aos seus corpos e as representações implicadas. O corpo não é deixada de lado mesmo quando falamos em máquinas, justo pelo seu caráter cada vez mais híbrido, como veremos adiante, que subverte seus limites a todo momento.

A presença feminina na ciência é o resultado de uma evolução gradual iniciada com sua incorporação aos estudos universitários na transição dos séculos XIX e XX, porém, tem antecedentes mais remotos, entre eles o conhecimento das bruxas e os processos que levaram à sua perseguição e aniquilação na Europa entre os séculos XVI e XVII. (GRAF, 2008, p. 10)

Sobre as máquinas não a vemos e nem devemos vê-las como objetos imóveis, mas sim como atores não neutros, híbridos, contextualizada e conectada em um mundo de comunicação em rede e dependente da velocidade das máquinas. Elas não são neutras nem em sua concepção, formatação e tarefa. São programadas por números e os números não são neutros e nem imparciais.

Algumas autoras brasileiras ainda consideram o ciberfeminismo incipiente no país, (WELLS, 2005), acredito que quanto mais mulheres usam e se apropriam de múltiplas linguagens e do conhecimento, o ciberfeminismo se faz mesmo sem nome. Meu principal interesse nesse trabalho está nessas relações e em como elas são externadas como táticas de mobilização e luta feminista. Temos mulheres na ciência a cada ano mais, e mulheres na internet. É necessário e preciso o conhecimento e a ousadia ciberfeminista em tempos de violência na rede.

Neste primeiro momento buscamos progredir em uma investigação sobre os ciborgues e a teoria crítica ainda insipiente dentro do ciberfeminismo. Uma tentativa de percorrer alguns dos nós dessa grande rede de ação que parece crescer a todo momento e a cada novo acontecimento. Mais e mais mulheres estão enfurecidas e encontram na tecnologia, bem como na política feminista, um modo a mudar realidades locais e influir na mudança de um sistema. Por isso, daqui em diante iremos explorar as relações entre mulheres e máquinas e, principalmente, sua questão e organização política, comunicacional e estratégica, culminando nos movimentos ciberfeministas dos anos 1990.

O que nos preocupa primordialmente é o avanço teórico e as contribuições que o feminismo e o ciberfeminismo oferecem um ao outro e aos demais movimentos sociais. O objetivo é compreender o movimento de mulheres e seu relacionamento com a tecnologia, além de em que medida essa relação mulher e máquina contribui para avanços sociais significativos em uma perspectiva cultural e política. O que implicaria em investigar as consequências das ações nos campos político, cultural, social, tecnológico, midiático e demais associações. Além disso, verificar as contradições e as resistências à presença feminina nesse campo e como essas forças controversas se comportam em rede.

## 2 DO SUJEITO AO CIBORGUE: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI

*We are the modern cunt  
 positive anti reason  
 unbounded unleashed unforgiving  
 we see art with our cunt we make art with our cunt  
 we believe in jouissance madness holiness and poetry  
 we are the virus of the new world disorder  
 rupturing the symbolic from within  
 saboteurs of big daddy mainframe  
 the clitoris is a direct line to the matrix  
 VNS MATRIX  
 terminators of the moral codes  
 mercenaries of slime  
 go down on the altar of abjection  
 probing the visceral temple we speak in tongues  
 infiltrating disrupting disseminating  
 corrupting the discourse  
 we are the future cunt<sup>1</sup>*

*Manifesto first declared by VNS Matrix  
 1991, Adelaide & Sydney, Australia*

Neste capítulo trabalharemos na contextualização do *Ciberfeminismo* em seu espectro ciborguiano e, de seu nascimento no ciberespaço enquanto movimento subversivo. Para tanto ainda é necessário visitar a natureza dos códigos, os conceitos de subjetividade em jogo e os principais pontos que podem dar algum tipo de indício do que é o movimento, sem necessariamente chegar a algum tipo de definição cabal.

Ciberfeminismo é um movimento de ação que não escapa ao político. Sua essência e força residem na disputa de poder através da resistência. Feminismo é política. No entanto, a ação comunicativa do movimento reside na diversidade e é algo que não deve ser tratado com brevidade. São mulheres que atuam em diversas frentes, são rápidas, movimentam-se em rede, são descentralizadas e organizadas.

---

<sup>1</sup> *Cyberfeminist manifesto for the 21st century*, texto que marca o início do ciberfeminismo como movimento político e artístico dentro da intert, o manifesto foi escrito pelo coletivo australiano VNS Matrix em 1991. <https://vnsmatrix.net/about/>

A hostilidade dos homens sobre as mulheres – subestimando seus conhecimentos e suas potencialidades –, gera fúria. A revolta se converte em resistência. Formas de resistir e combater surgem a todo o momento. Dessa forma, os locais de disputa se tornam todos os lugares em que houver opressão.

A tecnologia se dispõe como ferramenta política empunhada por mulheres quando fazem dela uma maneira eficiente de combater o sistema que as oprime. Ironias, arte, literatura, ensino, convenções, tudo parece compor um conjunto de táticas de luta. O movimento se estende e se concentra na tecnologia para continuar a luta.

Porém, se faz necessário compreender como se dão esses processos de agenciamento entre mulher e máquina; se e como a tecnologia possibilitou algum tipo de vitória para as mulheres sobre a ordem patriarcal e, principalmente suas influências na cultura e na política.

Um diversidade de movimentações com objetivos e contextos diferenciados surgem a partir da consciência e da ocupação de um imaginário de liberdade nas mulheres. Isso demonstra que o social, cultural e político estão muito mais íntimos do que se espera. São essas movimentações que fazem parte dessa pesquisa. Aqui buscamos compreender seus agenciamentos, táticas de ação e como se movimentam em rede, sem deixar de levar em consideração características específicas dos movimentos de mulheres e as peculiaridades do seu relacionamento com os discursos e as apropriações tecnológicas que fazem ao longo dos anos em seus processos de agenciamento.

Os movimentos produzidos a partir das interações *online* apontam a diversidade de reverberações possíveis tanto nos espaços virtuais como nos reais, o que demonstra a necessidade preeminente de pensar o social sob sua configuração complexa e dinâmica. Além disso, esse ambiente *online* guarda a possibilidade de registro das ações, rastros e, com isso, a recolha e armazenamento desses rastros, bem como a criação de ricos bancos de dados através da ação desses agentes, algo que permite monitoramento e vigilância.

O domínio do espaço tecnológico por mulheres é encarado como uma maneira de emancipação feminina das mãos do patriarcado, dos sistemas econômico e político excludentes que são reproduzidos também nas zonas de conhecimento. Aqui propomos compreender, entre outras coisas, as táticas feministas de consolidação e criação de espaços de interação, troca e debates femininos que gerem conquistas e emancipação das mulheres no campo da tecnologia.

Aqui não encaramos com maus olhos a diversidade do campo, pelo contrário, as diversidades de correntes e de embates dentro do movimento são de imensa importância para o

crescimento e o desenvolvimento de um vasto campo de conhecimento qualificado e pronto para disputar legitimidade.

Os campos do conhecimento e da tecnologia são parte do sistema que se organiza entre os que o comandam e são beneficiados, ou seja, não escapam à política. Seus padrões de sujeito e de humanos, excluindo tudo o que for diferente desses padrões, criam um déficit de desigualdade que só beneficia o sistema econômico e seus interesses de exploração de mão de obra barata e manutenção de privilégios para poucos. Por isso é tão importante que tais campos sejam estrategicamente ocupados e reinventados pelas mulheres. A politização da ciência e da tecnologia são táticas importantes. Assim como ações que ainda enfrentam grande resistência conservadora ponto ao qual decidimos dar continuidade nos próximos passos desta pesquisa.

A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar. (HARAWAY, 1995, p. 34)

Para Haraway, o conhecimento encontra grandes problemas quando precisa se enquadrar em modelos de objetividade – criados por cientistas europeus – e padrões que não cabem a outros locais que não o pensamento eurocêntrico e suas ideias bem marcadas de objetividade que, restringem o subjetivo e as questões políticas e sociais a fatores que afastam o cientista de seu objeto. O que para a autora pode ser exatamente o contrário. Se utilizando da tese de conhecimentos localizados de Haraway e demais críticas ao modo de se fazer ciência, em um próximo capítulo, no andamento desta pesquisa, investigaremos a relação com o conhecimento que o feminismo desenvolve – algo que vem de encontro justo ao plano feminista de ocupar espaços estratégicos e construir uma teoria crítica feminista sólida – além das escolhas metodológicas desta pesquisa.

O próprio ciberfeminismo possui, em uma de suas correntes, o objetivo de domínio de diversas práticas da formação de conhecimento e criação de tecnologia, de modo a se beneficiar desse domínio em uma disputa contínua pelo poder contra o patriarcado e outros sistemas de dominação que se debruçam sobre as demais classes oprimidas.

## **2.1 Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista**

Nos últimos anos vimos eclodir no Brasil, com bastante intensidade, grupos organizados de mulheres feministas ocupando ruas, avenidas, praças e as universidades,

reivindicando uma série de questões que até então haviam sido caladas ou restritas a pequenos grupos.

O que hoje é chamado por alguns movimentos e teóricos de terceira onda do feminismo é caracterizado principalmente por uma geração muito mais conectada com as novas tecnologias de comunicação potencializadas pela internet e, por sua capacidade de ação em uma diversidade de campos da vida cotidiana. Estabelece assim, novos paradigmas para o feminismo ou os fazem emergir novamente à superfície da visibilidade.

Quando em 1991 o VNS Matrix lançou seu manifesto por um novo movimento de mulheres do século XXI, surgia o movimento inspirado no que Donna Haraway seis anos antes não conseguia denominar, mas descrever. O movimento recebeu o nome de *ciberfeminismo* (cyberfeminism). As ativistas lançaram seu manifesto<sup>2</sup>, intitulado “*Cyberfeminist Manifesto for the 21st Century*” e se denominaram como “bucetas do futuro”, algo inspirado no manifesto de Haraway que propõe uma mudança radical no feminismo, a admissão das máquinas em uma revolução, que obrigatoriamente necessitava ser feminista.

A inspiração no mito do ciborgue de Haraway é um importante passo para se definir o ciberfeminismo como bem mais do que um movimento de internet, mas também um movimento que assume a ironia do ciborgue de estar em todos os lugares sem obedecer aos limites artificiais. Para o ciborgue, as fronteiras de criação humana não existem. É algo que se faz necessário reconfigurar a todo instante.

O ciberfeminismo, no seu primeiro momento, se propõe tanto a criar uma rede de mulheres ativistas no ciberespaço quanto a inserir um novo campo de atuação e ocupação do feminismo. Artistas, geeks, cientistas... era preciso criar e reinventar o feminismo. As táticas de educação e reuniões presenciais ainda se faziam importantes para muitas delas. Jantares e conferências, herdados das feministas da geração anterior ainda eram táticas importantes para o envolvimento, aproximação e debate entre essas mulheres, porém a educação tecnológica era e ainda é de grande importância para dar segmento a uma cultura ciber no feminismo; o domínio do conhecimento negado.

Vários coletivos então surgiram criando redes cada vez maiores de grupos, mulheres e organizações, principalmente em países como Estados Unidos, Austrália e Canadá. Como exemplo, citamos a *Old Boys Network*<sup>3</sup> dentre outras. O conhecimento criado, apropriado e reconfigurado por essa primeira geração de ciberfeministas foi de grande importância para a mudança nas próprias táticas de ação do movimento feminista no fim do século XX, além de

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.sterneck.net/cyber/vns-matrix/index.php>

<sup>3</sup> Coletivo surgido em meados dos anos 1990.

galgar grande importância para o movimento no século XXI, período em que o ciberfeminismo vai ganhar força nos países subdesenvolvidos, principalmente na América Latina, que se inserem através de novas abordagens nos anos 2000 e 2010.

A segunda onda do feminismo, no início da segunda metade do século XX, criou as bases para a construção de uma sólida teoria feminista com autoras feministas se propondo tanto a uma revisão da literatura científica do mundo ocidental quanto à investigação das bases de opressão das mulheres. Autoras como Carole Pateman e Nancy Fraser são de grande importância para o desenvolvimento de uma teoria crítica feminista que busca não só um lugar legitimado no campo científico, mas também questiona os padrões e normas desse campo com novas propostas de pensamento.

Observamos aí a necessidade de se ocupar todos os lugares politicamente, inclusive o campo do conhecimento.

Como uma corrente intelectual, o feminismo combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina. Pertence, portanto, à mesma linhagem do pensamento socialista, em que o ímpeto para mudar o mundo estava colado à necessidade de interpretá-lo. (MIGUEL, BIROLI, 2013, p. 7)

Essa capacidade de mobilizar estudos e gerar conhecimento também se observa na capacidade de ação com diversas táticas e em uma diversidade de outras frentes, tornando o movimento atuante em uma diversidade de instâncias sejam públicas, governamentais, sindicais ou culturais. Também por isso é que o feminismo acaba se dividindo e se ramificando em uma grande diversidade de posicionamentos políticos nos quais cada um possui definições diferentes sobre o sujeito político mulher e sua função revolucionária (ou conservadora).

O feminismo surge inicialmente como uma forma de lutar contra uma causa específica, um ativismo que é entendido como alternativa às consequências da sociedade patriarcal. No entanto, rapidamente adquire cores de movimento social, permitindo-se com o passar do tempo ser atingido pelo fluxo de relações existentes na sociedade, deixando-se mover também pelo enfrentamento de quase todo tipo de dominação, assim como propondo ações e espaços de reflexão em quase todos os campos da existência humana. As organizações de mulheres (não somente as chamadas feministas) são sobretudo rizomáticas, beneficiando-se de sua capacidade de tecer redes interdisciplinares, de networking [...]. (WELLS, 2003, s/p.)

A apropriação das máquinas digitais por parte das mulheres não se dá de forma única no fim do século XX, mas é, sim, recorrente na história. Ora temos mulheres inventoras que estabelecem novas formas de relacionamento com a máquina, ora temos trabalhadoras que, seguindo o fluxo da organização do trabalho no sistema capitalista, cuidam do trabalho maquinico e precarizado. Sadie Plant em sua investigação sobre a relação histórica da mulher

com a máquina a partir da vida de Ada Lovelace<sup>4</sup> e das máquinas de tear. Traça a subalternidade que a mulher é colocada no trato com o mundo do trabalho nas sociedades capitalistas e, além disso, observa como o feminino é apagado em detrimento do masculino. Nesse segundo, seus nomes são sempre lembrados mesmo por feitos pouco grandiosos.

O homem considerava-se outrora o ponto final de tudo. Organizava, ela operava. Governava, ela servia. Fazia as grandes descobertas, ela se ocupava com as notas de rodapé. Escrevia os livros, ela os copiava. Era companheira e assistente, trabalhando para auxiliá-lo, segundo planos traçados por ele. Realizava os trabalhos que ele considerava rotineiros, frequentemente as operações subalternas, detalhadas, repetitivas com as quais ele não queria se incomodar, os trabalhos sujos, banais, semiautomáticos, que ele considerava abaixo de sua dignidade. Ele cortava o pano para receber salário; ela costurava e era paga na base de peça produzida. Ele ditava e ela transcrevia. (PLANT, 1997, p. 41)

Apresenta ainda, a exploração de mulheres nos serviços mais precários nas fábricas, como mãos de obra barata no controle da produção em países subdesenvolvidos, nas empresas multinacionais chefiadas por homens brancos que se utilizam da força de trabalho feminino para o alcance do sucesso e do dinheiro. A essa tendência do sistema capitalista muitos apontam como processos de feminização do trabalho: "[...] quanto mais sofisticado as máquinas, mais feminina se torna a força de trabalho" (PLANT, 1997).

A exploração patriarcal e capitalista das mulheres e de seu conhecimento, o afastamento de mulheres do mundo tecnológico e a exploração de seu trabalho em máquinas projetadas para o trabalho precarizado tornam muito mais político o ciberfeminismo que, por necessidade, não deve e nem pode se restringir ao ciberespaço, mas sim a toda e qualquer tecnologia e conhecimento, assim como Haraway imaginou o ciborgue.

O *Manifesto Ciborgue* de Donna Haraway é um alerta e uma crítica aos movimentos feministas e sociais que ainda não admitiram, até aquele momento, as mudanças tecnológicas da sociedade, por isso em sua definição o ciborgue é um ser sem ideologia, sem gênero e cínico (HARAWAY, 2016). Enquanto o ciborgue não for apropriado e compreendido por esses movimentos eles serão engolidos por um monstro sem ética.

A mistura do mito com a literatura e as tendências no campo social e do conhecimento no manifesto tornam o ciborgue uma criatura ainda mais vívida e presente. E o VNS Matrix e tantos outros coletivos ciberfeministas entenderam isso bem e assumiram o

---

<sup>4</sup> A primeira programadora da história, condessa de Lovelace, possuía grande habilidade com números, era a única filha da união entre o famoso escritor inglês Lorde Byron e a matemática Anne Isabella Milbanke. Trabalhou com o matemático Charles Babbage no projeto da máquina analítica, desse trabalho surgiu a primeira sequência de programação da história de sua criação.

ciborgue e com ele, a necessidade de tomada de poder do conhecimento e da tecnologia pelas mulheres, seja através da educação ou de mobilizações em rede na internet ou fora dela.

Esses são pontos estratégicos do movimento de mulheres: os campos do conhecimento, da educação que também são espaços de disputa política e de poder. É a disputa de quem contará a História. O que se mostrou de extrema necessidade para essas mulheres ocuparem os lugares da ciência, sendo necessário para isso discutir a própria ciência androcêntrica criada por homens brancos e europeus.

A questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar (HARAWAY, 1995, p. 33-4).

A autora defende os saberes que o conhecimento, até então construído por homens, opera com um distanciamento, uma visão parcial e localizada no seu ponto de visão masculinista. Há a necessidade do reconhecimento do saber constituído em rede, não de maneira linear e objetificante. Ela propõe que o pesquisador assuma uma posição, não apenas de cientista, mas com um lugar social, admitindo as redes que compõem a si próprio e o seu estudo.

A apropriação do conhecimento, conseqüentemente da tecnologia e da política, se mostra de grande importância para o movimento feminista, para a visibilidade de suas pautas e desenvolvimento de conhecimentos com capacidade emancipatória e em rede. Para além, buscam assegurar que a internet e suas potencialidades se tornem um lugar seguro para mulheres.

## **2.2 Constituição do ciberespaço e território ciberfeminista**

Na teoria feminista a questão do público e privado assume um caráter bem mais complexo do que os autores (homens) lhes deram ao definir a sociedade burguesa e suas limitações. Elas inserem questões de desigualdade - o que no modelo político liberal é caro à sua lógica de pensamento. O privado se define, de maneira sucinta, como o espectro do feminino, o que é calmo, reservado e fora do alcance público, e, este, nada mais é do que o lugar por definição das decisões dos homens, o espectro masculino, por natureza. Para a

organização liberal e burguesa do social, as decisões sociais estão reservadas, em qualquer sistema político, aos homens, “indivíduos” capazes de decisão. Aqui, as mulheres não são tratadas, então, como indivíduos, já que a elas não se cabem as leis liberais de liberdade e igualdade, porque não são iguais em capacidade e força, “um subordinado natural não pode ser, ao mesmo tempo, livre e igual”. Consequentemente, “as mulheres (esposas) são excluídas da condição de “indivíduos” e, portanto, de participar do mundo público da igualdade, do consentimento e das convenções” (PATEMAN, 2013). Contrariedades primárias entre a perspectiva feminista e liberal.

Dentro de um modelo de produção capitalista, essa exclusão significa, também, subalternidade na exploração do trabalho. Nada mais subalterno, do que um ser que não tem importância política, que não é ‘indivíduo’ e, conseqüentemente, não tem capacidade de decisão individual e muito menos pública.

Essa separação liberal das duas esferas público e privado impede ou ao menos dificulta o acesso de mulheres e outras minorias sociais à política e, conseqüentemente, à esfera pública, definida por Habermas (2003) como o lugar de discussão e debate de atores através de fluxos informacionais e comunicacionais.

No privado, o lugar isolado da vida política por excelência, são preservadas relações de poder e autoridade que limitam a autonomia das mulheres (BIROLI; MIGUEL, 2013), conseqüentemente, os direitos dentro do ambiente familiar se tornam menores a cargo de decisão do chefe, e por isso uma importante ferramenta para a manutenção das estruturas de poder e dominação do corpo, do afeto, do trabalho e da sexualidade femininas, vistas então, como objetos de procriação e satisfação das necessidades e desejos masculinos.

Na primeira onda feminista, na qual em muitos países ocidentais a principal pauta levantada por mulheres de classes altas era o direito ao voto, as reuniões de mulheres também levavam a outras discussões: nem sempre eram debates sobre o ambiente privado, mas, por exemplo, sobre as leis que regulariam o trabalho feminino nas fábricas e nos setores de trabalho feminizado (garçonetes, secretárias, etc) em um claro recorte de classe. As táticas para se atingir o ambiente público que não lhes era permitido em totalidade eram várias desde os famosos piquetes e greves até a organização sindical e o lobby.

Essas ações foram essenciais, ainda que esquecidas, para o avanço de leis que protegessem as mulheres e lhes garantisse algum avanço dentro da sociedade para serem pensadas mais do que simples objetos.

Na segunda onda percebemos a discussão que sai da opressão do ambiente privado e não só somente do público. Como elas não se sentiam reconhecidas como seres humanos

dentro de suas próprias casas e muito menos fora delas, sendo passadas, através do casamento, da tutela do pai para o marido, a educação destinada a elas era vista como algo acima do merecido.

A partir do instante que se politiza o espaço privado, temos a descoberta de um ambiente nocivo e violento, em processos de reconfiguração dos espaços partindo de reivindicações sociais, que reclamam o reconhecimento das assimetrias sociais e das especificidades do grupo determinado, para alcançar, então a igualdade e a participação democrática da esfera pública (FRASER, 2006).

Além da percepção do privado como lugar de violências de toda sorte há, finalmente, o recorte racial com a introdução dos movimentos das mulheres negras, principalmente nos Estados Unidos, a observar sua vulnerabilidade não só nas mãos de homens brancos, mas como diante de mulheres brancas e homens negros.

Os movimentos de mulheres vão ganhando recortes, ramificações e crescem em todo o mundo ocidental criando não só métodos próprios de combate à opressão como também uma vasta literatura, bem como uma quantidade de correntes teóricas e políticas com interessantes diferenças entre si.

Esses movimentos, acompanhados por processos históricos, foram ressignificados ao longo do tempo, ganharam formas e desenvolvimento de táticas de ação, apropriações diversas e ampliando sua rede comunicacional ao ponto de provocar também a esfera pública. As divisões entre privado e público, se antes eram bem definidos em teoria e orientavam a norma da conduta social, após essas reconfigurações do espaço e do tempo tiveram seus limites menos visíveis e fluídos.

Temos à disposição um novo espaço, virtual, composto de infinitas possibilidades de territorialidades, a internet. Nesse lugar de fluxos contínuos de comunicação e conhecimento a metáfora de rede se torna mais viva, visível e até material. As conexões entre os atores se dá em rede, através das mediações e agenciamentos a partir de apropriações culturais, tecnológicas, políticas e sociais, criando novos discursos e formas de se ocupar o espaço, nos relacionando com o outro e com o social de maneiras mais diversas, territorializando e transitando por um complexo de redes informacionais.

A comunicação instantânea globalizada revoluciona a formação de territórios pela configuração de redes que podem mesmo prescindir de alguns de seus componentes materiais fundamentais como os "condutos" ou, simplesmente, dutos. Assim, com uma maior carga imaterial, ou, mais propriamente, combinando de forma muito mais complexa o material e o imaterial, as redes contemporâneas, enquanto componentes dos processos de territorialização (e não simplesmente de desterritorialização), configuram territórios descontínuos, fragmentados, superpostos, bastante distintos da

territorialização dominante na chamada modernidade clássica. (HAESBAERT, 2011, p. 281)

Não perdemos territórios, estamos em processos de criação e desenvolvimento contínuos de movimentos de territorialização em novas instâncias de comunicação e reconfiguração do social.

A configuração e territorialização da internet passam pelo terreno do controle e criação do conhecimento. Seria impossível não compor esse lugar tecnológico com os resquícios e características de si, do ser, do humano e seu relacionamento com o cotidiano, o conhecimento e a política. Um lugar que não se entende necessariamente como particular nem mesmo público. São divisões difusas, porém, as regras criadas pela própria tecnocracia fundamentaram o espaço enquanto lugar de intensas mudanças, metamorfoses e, permissivo, não totalmente livre.

O ciberespaço vai se constituindo em sua formação como o lugar ideal para diversas formas de manifestação cultural e política em rede de forma a conectar o local, o regional e o global. Cada vez que as formas de exploração do espaço eram criadas, discutidas e postas em uso, mais densa a rede se tornava com ramificações e agenciamentos.

O ciberfeminismo se ramifica em milhares de coletivos espalhados pelo mundo e em milhões de mulheres discutindo táticas de ação, eficácia e o território que querem conquistar. Para Faith Wilding, o ciberfeminismo se localiza não só no ciberespaço, mas em outros territórios que incluem a cultura high tech influenciando na produção de tecnologias pensadas e manipuladas por homens e para homens, sem se descolar da ação política necessária à sobrevivência do movimento feminista. Conexões que as ciberfeministas não podem se esquecer.

O recorte de classe, raça e sexualidade dentro do movimento é uma questão importante quando olhamos essa territorialização numa perspectiva também de tempo. Nos anos 1990, década das principais e primeiras movimentações de mulheres organizadas no ciberespaço, estamos diante de mulheres pertencentes aos países mais desenvolvidos, onde o acesso à rede mundial de computadores estava se popularizando de maneira bem mais rápida e coletiva (não tão mercadológica, ainda) do que nos países mais pobres e de população não branca. Imprescindível para compreender porque o ciberfeminismo só ganhou notoriedade e espaço na América Latina a partir da década seguinte, quando há o processo de digitalização do cotidiano (mercantilização da internet, também).

[...] um ciclo mais negativo também se repete, já que as mulheres que encontraram seu caminho para os ciberterritórios são geralmente aquelas que têm vantagens econômicas e culturais em outros territórios. Estas vantagens são concedidas através

da posição de classe, com os seus laços íntimos com a posição cultural e raça. Como este grupo ajuda a abrir as fronteiras a outros grupos desprotegidos, deve-se perguntar: que tipo de ideologia e estrutura aguardarão os recém- chegados? (WILDING, 1997, s/p., tradução nossa)

Talvez, nesse instante, quando o movimento ganha novos territórios físicos, há uma virada e uma revisita às mulheres do passado, ainda que o movimento siga por seus próprios caminhos e se reinvente de maneira a admitir outras localidades e regionalidades ao seu território no ciberespaço.

No século XXI, quando países em desenvolvimento estão cada vez mais conectados à rede mundial de computadores, possuindo uma rede bem mais densa, uma internet totalmente diferente dos anos 1990, o ciberfeminismo sofre com processos de reconfiguração, mas ainda assim parece manter a mesma perspectiva revolucionária e ramificada das mulheres ciborgues. O que nos resta agora é não definir esse lugar, mas rastrear e seguir os rastros de territorialização desses grupos e movimentos de modo a compreender o movimento e suas prerrogativas para continuar unindo mulheres ao redor do mundo.

### **2.3 Política do Híbrido Humano-Animal-Máquina**

Donna Haraway no famoso ensaio “*Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no século XX*” criou a imagem da criatura mítica ciborgue que rapidamente foi apreendida por mulheres que se autodeclaravam ciborgues e proclamavam o início da revolução ciberfeminista.

A criatura do ciborgue é descrita inicialmente por Haraway como:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ação. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ação capaz de mudar o mundo. (HARAWAY, 2016, p. 36)

A hibridização do orgânico com o maquínico dá origem a um mito que não está tão distante de nós como se poderia imaginar a ficção científica de cinema. O híbrido nos perpassa e está em nós a mais tempo do que imaginamos. Humanos operam máquinas antes mesmo da revolução industrial, a curiosidade pelas ferramentas e por maneiras de modificar o espaço a fim de nos territorializar, ocupar os espaços, socializar e resolver problemas que fomentem a busca pelos equipamentos que impactam no cotidiano e nas relações de trabalho e subjetivação.

As fronteiras entre animal e humano, bem como entre orgânico e maquínico, se tornaram cada vez mais difusas, como Haraway alerta “a fronteira entre o humano e animal está completamente rompida”, para ela as singularidades humanas, aquilo que poderia tornar

humanos distintos dos animais, como linguagem e cultura, não são mais fatores convincentes para tal separação. “Ao longo dos últimos dois séculos, a biologia e a teoria da evolução têm produzido os organismos modernos como objetos de conhecimento, reduzindo, simultaneamente a linha de separação entre humanos e animais” (2016), o que ela chama de animalidade humana, também abarca uma tendência política a partir dos movimentos pela proteção dos animais entendendo as conexões existentes e não, necessariamente, buscam um aprofundamento ou demarcação dessas fronteiras, localizando a necessidade da preservação da natureza para a cultura.

O ciberfeminismo compreende, de maneira geral, a máquina digital como uma possibilidade política de revolução. Ainda que existam divergências e um ambiente propício para a criação de uma teoria crítica ciberfeminista cada vez mais sólida, ainda é possível indicar algumas das principais características e objetivos do movimento.

O ciborgue também está aqui nessa transgressão de fronteiras: “Longe de assinalar uma barreira entre as pessoas e os outros seres vivos, os ciborgues assinalam um perturbador e prazeroso estreito acoplamento entre eles” (2016).

O híbrido é também a rede e esta, antes, é um híbrido. Nós e conexões quase infinitos. É o que faz o ciborgue ser algo tão peculiar, ele nos mostra uma rede não desconexa com o resto do universo, ele é causa e consequência ao mesmo tempo, ele engole os dualismos os subverte em fluído, complexidade e código. O que faz com que uma diversidade de entidades esteja interligada seja miticamente ou politicamente. As divisões modernas não fazem mais tanto sentido quando temos a insurreição do hibridismo na pós-modernidade.

O sistema econômico é indissociável à política, às práticas cotidianas e a natureza indissociáveis à cultura, são essas, portanto, conectadas em rede:

Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos [...]. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas. (LATOUR, 2013, p. 9)

Encarando a questão de que estamos lidando com uma rede bem mais complexa, um dos maiores desafios é romper com o mito da tecnofobia feminina e avançar para uma ciberpolítica que seja muito mais do que mulheres com computador, mas sim, com mulheres que programem os códigos da revolução ciborgue, subvertendo a lógica patriarcal.

Para Wilding (1997) o patriarcado e o capitalismo necessitam das mulheres não só como mão de obra barata, como aponta Plant, mas também como uma consumidora pronta para exercer suas funções femininas.

Quando as fêmeas manipulam a tecnologia complexa de uma maneira produtiva ou criativa, ela é vista e tratada como um ato desviante que merece punição. Isso não quer dizer que as mulheres não usam tecnologia complexa. As mulheres são um importante mercado de consumo e ajudam a manter o status quo quando a tecnologia é usada de forma passiva. Por exemplo, a maioria das instituições de comércio ou o governo estão muito felizes em dar computadores às mulheres, contas de e-mail, e assim por diante se torná-las melhores burocratas. É por isso que o aumento da presença de mulheres na Internet não é apenas uma indicação positiva de igualdade. É uma situação muito parecida com a América do final da década de 50 / início dos anos 60, quando os maridos de classe média estavam mais do que felizes em comprar um segundo carro para suas esposas - desde que os tornasse mais eficientes. A tecnologia, neste caso, foi usada para aprofundar o confinamento das mulheres em sua situação, em vez de liberá-las dela. (WILDING, 1997, s/p., tradução nossa)

Plant, em outro ensaio (*Binary sexes, binary codes*), também observa os interesses que existem por trás da dominação patriarcal:

O patriarcado não é uma construção, uma ordem ou uma estrutura. Estas são todas as representações de uma economia, um sistema no qual a mulher funciona como moeda e mercadoria; Meio, meios e base material. Ela existe "apenas como a possibilidade de mediação, transação, transição, transferência - entre o homem e seus semelhantes, de fato entre o homem e ele". A mulher é o intermediário, o intermediário, aquele que toma suas mensagens, decifra seus códigos, conta seus números, carrega seus filhos e passa seu código genético. Ela é o meio, a ferramenta, a primeira mercadoria de uma economia especular cujos circuitos são a definição do patriarcado. (PLANT, 1996, s/p.)

O alerta basilar de Haraway, ainda utilizando o principal personagem de sua mitologia, é de que se o feminismo-socialista não assumir o ciborgue em uma ação irônica e desafiadora do status quo, esse mesmo ciborgue, esse híbrido de humano-animal-máquina engolirá não só o sistema como também os próprios movimentos, construindo uma nova realidade cínica e cruel.

À época a autora não sabe que nome dar ao feminismo ciborguiano, mas sabe muito bem a qual sistema ele precisa se contrapor: a *informática da dominação*, que vem substituir o sistema anterior não cibernético.

A única forma de caracterizar a informática da dominação é vê-la como uma intensificação massiva da insegurança e do empobrecimento cultural, com um fracasso generalizado das redes de subsistência para os mais vulneráveis. (HARAWAY, 2016, p. 78)

O conceito de informática da dominação é um dos mais importantes dentro do manifesto, através dele a autora identifica uma política de dominação que, para ela, ultrapassa os limites do biopoder de Foucault e delimita uma nova forma de dominação e controle da

população e da própria realidade, um sistema informacional de dominação em rede através das máquinas digitais e das tecnologias de comunicação.

A situação real das mulheres é definida por sua integração/ exploração em um sistema mundial de produção/reprodução e comunicação que se pode chamar de “informática da dominação”. A casa, o local de trabalho, o mercado, a arena pública, o próprio corpo, todos esses locais podem ser dispersados e entrar em relações de interface, sob formas quase infinitas e polimórficas, com grandes consequências para as mulheres e outros grupos [...]. (HARAWAY, 2016, p. 63)

## 2.4 Feminino e máquina

Sadie Plant, uma das grandes teóricas do ciberfeminismo, traça em seu livro *Zero and Ones* como a relação entre mulheres e máquinas nunca foi tecnofóbica como aponta o imaginário masculinista: mulheres na história que foram esquecidas e apagadas juntamente com seus grandes feitos. A tese é de que as máquinas e as mulheres sempre tiveram uma relação íntima, muitas vezes atrapalhada pelo patriarcado justo pela transgressão que o avanço do domínio tecnológico e, do conhecimento que o deriva.

Plant pertence a uma corrente de pensamento do feminismo que busca a valorização e posituação da mulher, ou seja, suas características não comparadas ao homem, mas a ela mesma, comportando individualidades e posituações dentro da literatura e da linguagem e conseqüentemente na cultura. Uma questão muito bem levantada por Luce Irigaray, filósofa belga, é que para ela os parâmetros de sujeito e do *eu* são produzidos historicamente a partir do masculino, algo bem aceito em outras correntes. Irigaray enquadra a mulher como igual na categoria de sujeito na filosofia através da crítica à negatividade dada ao feminino. Não existindo, assim, um sujeito único, mas dois: “a exploração da mulher tem lugar na diferença entre os gêneros e ela deve assim se resolver nesta diferença, e não pela abolição desta” (IRIGARAY. 2004) o que inspira uma perspectiva binária na obra de Plant dando sentido aos códigos binários dentro de uma perspectiva filosófica feminina.

A problemática de Irigaray é importante para a recuperação de questões históricas femininas escondidas pelas estruturas masculinistas de poder. Suas ideias casam perfeitamente com algumas correntes da teoria ciberfeminista na perspectiva de buscar igualdade na diferença e não na tentativa de adequação aos padrões masculinos de sujeito nessa busca por igualdade. A problemática do sujeito se insere aqui, então, com outro viés: o de incluir a figura feminina nesse espectro, longe da negatuação como forma de desfazer a crença do homem como sujeito universal e inserir a feminilidade nas categorias de sujeito, experienciando a diferença existente entre os sexos.

Para Irigaray,

Colocar o dois em lugar do *um* na diferença sexual significa, portanto, um gesto filosófico e político decisivo, aquele que renuncia a ser *um* no plural para passar a sê-lo *dois*, como fundamento necessário de uma nova ontologia, de uma nova ética, de uma nova política, na qual o outro é reconhecido como outro e não como um mesmo: maior, menor, no melhor dos casos, igual a mim. (IRIGARAY, 2004, p. 12)

Mesmo que para alguns teóricos pós-modernistas a discussão sobre sujeito tenha morrido com a inserção do híbrido, é de grande importância a revisão que Irigaray faz porque surgem desdobramentos em questões cada vez mais interessantes e caras ao universo feminino, como por exemplo, o cuidado e, de forma interligada, a alteridade. Os modos como mulheres e homens se enxergam são diferentes e isso se manifesta na linguagem e na psicanálise: “A linguagem das mulheres testemunha algumas alienações ou inércias, com certeza, mas manifesta também uma riqueza própria que não tem nada a invejar à linguagem dos homens” (2004).

Plant observa, na natureza dos números a significação do 0 e do 1 para as civilizações antigas. Para os gregos o 0 nada podia significar a não ser o nada, a falta, enquanto o 1 simbolizava algo especial, único. “Para os antigos gregos o 1 era tudo e qualquer coisa, o primeiro e o último, o melhor e o bom, universal, unificado. [...] Ser absolutamente alguma coisa era ser 1” (PLANT, 1997) Essa significação influenciou toda uma filosofia ocidental, “mas como também era o único, ele teve de assegurar que quaisquer outras opções fossem simplesmente variações mais pobres de seu tema.” Ao mesmo tempo que descreve o 1 para os gregos, também define o sujeito masculinista da filosofia ocidental e sua relação com a possibilidade nula de outros sujeitos. A alteridade não é igual, mas sim menor.

Por outro lado, o 0 nada representa, é o sinal de ausência e que possui grande importância para a Máquina Analítica funcionar, desenvolvendo uma função pragmática, dentro do caos ele é a resposta para o problema do infinito. “Caso se supunha que o 0 significa um buraco, um espaço, ou uma peça que falta, e o 1 seja o sinal de positividade, as máquinas digitais viram esses binários pelo avesso” (p. 58).

A base de comunicação e funcionamento das máquinas eletrônicas está no binarismo ligado/desligado; sim/não; 1/0; numa lógica matemática de verdadeiro/falso. Os impulsos elétricos desses comandos binários, pergunta/resposta, conseguem funcionar em um sistema de controle. Uma aplicação da álgebra *booleana*<sup>5</sup>. Da mesma maneira funcionam os

---

<sup>5</sup> George Boole (1815-1864) - Considerado um dos fundadores da Ciência da Computação, apesar de computadores não existirem em seus dias. A Álgebra Booleana é uma formulação de linguagem simbólica do pensamento, onde as variáveis booleanas são representadas através de letras e podem assumir dois e apenas dois valores 0 e 1, representando circuitos elétricos designando verdadeiro ou falso por 0 ou 1. Um sistema algébrico Booleano é munido das operações de adição e multiplicação, onde o método de resolução de equações não resulta em uma resposta numérica, mas sim em uma conclusão lógica.

neurônios, entrada e saída de estímulos, reações químicas e processos de envio de mensagens pelo sistema neural do organismo.

Para a cibernética os sistemas eletrônicos funcionam de forma muito similar com os sistemas neurais dos seres vivos, esse campo do conhecimento estabelece uma relação muito peculiar entre orgânicos e máquinas. Máquinas se comunicam com e como animais e vice-versa. Ainda, os sistemas de comunicação não funcionam indissociáveis do social, seus estímulos, perguntas e respostas são produtores de uma linguagem híbrida.

Um dos resíduos mais importantes que a cibernética legou à cibercultura foi a visão de que os seres vivos e as máquinas não são essencialmente diferentes. Essa noção se manifesta, em especial, nas tecnologias especializadas em mimetizar a vida (tecnologia da informação, robótica, biônica e nanotecnologia) e nas tecnologias especializadas em manipular a vida (as biotecnologias), onde a relação entre organismo e máquina depende intrinsecamente do texto, não só na forma de narrativa científica, mas também na forma dos códigos que determinam o funcionamento tanto das máquinas (softwares) como dos seres vivos (o código genético). (KIM, 2014, p. 206)

A conexão entre máquinas e feminino vai se dando em um primeiro momento do ciberfeminismo, através da codificação dos corpos. O manifesto da VNS Matrix declara: o clitóris é a conexão direta com a matriz (*the clitoris is a direct line to the matrix*). A reivindicação do corpo como máquina, e a máquina como mulher declara a importância do corpo não erotizado para o ciberfeminismo. A simbologia que o clitóris carrega como parte estritamente feminina, um órgão onde reside poder e prazer, mas que também é controlado e oprimido dá a esse híbrido, ciborgue, um tom muito mais audacioso e combativo do que o dos robôs masculinos na franquia de Star Wars.

A imagem de uma máquina do futuro pensante e com capacidade emotiva está sempre interligada a uma figura masculina, em uma aspiração de neutralidade. As ciberfeministas dos anos 1990 declaram: a máquina é feminina e por isso não é neutra.

Os poderes do manifesto estão na paródia e na ironia, estratégias políticas de enfrentamento a um padrão não só de ser humano, mas de representação nas relações humano-máquina “A ironia é a ridicularização aplicada em doses sistemáticas; é uma provocação contínua; ela está esvaziando uma retórica veementemente excessiva” (BRAIDOTTI, 2003).

A linguagem e o uso dela para criar novas representações, desafiando os códigos masculinistas e a linguagem de opressão, construindo novas representações da subjetividade feminina e, conseqüentemente, modificando a todo instante os códigos da revolução das máquinas.

A escrita também é um código a ser politizado no ciberespaço. É uma importante fonte de representações e manifestação do imaginário. Ainda que tenhamos um espaço

aparentemente inovador e criativo na internet, nela também estão os arquétipos e estereótipos conservadores de um masculino hostil, viril e perigoso para as mulheres vulneráveis e fracas.

Personagens femininas diversas da ficção científica colaboram para uma subjetivação e uma mudança no imaginário ciber sobre a mulher, algo que veio ocorrendo com bastante frequência nos anos 2010, um fenômeno que vem colaborando na diversificação da imagem feminina, numa possibilidade de modificar o imaginário. Mais e mais escritas que valorizam o feminino numa tentativa de dialogar as diferenças existentes entre os sexos sem cair nas armadilhas dos estereótipos.

Para Braidotti, o *ciberimaginário*, como denomina o imaginário no ciberespaço, é algo a ser explorado e reivindicado através de narrativas ficcionais, especialmente a ficção científica (a narrativa por excelência do ciberespaço), fazer as narrativas fálicas caírem e uma maior exploração do feminino. A questão é ocupar esse espaço através de linguagens e códigos ciberfeministas. Entendemos que, “o ciberespaço não está livre de contaminação, não é um espaço neutro, porque atua em outros domínios, que são ocupados pelos homens” (MANSO, 2007).

Haraway também dá grande importância para a ficção científica e os retratos trabalhados nela, porém, o seu destino se dá na esfera da apresentação de outras possibilidades para a compreensão do corpo e da política dos corpos dentro da narrativa ciborguiana e da realidade que as máquinas apresentam para a humanidade.

Nossos corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade. Os ciborgues não constituem exceção a isso. O corpo do ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até que o mundo tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação. A máquina não é uma coisa a ser animada, idolatrada e dominada. A máquina coincide conosco, com nossos processos; ela é um aspecto de nossa corporificação. Podemos ser responsáveis pelas máquinas; elas não nos dominam ou nos ameaçam. [...] Ciborgues podem expressar de forma mais séria o aspecto – algumas vezes, parcial, fluido – do sexo e da corporificação sexual. (HARAWAY, 2016, p. 96-7)

A imaginação é mesmo um território a ser redesenhado, não só no ciberespaço, mas nos locais pelos quais a linguagem perpassa, modificando o modo como os vários eus vão se agenciando nos diversos espaços e territórios construídos pelo trabalho e pelo cotidiano. Os variados tipos de código e linguagens se iniciam no terreno da imaginação e das representações feitas ali, seja de maneira coletiva ou individual, a linguagem não é neutra e está sob constante metamorfose.

Se o clitóris é a matriz, origem de tudo, o útero é a incubadora esquecida. As

mulheres estão em pleno contato com a gênese e com o futuro, a força geradora ciborguiana. O manifesto da VNS Matrix marca o início dos movimentos cyberfeministas, é o momento exato em que mulheres, inseridas no contexto de opressão no ciberespaço e leitoras do Manifesto Ciborgue, conectam o mito ao combate real e disputam através da arte, da performance e da imaginação o ciberespaço.

A estratégia mais eficaz para as mulheres ainda é usar a tecnologia para libertar a nossa imaginação coletiva do falo e acessórios, tais como valores violência sistemática dinheiro, exclusão e dominação, o nacionalismo, feminilidade icônico (BRAIDOTTI, 2003, p. 10)

Assim como a VNS Matrix muitos outros coletivos surgiram. Em 1997 elas se reuniram em Kassel, na Alemanha, *The First Cyberfeminist International*, reunião que ocorreu como parte do Hybrid Workspace at Documenta X. Esse primeiro encontro levantou as questões sobre a definição do movimento e o que essas mulheres queriam.

Ainda que não tenha chegado a um lugar definido sobre o que é o cyberfeminismo em fato e realidade, temos uma grande quantidade de táticas e teses sobre o feminismo, as mulheres e as máquinas, que são de grande importância dentro dos campos de disputa de mídia, imaginário e poder. A politização dos computadores é a principal ferramenta de ação dessas mulheres. No século XXI o movimento conseguiu atingir a América Latina e outros países periféricos sendo essencial para um momento muito peculiar do feminismo e de mulheres em zonas de violência na reivindicação de liberdade política de seus corpos.

## **2.5 Cyberfeminismo e o conhecimento de ofício das máquinas**

Segundo Wajcman (2009) os estudos tecno feministas do fim dos anos 1990 e início dos 2000 já identificavam que nos processos de formação das profissões de engenheiro, refinamento do trabalho com máquinas, as funções de trabalho direto com máquinas passam a pertencer ao universo dito masculino,

Durante o final do século XIX, a engenharia mecânica e civil passou a definir cada vez mais o que é a tecnologia, diminuindo a significância de ambos os artefatos e formas de conhecimento associados às mulheres. Este foi o resultado da ascensão dos engenheiros como uma elite com direitos exclusivos de especialização técnica. Fundamentalmente, envolvia a criação de uma identidade profissional masculina, baseada em qualificações educacionais e na promessa de cargos gerenciais, bem diferenciada da engenharia de chão-de-fábrica e dos operários. Também envolvia um ideal de masculinidade, caracterizado pelo cultivo de proezas corporais e realizações individuais. Ao mesmo tempo, a feminilidade estava sendo reinterpretada como incompatível com as buscas tecnológicas. (WAJCMAN, 2009, p. 144)

Entendemos que a tecnologia, muito ligada à ciência, possui incongruências semelhantes no processo excludente ao qual o conhecimento se estabelece, não estando de

maneira alguma avesso às estruturas e relações de poder, pelo contrário, se funda e se legitima baseado nas diferenças, não só de sexo, mas raciais e de classe. O que reverbera de diversas maneiras na sociedade, na concepção que temos de ciência e de tecnologia e, conseqüentemente, no trabalho. Se as normas de gênero e classe estão imbricadas não só na nossa cultura, mas sim, de maneira profunda na sociedade, sendo um dos pilares de sustentação do sistema, que se alimenta da exclusão, obviamente, que a formação da mão de obra e das pessoas será influenciada por isso, como modus de sustentação.

Diferentes exposições da infância à tecnologia, a prevalência de diferentes modelos, diferentes formas de escolarização e a extrema segregação entre gêneros no mercado de trabalho levam ao que Cockburn (1983, p. 203) descreve como “a construção de homens fortes, manualmente” capaz e dotado tecnologicamente, e as mulheres fisicamente e tecnicamente incompetentes”. Entrar em domínios técnicos exige, portanto, que as mulheres sacrifiquem os principais aspectos de sua identidade feminina. (WAJCMAN, 2009, p. 145)

O principal problema é que se identifica uma necessidade, para que as mulheres possam penetrar nesses espaços, que elas neguem aspectos de sua identidade e feminilidade – em um ambiente nocivo ao feminino –, mesmo que elas nunca sejam aceitas da mesma maneira que outros homens. Essa negação do feminino afeta não só as mulheres como tudo o que pertence a esse universo de exclusão, esse universo feminino e de classe subalterna. Negação contribui para a manutenção do poder masculino nas tecnologias e afastamento das mulheres, colaborando para uma desigualdade e a legitimação da mesma.

Como veremos mais adiante, a preservação do trabalho em termos masculinistas preserva também o emprego e a posição social desses homens, ainda que estejam em posição subalterna.

Ainda que o domínio das máquinas seja masculino e sua formação seja masculinista as mulheres conseguem se apropriar e criar identidades ligadas à tecnologia, como bem exemplifica o mito do ciborgue de Haraway, longe de ser uma análise extremamente positivista, há de se encarar o fato de que ainda há o desafio da apropriação do dominado criando novas linguagens. A apropriação feminina pode se dar sem perder a sua identidade, reafirmando diferenças e recriando e criando novas identidades e desafiando fronteiras que põem abaixo os binarismos do modernismo que infectam a tecnociência e a transformam em uma arma de dominação.

O ciberfeminismo, embora se admita como um movimento contrário ao domínio masculino sob as tecnologias e o corpo das mulheres, sempre possuiu uma ala afastada e não assumidamente feminista, um problema para muitas autoras e ciberfeministas que precisavam encontrar no movimento possibilidades de ação política. É um movimento interessado nas

relações entre mulheres e tecnologia, ao passo que a arrancada tecnológica modifica relações, tanto no espaço do trabalho, da produção, quanto no ambiente privado, da casa, da reprodução. Por mais que mulheres tenham ganhado cada vez mais espaço no mundo do trabalho maquínico, por ser uma mão de obra mais barata e por vezes menos qualificada, ela não está em plena ciência do conjunto de conhecimentos necessários para a construção da máquina (WAJCMAN, 1998) um trabalho alienado que dá margem a diferentes formas de exploração.

O trabalho é uma temática cara às feministas de quase todas as correntes do conhecimento, é através dele que se iniciam análises da relação entre produção e reprodução e como a feminização do trabalho modifica cenários e coloca em ponto de rivalidade ou domínio a relação de homens e mulheres. É um espaço em que sua divisão também é orientada a partir de estereótipos de gênero, estabelecendo uma divisão sexual do trabalho, no qual, de maneira generalista, os trabalhos mais precarizados ou que pertençam ao universo do feminino são ocupações direcionadas às mulheres, trabalhos feminizados, orientados à uma mão de obra barata e desqualificada (não necessariamente ocupados apenas por mulheres, mas orientado para a feminização e precarização).

A divisão sexual do trabalho para as mulheres não opera tão somente na dinâmica da produção mas também no de reprodução, um local no qual circunda não só as características biológicas da potencialidade de reprodução das mulheres, mas também o cuidado com o ambiente doméstico e familiar, "[...] a estereotipação dos empregos não é apenas um reflexo do papel tradicional da mulher no interior da família; é também criado e reproduzido pelas relações patriarcais do trabalho remunerado." (WAJCMAN, 1998)

Questões que põem luz às relações de gênero no ambiente do trabalho e fornecem informações interessantes para repensarmos a relação das mulheres com as máquinas, inclusive no ambiente de trabalho, o qual, caracteristicamente não permite de maneira fácil e nem ingênua que mulheres possam ter consciência e ciência de seu ofício, mesmo no trabalho de escritório altamente computadorizado. Nem sempre lhes é dado o direito a conhecer por completo a máquina à qual operam, ficando esse conhecimento retido aos homens, que mais uma vez por questão de estereótipo não é o lugar adequado para elas. A qualificação, portanto, também pode ficar restringida não só por um ideal de mercado e economia patriarcais, mas por mera sobrevivência e não precarização dos trabalhos masculinos.

Em via de regra nos processos de feminização do trabalho ocorre que quanto mais feminino é o trabalho mais sofisticada é a máquina, ou seja, quanto menor a necessidade de qualificação para o ofício, mais precarizado será o trabalho e maior a exploração e margem de lucro dos donos dos meios de produção, daí um dos motivos da importância do avanço

tecnológico para as empresas, não só fábricas como também escritórios. Uma exploração evidente do capitalismo sob a organização sexual do trabalho.

Os sistemas tecnológicos são orientados a atingir um objetivo e este objetivo geralmente é reduzir os custos e ampliar os rendimentos. Quando os tecnólogos focalizam o esforço inventivo nos componentes “ineficientes” de um sistema, geralmente, para fins práticos, “ineficiente” significa não- econômico. Portanto, o raciocínio tecnológico e o raciocínio econômico são quase sempre inseparáveis. (WAJCMAN, 1998, p. 237)

Wajcman também se atenta para o projeto das máquinas e a que público ela é dirigida inicialmente no processo de desenvolvimento:

É predominantemente o homem quem projeta o processo tecnológico e a maquinaria industrial. É o conhecimento e a experiência dos engenheiros e dos trabalhadores que usam as máquinas que penetram no formato das novas tecnologias. O equipamento mecânico geralmente é produzido e montado de um modo que o torna muito grande e pesado para ser utilizado pela mulher “comum”. Isto não precisa ser um processo consciente ou uma conspiração. Trata-se do resultado de um padrão de poder preexistente. Não podemos concluir que os homens sempre projetam a tecnologia para o seu próprio uso e de acordo com os seus próprios interesses. É mais complexo do que isso. O interesse do capital não pode ser considerado sempre coincidente com o interesse dos homens enquanto sexo. Como vimos acima, algumas tecnologias são desenhadas para serem usadas por mulheres, a fim de romper o controle do ofício pelos homens. Portanto, as divisões de gênero são exploradas freqüentemente nas lutas de poder entre capital e trabalho. Deste modo, as relações sociais que moldam a tecnologia incluem tanto as relações de gênero quanto as de classe. (WAJCMAN, 1998, p. 255,)

Um problema já apontado em diversos estudos feministas sobre as origens de instrumentos como os de cozinha e os aparelhos celulares. Hoje, a exigência do mercado é por produtos mais diversos e segmentados, mesmo assim ainda nos deparamos com erros grotescos no desenvolvimento de um produto ou uma ideia utilizando bancos de dados ou mesmo com a base de aprendizagem da máquina.

Estudos mais recentes vêm mostrando como dados de big data podem ensinar “erroneamente” uma máquina e causar efeitos de imagens e visões estereotipadas. Dados e fontes de dados enviesados ensinam a segregação à máquina, a mesma que encontramos no próprio ciberespaço – que um dia foi dado como neutro e livre – são alguns dos problemas que nos apontam como a tecnologia não é neutra e como se dá a percepção de mundo de quem produz e projeta.

As análises apresentadas demonstram como o mundo da tecnologia não é projetado para uma penetração completa das mulheres no mercado de trabalho sendo dominado por estereótipos de gênero e por uma lógica patriarcal que orienta decisões econômicas e políticas no mundo do trabalho. Tanto trabalhadores como capitalistas participam, de formas diferenciadas, dos processos de afastamento das mulheres de postos mais qualificados de trabalho. Ainda tenham havido mudanças a entrada das mulheres no mercado de trabalho ainda

é orientada por divisões sexuais do trabalho. Uma boa ilustração.

As marcas da divisão sexual e domínio do mundo do trabalho pelos homens brancos nos dá uma noção de como a nossa política e organização social e as hierarquias existentes no sistema econômico ocidental também está presente na tecnologia, o que não a salva de nenhuma neutralidade, algo que Haraway nos anos 1980 já previa em seu manifesto.

## **2.5 Ciberfeminismo e as oportunidades de uma revolução feminista**

As máquinas desafiam os paradigmas da modernidade e introduzem uma infinidade de novas problemáticas e necessidades de análise e estudo. O conhecimento passa por uma mudança radical, suas funcionalidades são repensadas a partir de novos agenciamentos e novas perspectivas. As contribuições da crítica feminista ao conhecimento e suas correntes são de grande importância para as análises dos novos tempos.

O mito de Haraway é um dos nós nessa rede complexa do conhecimento humano, o qual reavalia em qual estágio estamos de humanidade. Somos agora humanos, mas máquinas também. Um indício de que o objeto não é estático é que ele pode circular, se movimentar dentro das redes de acontecimentos. Bem como a própria literatura com seus frankensteins mobiliza o imaginário ciberpunk e ciberfeminista.

Se o ciborgue é um ser mitológico, porém presente nas sociedades informatizadas, qual recurso resta ao feminismo? Apropriação dos fluxos comunicacionais. O que Deleuze já indicava como uma chance revolucionária no que denomina sociedade de controle, subvertendo a ordem sistêmica através de suas próprias armas de controle e vigilância, “criar vacúolos de não comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992, p. 217).

Ainda que se imagine um fluxo informacional muito maior e redes de comunicação informatizada, não se deve avaliar tão depressa que serão os processos de mudança nas comunicações e percepção do espaço que irão mudar as cadeias de opressão existentes na sociedade. É necessário refletir para além, na maneira mais revolucionária possível, ou pelo menos a modo de garantir a supressão de qualquer tipo de opressão em processos de dissolução das diferenças de classe (FRASER, 2006).

Tomamos por isso que, o sistema de dominação capitalista sempre terá meios de manter as desigualdades, se apropriando dos agenciamentos, dos movimentos culturais e sociais, ao que tudo se tem uma resposta, e em breve ela deve ser definitiva.

Das metáforas mais usadas, a do ciborgue é de fato a mais transgressora e com perspectivas a modificar o sistema e destruir padrões hegemônicos. Não só para o movimento

de mulheres, mas para uma revolução socialista ciborguiana, como prega Haraway. Para tanto cabe às mulheres a devida apropriação revolucionária da criatura humano-animal-maquínica.

A terceira onda (com algumas exceções) não conseguiu se mover para uma área crucial, no entanto, e essa foi a revolução nas comunicações e tecnologia da informação. O ciberfeminismo representa um novo conjunto de exploradores prontos para mover a luta para este novo território. Até agora, o movimento ainda é muito jovem para enfrentar lutas inerentes à economia da diferença. Como na maioria das fronteiras, ainda parece haver espaço para todos. Ao mesmo tempo, há lições a serem aprendidas com a história. Os movimentos radicais em sua infância tendem a retornar aos padrões passados. O ciberfeminismo não é diferente, e questões-chave feministas como a subjetividade feminina, separatismo e manutenção de limites e identificação territorial são obrigadas a surgir novamente, mesmo que pareçam mortas em outros territórios feministas. (WILDING, 1997, s/p., tradução nossa)

O ciberespaço acabou sendo um ambiente propício às manifestações não só políticas como artísticas. A máquina de calcular se tornou um conjunto de máquinas interligadas formando uma rede rizomática quase infinita e difícil de se mapear.

Um dos caminhos importantes para se reconstruir a política feminista-socialista é por meio de uma teoria e de uma prática dirigidas para as relações sociais da ciência e da tecnologia, incluindo, de forma crucial, os sistemas de mito e de significado que estruturam nossas imaginações. (HARAWAY, 2016, p. 63)

E os territórios e suas fronteiras possuem agora limites difusos e permeáveis, nada mais acertado de que uma definição sobre o lugar de atuação do feminismo que também se expandiu e se tornou permeável e isso quer dizer que: elas estão em todos os lugares.

### 3 GÊNERO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: conexões ciborguianas e feministas

*"Patriarcado não é uma construção, uma ordem ou uma estrutura. Essas são todas representações de uma economia, um sistema no qual a mulher funciona como moeda e mercadoria; meio, meio e base material. Ela existe" apenas como a possibilidade de mediação, transação, transição, transferência - entre o homem e seus semelhantes, de fato entre o homem e ele próprio. "A mulher é a intermediária, o homem intermediário, aquele que toma suas mensagens, descriptografa seus códigos, conta seus números, carrega seus filhos e transmite seu código genético. Ela é o meio, a ferramenta, a primeira mercadoria de uma economia especular cujos circuitos são a definição do patriarcado." Sadie Plant, **Binary Sexes, Binary Code**<sup>6</sup>*

Quando Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 2008 [1949]) lança em seu mais famoso livro a frase mais explorada pelo feminismo ao longo dos anos seguintes: “não se nasce mulher, torna-se mulher.”, algo se move não só no mundo das ciências como na vida cotidiana e na política, o exercício de separação da cultura e política da natureza, foi lançado à filosofia das mulheres em um reposicionamento da mulher como sujeito e objeto tanto no social, na política, quanto na ciência, *ser e tornar-se* se tornaram verbos muito importantes nas discussões feministas, tanto militantes quanto científicas, de maneira a formar e deslocar o sujeito do feminismo transformando-o não só em matéria de militância como da própria crítica feminista, que em idas e vindas desmonta o sujeito e o objeto do feminismo.

Gênero, uma palavra com diversidade de significados em outra diversidade de línguas, geralmente usado para classificações – como na literatura, acaba por ganhar a atenção de um objeto de estudo e com ele significados outros e, principalmente, problematizações da organização social e sexual, conseqüentemente do humano e de sua história, sendo cada vez mais complexo e problematizado.

Em meio às manifestações feministas da segunda metade do século XX o termo gênero acaba surgindo como uma forma de se discutir as temáticas femininas em tentativas de neutralidade, em termos a se legitimar no campo acadêmico como estudo científico válido, além

---

<sup>6</sup> Trecho de um famoso ensaio de Sadie Plant que contém reflexões sobre a mercadoria mulher e o tecnocapitalismo. Disponível em: <http://www.t0.or.at/sadie/binary.htm>

de poder, de certa maneira, entrelaçar e trabalhar as relações entre os sexos nos estudos e na militância feminista. Ao longo dos anos e desenvolvimento do termo pareceu não bastar falar da situação da mulher, era necessário buscar a fundamentação de seu status social e de tudo o que compõe e circunda as marcas da diferença sexual.

Ainda que em muitas correntes a relação tenha sido trabalhada de maneira a essencializar o feminino tornando-o um sujeito que mesmo em seu status inferior possui habilidades diferenciadas e não exploradas, muitas outras correntes partiram para a investigação concentrada em outros pontos ou teses da origem da opressão, não necessariamente baseadas nas diferenças de habilidade ou sexuais, mas de como seus papéis são desenhados e construídos de acordo com as necessidades do sistema. Daí os feminismos já conseguem tomar caminhos diferentes, a partir de suas filiações metodológicas e teóricas diversas. Algo que é essencial para a inclusão de gênero (não relacionado só à mulher) como objeto de estudos feministas e contribuindo para o processo de inserção da categoria nas ciências em geral.

Donna Haraway, em um desafio de escrita para um novo dicionário marxista alemão nos anos 1980 é convidada a escrever sobre um novo verbete, gênero, oriundo dos movimentos sociais dos anos 1960 e 1970 e, ao invés de dar um significado acabado e pronto para gênero, a autora esmiúça toda a complexidade do termo na linguagem e as correntes feministas que já se lançaram a escrever sobre e caíram em análises sobre a condição da mulher e do feminino, cada grupo e teórica com a sua orientação acadêmica e localização chegam a posicionamentos muitas vezes controversos sobre o que gênero e seu opositor dualístico significam para o feminismo e a mulher. “Gênero é central para as construções e classificações de sistemas de diferença. A diferenciação complexa e a mistura de termos para “sexo” e “gênero” são parte da história política das palavras” (HARAWAY, 2004).

Sexo e gênero existem num sistema de diferenciação feminista na esfera de oposição dualística entre natureza e cultura, estabelecendo que sexo pertence ao universo da natureza (e por isso está dado e não problematizado inicialmente) e gênero se encontra no reino da cultura e organização social estabelecendo papéis sociais a cada sexo. Convencionou-se, de maneira geral e em princípio, definir gênero – objeto de estudo feminista – como uma divisão social e cultural dos sexos masculino e feminino, estabelecendo a dualidade gênero-sexo imbricada nos dualismos cultura/natureza, social/biológico, estes ligados à dualidade masculino/feminino.

Dualidades existentes na filosofia e nos estudos sociais que remontam à uma leitura masculinista do mundo, no qual o sujeito é montado aos moldes masculinos e ocidentais, que já não fazem mais tanto sentido para um estudo cada vez menos binário e aberto à

multiplicidade do objeto, questionador do sujeito e avesso às oposições fronteiriças entre natureza e cultura, homem e mulher, etc. Desse modo, os elementos dualísticos das ciências em poucos anos se mostraram ineficazes para os estudos de gênero e abordagens satisfatórias por não permitirem a expansão de suas fronteiras engessando os estudos e não conseguindo mais responder às exigências de novos paradigmas relacionados à identidade, à sexualidade e à raça.

Uma das principais pesquisadoras feministas, a historiadora Joan Scott (1989), é uma autora dedicada ao estudo de gênero dentro da história na possibilidade de investigar uma história das mulheres. Em uma análise de como se dão as investigações e quais as escolhas que as (os) pesquisadores fazem quando o assunto é relacionar a mulher nos processos históricos. Para ela gênero é uma categoria de estudos que vêm, em um primeiro momento, para legitimar a ciência feminista, tornando-a mais neutra diante das demais ciências, já que não isola os estudos na categoria mulher, mas em tudo o que envolve as relações sociais baseadas no sexo.

O gênero parece integrar-se na terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política – (pretensamente escandalosa) – do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela a sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais), que as mulheres são sujeitos históricos legítimos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que a gente poderia chamar de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos 1980. (SCOTT, p. 6. 2008 [1989])

O termo começou a ficar recorrente entre as feministas americanas como modo de se afastar dos determinismos biológicos inscritos nos termos já usados relacionados ao sexo, "gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades" (SCOTT, 2008). Escrever através dos estudos feministas uma nova história, mais inclusiva, era necessário, então, modificar as figuras e os termos tradicionais de modo a permitir uma história das mulheres era necessário. Mas a partir da reflexão de que a história das mulheres poderia não estar dissociada da dos homens o termo gênero ganhou outro aspecto nas pesquisas, englobando sistemas de diferenciação sexual também na história e relacionando-os em seus processos. Gênero precisava ter o sentido de relações sociais baseadas no sexo e seu estudo seria também norteado por essas relações.

Porém, para a autora gênero retira o caráter político ao incluir as mulheres sem nomeá-las (SCOTT, 2008) e por isso não se estabelece como uma ameaça ao sistema e assim, possibilita sua busca por legitimidade como objeto com a neutralidade que se exige da ciência. Ao mesmo tempo estabelece que há entrelaçado informações de homens e mulheres a partir de suas relações sociais baseadas nas suas diferenças sexuais. Para Scott, o estudo de gênero se

estabelece também como o estudo do outro (não da mulher como sujeito, mas como outro), o que se caracteriza, em sua crítica, como um problema que corrompe algumas teorias e teses não possibilitando avanços significativos nos estudos sobre as mulheres e de gênero.

Gênero como objeto de estudo de diversas disciplinas reúne uma série de aspectos, dos que Scott elenca está presente uma crítica à tentativa de relação entre os sexos como se a história de um não se dissociasse do outro ainda que a história oficial renegue as mulheres; a rejeição ao determinismo biológico como explicação para as diferenças entre os sexos, o que possibilitou a ideia de papéis de gênero a partir de uma construção social (não necessariamente biológica), no que implica ideais, imaginário e organização social e, principalmente suas identidades, "gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado" (SCOTT, p. 7); além disso, seu uso se tornou útil no simples fato de:

distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos (as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade. (SCOTT, 2008 [1989], p. 7)

Mas a autora critica tanto pelo seu esvaziamento político quanto a pouca ou nenhuma explicação do porque essas relações sociais foram construídas dessa maneira, a origem das diferenças sexuais em visão sociológica e histórica parece ser difícil de alcançar, e essa se mostra sua principal preocupação em relação aos estudos existentes. Além disso, gênero se aloca, em algumas linhas de pesquisa, como um estudo menor, reservado a mulheres, crianças e assuntos relacionados como a família, não tendo capacidade de se relacionar assim com a política ou o poder.

As preocupações de Scott a levaram a uma definição de gênero que reconheça processos conectados a diversas esferas, sem uma origem única para os problemas, de modo que a concepção de poder de Foucault para ela se torna extremamente útil, de maneira que é possível colocar gênero conectado e indissociável ao poder foucaultiano, suas tecnologias e processos.

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 2008 [1989])

Scott propõe uma nova forma de analisar gênero dentro de história de maneira que remodela o lugar dessa categoria nos estudos e o relaciona de maneira mais firme às formas de

poder, não somente à cultura ou à família, mas nas instituições sociais e sistemas de dominação, colocando o gênero como importante, não só em relação a si mesmo, mas em conexão à outras categorias, funcionando sempre nessa maneira interligada e localizada. Ela elenca quatro aspectos das relações de gênero que demonstram como a diferença que o gênero estabelece e regula funcionam socialmente para além das relações de parentesco.

A primeira e a segunda se estabelecem através de "símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas" em primeiro, e em segundo e de maneira relacionada, "conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter suas habilidades metafóricas" (SCOTT, 2008 [1989]), aspectos que nos lembram as características textuais de diversos elementos sociais intrínsecos à linguagem, como o discurso e a imagem, presentes no cotidiano, trazendo e legitimando significados e diferenciações que se relacionam de maneira íntima ao gênero, como por exemplo, a religião (igreja) e a educação (escola).

As demais estão localizadas no seio dos estudos de gênero dentro da história, e se tornam meios de uma nova abordagem analítica. Scott faz o gênero sair da zona da vida doméstica e o torna móvel, não fixado às normas binárias. Por uma necessidade analítica, gênero não pode deixar de incluir "uma noção de política quanto de uma referência das instituições e organizações sociais", isso quer dizer que gênero também "é construído igualmente [ao parentesco] na economia, na organização política e, pelo menos na nossa sociedade, opera atualmente de forma amplamente independente do parentesco." (SCOTT, 2008 [1989]). Gênero alça a um nível maior nos estudos, ele exige uma conexão que saia da clausura da domesticidade e dos domínios pelo parentesco, a família, e se estenda em reflexão, pesquisa e análise, a outras esferas não menos importantes e não menos relacionadas e conectadas. Gênero também circula, também faz parte e também se move. Por último, a autora relaciona gênero à identidade subjetiva, em como os símbolos, o poder e as instituições se movem em processos de legitimação do poder e do gênero de maneira a estabelecer as normas e a concebê-las como naturais ou não, estabelecem as diferenças a partir das marcas do sexo em sua localização (cultural, política e temporal) construindo concepções de gênero e processos de dominação e controle.

Teresa de Lauretis traça uma perspectiva tanto do *gênero como uma ideologia*, quanto, mais adiante, como uma representação. A partir dos textos de Althusser, a autora faz um paralelo entre as definições de ideologia do autor e compara o que entendemos de gênero como *construção social* que invade o imaginário e constrói e funda ideias:

Ao afirmar que a ideologia representa "não sistema de relações reais que governam a existência de indivíduos, e sim a relação imaginária daqueles indivíduos com as relações reais em que vivem" e que lhes governam a existência, Althusser estava também descrevendo, a meu ver, o funcionamento do gênero. Poderá ser argumentado que equacionar gênero com ideologia é uma simplificação simples ou exagerada. Não é certamente que faz Althusser, nem o que faz o pensamento marxista tradicional, em que o gênero é uma questão um tanto marginal limitada à "questão da mulher". Pois, assim como a sexualidade e a subjetividade, o gênero se localiza na esfera privada da reprodução, procriação e família, e não na esfera pública, propriamente social da superestrutura, onde a ideologia se insere e é determinada pelas forças econômicas e pelas relações de produção. (DE LAURETIS, 1987, p. 212)

A autora consegue fazer um paralelo entre as teorias de Althusser sobre ideologia, o gênero e o próprio feminismo, de modo a, por meio da lógica, chegar ao que chama de *ideologia de gênero*, termo famoso hoje mais por vieses conservadores na América Latina do que pelas mãos de autoras feministas, ela insiste que o gênero funciona como a ideologia funciona para Althusser, como algo que está intrínseco ao social e em sua formação, que define papéis e ocupa espaço no cotidiano. É uma questão que pode nos explicar como atua o gênero socialmente e com isso constrói estereótipos que se desenvolvem ao longo do tempo e com a sociedade, de forma a fazer parte da subjetividade dos indivíduos bem como a ideologia.

[...] a teoria da ideologia de Althusser se encontra presa, sem se dar conta de sua cumplicidade, à ideologia do gênero. Mas não é só isso: mais importante, e mais relevante ao propósito imediato de minha argumentação, a teoria de Althusser, tanto quanto uma teoria possa ser validada por discursos institucionais e adquirir poder ou controle sobre o campo do significado social, pode ela própria funcionar como uma tecnologia de gênero. (DE LAURETIS, 1987, p. 213)

Tecnologia de gênero para de Lauretis está conectada a Foucault e seus escritos sobre poder e sexualidade, já que o autor não admite a ideia de gênero quando trabalha com sexualidade e suas tecnologias – das relações baseadas na diferença sexual mais especificamente – de Lauretis monta uma crítica e contribuição, de modo que a tecnologia de gênero influi em como as engrenagens da organização social baseada em gênero funcionam. O discurso é um lugar importante para as teses da autora, porque é nele que as ideias circulam e tomam forma socialmente e culturalmente. Sua preocupação maior está na literatura e no cinema, veículos que além de fazerem parte de seu trabalho de pesquisa também influenciam no comportamento dos sujeitos e em suas identidades.

Comportamento, a manifestação da representação, do gênero, é um ponto extremamente importante aqui: a ação causada nos e pelos sujeitos a partir dos discursos de ideologia de gênero presentes nos discursos.

O gênero para ela é uma representação que produz as diferenças sexuais e o feminismo deve, então, criar estudos que possam investigar essas diferenças, origens e fundamentações. O que pode nos levar a outro ponto essencial: as diferenças sexuais e a ordem

sexual num sistema (sexo-gênero) está intimamente conectada à economia e à política, o que enfatiza a importância da organização social na esfera de gênero e o que influi nos comportamentos, além de mostrar a funcionalidade da ordem sexual.

Lauretis está em busca de um conceito de gênero que se conecte com a subjetividade humana e com seus artífices sociais, com as engrenagens que movem a vida. Porém, se vê limitada ao utilizar-se de binarismos<sup>7</sup>, ainda que em intensa atividade com outras questões. Mesmo assim, consegue nos trazer uma base substancial para uma outra definição de gênero, como algo que produz efeitos seja sobre os corpos ou sobre as mentes ou sobre o social, como uma tecnologia, com seus dispositivos, que está em intensa articulação e conectada ao poder, produzindo e sendo produto das relações e se realizando através do comportamento das pessoas, mesmo sendo uma representação produz efeitos na vida objetiva e subjetiva.

### **3.1 Gênero e a queda do binarismo**

Os limites dos estudos de gênero chegaram a esbarrar na dualidade sexo/gênero e demais dualidades relacionadas, como natureza/cultura, mostrando que havia uma necessidade de citar o sexo e, no máximo, conseguir problematizar os opostos. O empecilho está em não observar as interseções e problemas no caminho entre esses opostos, limitando a própria definição de gênero a uma simples construção cultural sem avançar na exploração do objeto. Uma relação mais próxima com o sexo e as diferenças biológicas parecia necessário. O afastamento anterior da natureza em uma perspectiva de alçar à categoria de sujeito político e legitimar gênero enquanto diferença cultural sem questionar o sexo provoca um quase esquecimento, ou pouco lembrada, da relação do corpo com o social e sua formação também cultural, além das próprias bases de estudo da biologia e como as concepções de corpo funcionam dentro de uma diferença sexual pressuposta e dada. Um dos principais problemas relacionados com a divisão binária gênero-sexo é não possibilitar o questionamento da própria biologia e suas ciências e dos moldes como se define, se estuda e se comporta o corpo humano de maneira associada e interconectada. O corpo também possui política, mas como trabalhar o corpo sem especializações ou sem cair nas armadilhas do determinismo biológico?

---

<sup>7</sup> O conhecimento moderno é inundado de dualidades que compõem significados e símbolos, separando mundos sempre em dois reinos, esses reinos conversam e dialogam entre si, mas não permitem multiplicidades fora do diálogo dualístico entre natureza/cultura; feminino/masculino; privado/público. As concepções binárias nem sempre assimilam a confluência e influência entre esses reinos e os dinamismos presentes nos acontecimentos e coisas que os circundam. As correntes feministas pós-segunda onda passam a admitir a não pureza desses elementos e assimilação dos múltiplos.

O reconhecimento da política e suas relações com o sexo e suas diferenças, convenções, regras e políticas sociais, modifica a percepção do que é gênero dentro dos estudos feministas. Haraway e outras feministas oriundas também das ciências da natureza mostram essa preocupação ao colocarem em evidência a marca da diferença na ciência e nos estudos, como o corpo é percebido e quais corpos são percebidos e como as diferenças políticas também estão embutidas em explicações ditas naturais e biológicas, aí podemos incluir as diferenças entre homens e mulheres, e como esses cientistas da natureza podem decidir o que é homem e o que é mulher baseado em uma marca corpórea que nem sempre é eficaz.

Anne Fausto-Sterling, bióloga americana, escreve sobre as marcas de gênero também no sexo, desconstruindo o dualismo sexo/gênero empregado por feministas anti determinismo biológico, uma aproximação necessária a partir da visualização dos corpos desviantes, os que não se encaixam no duo masculino/feminino dos humanos. Em exemplo, as diferenças e a própria classificação da ciência por características anatômicas são questionadas diante de *mulheres* que nasceram sem útero e *homens* que possuíam os dois sexos, além das capacidades corpóreas. Atletas femininas tão ou mais fortes que atletas masculinos, no mesmo esporte, fazem cair por terra a força masculina em detrimento da delicadeza feminina.

As perguntas e respostas oferecidas pelos corpos davam caminhos dissonantes ao que médicos e biólogos vão determinar como norma, o que são os corpos desviantes? Como se explicar sem recorrer às marcas sexuais e aos papéis de gênero para se chegar a consensos ou respostas urgentes a um corpo que não se encaixa em nenhum dos dois sexos, nenhum dos *dois possíveis* padrões de comportamento?

Não é só o social ou a política que possuem marcas sexuais de diferença e que recria e recodifica essas marcas, a ciência e a biologia também, e daí também criam e estabelecem o que é norma e o que é ou não aceitável nos corpos, algo que lhes dá poder e controle sobre os corpos e sobre as pessoas. [...] O progresso médico de uma pessoa, porém, pode ser a disciplina e controle de outra. Intersexuais como Maria Patiño têm corpos refratários – até heréticos. Eles não cabem naturalmente em classificações binárias; só o instrumento cirúrgico pode fazê-los caber. Mas por que deveríamos nos importar se uma “mulher” (definida como tendo seios, vagina, útero, ovários e menstruação) tiver um “clitóris” suficientemente grande para penetrar a vagina de outra mulher? Por que importar-nos se existirem indivíduos cujo “equipamento biológico natural” lhes permita fazer sexo “naturalmente” tanto com homens quanto com mulheres? Por que amputar ou esconder cirurgicamente aquela “ofensiva haste” encontrada num clitóris particularmente grande? A resposta: a fim de manter as divisões de gênero, precisamos controlar aqueles corpos que são tão refratários que chegam a apagar as fronteiras. Como os intersexuais literalmente corporificam os dois sexos, contribuem para enfraquecer as afirmações sobre diferenças sexuais. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 27)

A autora aponta a grande curiosidade e necessidade dos cientistas de estabelecerem a heterossexualidade como padrão e tendo como um problema a homossexualidade, como e desde quando existe na sociedade, impedindo uma noção de diversidade inerente à existência

humana e condicionada a fatores como tempo e espaço. As noções que cada época permite, ou limita, e os conhecimentos do que existe ou existiu dão caminhos para se compreender melhor a sexualidade humana, mas mesmo assim, ainda compreendemos a norma heterossexual como humano, desclassificando os corpos desviantes como tal e, conseqüentemente, como não pertencentes à comunidade. O sujeito normativo das ciências da natureza também rui diante da diferença desviante do outro, o monstro.

O corpo do monstro é como uma superfície inóspita na qual dificilmente poderíamos nos espelhar ou prolongar o nosso duplo. Nele, é quase impossível morar. Entretanto, aquele corpo monstruoso é, de direito, o nosso duplo, como qualquer outro corpo. Daí a vertigem que nos provoca, visto que, com ele, quebra-se a proporção delicada entre simetria e assimetria, a relação adequada entre reversibilidade e irreversibilidade, entre o sentimento de ser mortal e imortal em vida. (PEIXOTO JUNIOR, 2010, p. 183)

O monstro como aquele que foge da norma, desperta uma série de questionamentos e sensações no humano. É a face deformada e anômala, que desperta tanto rejeição quanto interesse e curiosidade. Os corpos desviantes também são monstros, bem como o ciborgue, carregam em si as marcas corpóreas da diferença ao sujeito clássico. É tanto objeto de curiosidade pela biologia quanto pela nossa imaginação. Corpos monstruosos mostram a face do caos e da desordem, fascinam pelo poder de identificação que podem despertar.

O monstro está intimamente ligado ao corpo desviante e, conseqüentemente, com qualquer desvio do sujeito que sugira ou possibilite o diferente, o não-binário e o não encaixe. A conexão corpo, gênero e monstro faz parte das discussões feministas, principalmente através do ciborgue de Haraway, que vê nos monstros possibilidades narrativas e de linguagem que sempre guiaram nosso imaginário. Em seu corpo se inscreve a ironia da não dualidade.

O corpo do ciborgue não é inocente; ele não nasceu num Paraíso; ele não busca uma identidade unitária, não produzindo, assim, dualismos antagônicos sem fim (ou até que o mundo tenha fim). Ele assume a ironia como natural. Um é muito pouco, dois é apenas uma possibilidade. O intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação. (HARAWAY, p. 96. 2016)

O monstro abre a possibilidade do não-binarismo para os estudos de gênero além de colocar o corpo em atenção. É ele quem conecta cultura e natureza e possibilita caminhos da diferença, ele é e não é ao mesmo tempo. As marcas da diferença se instauram também no corpo, que também é o discurso e a manifestação deste.

Questões de corpo e desvio são importantes para se chegar às interseções entre gênero, raça, sexualidade e identidade que são marcas dos estudos e dos problemas do feminismo no final do século XX, já que desafiam a noção de sujeito único e fixo. Haraway, ainda em seu trabalho de buscar uma resposta ao significado do verbete gênero, trabalha

também o paradigma, ainda muito discutido, da "*identidade de gênero*" que se centra no individualismo se conectando a estruturas liberais e binárias da cultura e da natureza, em processos de dominação da natureza pela cultura (e não de uma conexão entre as duas) através da ciência e suas descobertas sobre o gênero (cultura) e a biologia do sexo (natureza).

A “segunda onda” da política feminista em torno dos “determinismos biológicos” versus “construcionismo social” e das bio-políticas das diferenças de sexo/gênero ocorrem no interior de campos discursivos pré-estruturados pelo paradigma de identidade de gênero, cristalizado nos anos cinquenta e sessenta. O paradigma da identidade de gênero era uma versão funcionalista e essencializante da percepção de Simone de Beauvoir nos anos quarenta, de que não se nasce mulher. É significativo que a construção do que poderia ser uma mulher (ou um homem) tornou-se um problema para os funcionalistas burgueses e os existencialistas pré-feministas no mesmo período histórico do pós-guerra no qual os fundamentos das vidas das mulheres num sistema dominado pelos homens, num mundo capitalista, estavam passando por reformulações básicas. (HARAWAY, 2004 [1991], p. 216.)

Aqui o problema, novamente, acaba residindo na separação e oposição tácita entre cultura e natureza, na qual uma é dominada pela outra, e não temos a reflexão dos universos que separam e conectam essas categorias. De modo mais flexível, e repetindo analogias do capítulo anterior, entendo que a relação entre cultura e natureza, gênero e sexo, estão baseadas em diferenças e antagonismos que constroem fronteiras de linguagem e de pensamento sobre eles, impedindo a multiplicidade e a forte relação que esses termos possuem com outros, igualmente em fase de reformulação, como o sujeito e o feminino. A pergunta que fica é: o que é necessário culturalmente e biologicamente para enquadrar alguém em um gênero ou em um sexo? São realmente questões universais? A não ampliação do duo sexo/gênero emperrou as teorias de identidade de gênero de modo que "era muito útil no combate aos determinismos biológicos pervasivos constantemente utilizados contra as feministas em lutas políticas urgentes a respeito das “diferenças sexuais” nas escolas, nas editoras, nas clínicas e assim por diante." (HARAWAY, 2004 [1991])

Ou seja, numa tentativa de combate e enfrentamento ao determinismo biológico se estabelece uma separação e uma fronteira (artificial) entre as duas esferas, se traça uma separação, criando dois lugares que de fato não possuem fronteiras tão profundas que não sejam pelo esforço da categorização.

Como consequência, a construção em andamento do que seria sexo ou do que seria mulher foi algo difícil de teorizar, a não ser como “má ciência”, na qual a mulher emerge como naturalmente subordinada. “Biologia” tendia a denotar o corpo em si mesmo, e não um discurso social aberto à intervenção. Assim, as feministas argumentaram contra o “determinismo biológico” e a favor do “construcionismo social” e, no processo, tornaram-se menos capazes de desconstruir como os corpos, incluindo corpos sexuais e racializados, aparecem como objetos de conhecimento e lugares de intervenção na biologia. (HARAWAY, p. 218. 2004 [1991])

Essa separação também se fez através de uma busca por redefinir o feminino e alçá-lo ao status de cultura e não de natureza, modificando as categorias. Na oposição clássica temos cultura/natureza, homem/mulher, no qual as associações entre mulher e natureza (dominados) estão fortemente interligados e relacionados sem alcançar a categoria de sujeitos, mas sim de outro, o outro a ser pesquisado e dominado pela cultura e pelo homem, que esses através do trabalho (marxismo) ou através do pensamento e da ciência (iluminismo) podem acessá-la para dominá-la. Para as feministas, se tornar sujeito, em termos não só culturais e sociais, mas políticos, era essencial à sua emancipação e legitimidade também no campo da ciência e do pensamento e para tanto, em alguns momentos, era necessário afastar-se dos essencialismos e da natureza.

O que Haraway coloca é uma crítica ao *construccionismo* no feminismo e a não aprofundação das categorias analíticas e termos que envolvem o feminino, e o aprofundamento de fronteiras e separações em busca de uma legitimidade e de um termo fechado às diversas transformações no mundo. Assim, para estudar e discutir questões tão complexas utilizam-se termos e categorias que quando aplicadas não conseguem resolver todas as questões, o que aqui se pode incluir, a sexualidade e, principalmente, a racialidade, negligenciadas pelas feministas brancas em seus arranjos categóricos. É claro que essas categorias eurocêtricas e androcêtricas, como sujeito, natureza e cultura, além de não contemplar as questões das mulheres em sociedade (não falo em gênero neste ponto), em certa medida, se esquece dos que não são brancos e pertencem a um outro patamar, não classificados de certa maneira como sujeitos de sua própria história também. Consequentemente, essa noção nos distancia da ideia de diferença entre as próprias mulheres ao que não abre espaço para uma multiplicidade dos novos tempos, e o diferente ainda se encontra no campo do desviante, do não nomeado.

Podemos trazer, assim, a tecnologia de gênero para uma análise menos binária ao admitirmos a política da ciência e, nesse esforço, entendermos os dispositivos de dominação e fundamentação do status feminino e outros desviantes, ao analisarmos a leitura dos corpos em outros campos de estudo e práticas, como a saúde, relacionando a sua compreensão e entendimento do que é feminino e masculino com as políticas que orientam suas pesquisas e a aplicação de suas descobertas.

Dessa maneira o gênero é deslocado da cultura e nele se inserem também os problemas do sexo e, consequentemente, sexualidade e corpo. Temas trabalhados anteriormente, mas nem sempre em uma perspectiva fora da teoria social e política.

Se a heterossexualidade é uma instituição importante para manutenção do patriarcado e da ordem sexual, que influi nos dispositivos da sexualidade, logo, a vigilância dos

corpos e as próprias tecnologias disponíveis para isso serão de grande importância à manutenção dessa instituição, e aí está incluso o próprio controle da reprodução ou mesmo o poder sobre ela. Em um só exemplo (a heterossexualidade?) já podemos elencar as máquinas de reprodução de humanos e as tecnologias de impedimento à reprodução também.

Ao admitirmos que as máquinas e a técnica estão inseridas em nossa vida e participam das decisões de comportamento e do próprio imaginário, é possível facilmente compreender a preocupação dessas autoras.

Se pudermos pensar na ciência e na formação de novos conhecimentos também geridos em tecnologias de poder e seus dispositivos podemos então, conectar a ciência à nossa realidade vivida socialmente e culturalmente. Os dualismos e binarismos são passíveis de contestação no instante em que percebemos o não encaixe de objetos e corpos: onde podemos encaixar as pessoas intersexo se não em um meio termo entre os binários macho/fêmea que em realidade não podemos dizer onde se localiza? O que é contestado pela ciência feminista, em fase a um novo quadro de mudança nas narrativas da biologia e da biotecnologia.

### **3.2 Tecnociência e Mulheres**

A construção de uma teoria ciberfeminista passa diretamente pelo aprofundamento das investigações das fontes e sustentações da condição das mulheres (enquadrando suas diferenças) em sua relação com a tecnologia e a ciência, sua dominação, e, conseqüentemente, os limites da concessão de direitos e espaços. Dentro do tecnocapitalismo – do mundo do trabalho técnico e de suas contradições técnico-humanas – o tecnofeminismo se faz importante como uma voz dissonante e de resistência, ainda que por vezes pouco politizada. É a partir da luta descentralizada que o feminismo cresce e se sustenta como um dos mais importantes movimentos sociais na sociedade de informação.

A influência da tecnologia nas vidas vividas não deve se dar de maneira paralela ou como se fossem realidades distintas e dissonantes, possuímos um presente extremamente conectado e tecnológico em que as guerras filosóficas da ficção científica, em sua insistência em separar humanos e máquinas, estão por um fio. É preciso compreender e aprofundar as influências e interseções dos espaços, admitindo a fragilidade das fronteiras artificiais que criamos para nossa própria compreensão da vida.

Nos últimos 30-40 anos, desde a perda de força da segunda onda feminista e de avanços na ciência de computadores, cibernética e robótica e a formação de grupos no ciberespaço, o feminismo entrou em processos de reconfiguração e reflexão sobre os impactos

na relação de dominação do patriarcado e do capitalismo sob as condições de seu objeto político, principalmente na academia com a produção de uma teoria crítica feminista. Enquanto uma ala do feminismo via com desconfiança e até certa fobia a arrancada tecnológica, - com uma certa dose de razão, já que a tecnopolítica vem a alterar processos de dominação e exploração do corpo e do trabalho das mulheres – outra ala se empenhava por compreender as tecnologias de comunicação e informação como armas estratégicas à sua libertação.

A essencialização e a demonização dos corpos híbridos e das máquinas passam a ser problematizados e a necessidade de politização e inserção de uma teoria e um movimento com capacidade política de ser combativa urge. De maneira clara o ciberfeminismo, ao se distanciar da euforia da "liberdade do ciberespaço" dos anos 1990 desenvolveu novas pautas ao movimento e, ao se aproximar do feminismo, possibilitou o crescimento de uma teoria feminista da tecnologia que, atravessando a temática de gênero e as categorias envolvidas chega até à tecnologia e à ciência questionando seus próprios aparatos de legitimidade e seu universo masculinista, não só o problema da falta de mulheres no trabalho, mas as ideologias de gênero envolvidas nos processos de produção de ciência e tecnologia. As estruturas de formação da tecnociência excluem tudo o que for considerado feminino e, conjuntamente, o feminino, ao adotar categorias de pensamento e ciência masculinistas em ambientes masculinistas e com projetos muitas vezes voltados aos desejos e aos corpos de homens brancos.

Mesmo assim, há de se levar em conta que, estamos imersas em uma realidade em que a tecnologia atravessa não só nossos hábitos e conversações, mas nosso imaginário e ideário. Não somos influenciados pela tecnologia, somos parte dela. Com isso:

[...] que significa ser “mulher” envolve não apenas uma questão de identidade existencial, de simbolismo ou mesmo de reconhecimento político. Envolve também as condições materiais reais em que as mulheres vivem – hoje muito mediadas pela tecnologia (por exemplo, o emprego), pelas condições em que experienciam os seus corpos (mediados, por exemplo, pelo conhecimento médico) e pelas condições políticas de tomada de decisão técnica que afectam muitos domínios da sua vida. Além disso, a própria experiência cultural de uso das tecnologias contém dimensões de gênero que radicam em imagens prevaletentes que moldam essa mesma experiência. Ou seja, o que significa ter uma identidade política – na verdade, baseada no gênero ou outra – tem de ter em conta o ambiente tecnológico que é fundamentalmente parte da nossa identidade cultural (isto é, parte do nosso mundo da vida), bem como os pressupostos das ciências em que estes ambientes tecnológicos se desenvolvem e que, por sua vez, dão forma a determinadas condições políticas de tomada de decisão técnica que afectam a nossa vida. (SILVEIRINHA, 2011, p. 68)

Se estamos imersas em tecnologia, também estamos imersas em paradigmas científicos não só relacionados à gênero, às políticas e organizações sociais, que estão diretamente ligadas às nossas escolhas, conseqüentemente, produzem e são produtos de linguagem e ideologias. E isso quer dizer que nada está indissociável, separado, sem relações,

pelo contrário, estamos cada vez mais enredadas nas ferramentas, nos artefatos, todos possuem uma conexão e uma relação, seja social ou histórica, por exemplo, com o que rodeia a vida cotidiana e com os problemas e desafios que encontramos.

Desse modo, pensar a ciência e a tecnologia de maneira neutra e avessa às relações e ideologias dominantes socialmente, alheia às diferenças produzidas por interesses diversos é negar também a agência dos artefatos e de como se produz e reproduz desigualdade e, além disso, a linguagem existente neles, a relação que se estabelece com eles tanto na imaginação quanto na execução de tarefas. Para incluir a agência do objeto também se torna necessário desconstruir o sujeito da ciência e tecnologia.

### 3.3 Mercado de mulheres

Luce Irigaray, em alguns de seus trabalhos na psicanálise e na filosofia – com forte influência lacaniana – apresenta um ser mulher que guarda suas diferenças e suas peculiaridades, tanto em termos políticos quanto econômicos, ela explora características de uma cultura e economia masculinistas, onde o principal produto são as mulheres, o que gera uma rede de significância falocêntrica dando sentidos masculinos e patriarcais ao feminino. Essa significância e linguagem se torna essencial para o funcionamento da economia e política dos homens, inacessível às mulheres, causando a elas o desenvolvimento de uma linguagem própria, não menos importante, mas que guarda suas peculiaridades. A linguagem é um ponto muito importante do trabalho da autora, para ela é na linguagem que as diferenças se fazem existir e se materializam. Entende, ainda que a linguagem feminina envolve todo um reino de palavras e gestos peculiares ao feminino. Em uma de suas mais famosas obras, a autora analisa a própria relação da mulher, em sua diferença sexual, com o social e sua submissão às condições de mercadoria no sistema dominado por homens, seu valor de mercado e o que interessa aos homens na economia masculinista de troca e venda de mulheres.

Não é, portanto, como "mulheres" que elas são trocadas, mas como mulheres reduzidas a algum fator que lhes seria comum – a sua cota em ouro, ou o falo –, e do qual elas representariam um *mais* ou *menos*. Mas não um *mais* ou *menos* de qualidades femininas, evidentemente. Sendo estas eventualmente abandonadas às necessidades do consumidor: *a mulher vale, no mercado, em função de uma única qualidade: a de ser um produto do "trabalho" do homem.* [...] Como mercadorias, as mulheres são [...] duas coisas ao mesmo tempo: objetos de utilidade e portadoras de valor. Elas só podem portanto entrar em circulação à medida que se apresentem sob uma forma dupla, a de natureza e a de valor. (IRIGARAY, 2017, p. 196 [grifos da autora])

A autora utiliza as observações de Marx, em O Capital, sobre a mercadoria e os modos de produção para chegar a uma análise das mulheres enquanto mercadoria de troca entre

homens. Para ela a mulher só tem valor de troca se no processo de transação houver a participação de pelo menos dois homens.

As mulheres-mercadorias são [...] submetidas a uma cisão (shize) que as separa em categorias de utilidade e valor de troca; em corpo-matéria e envelope precioso, mas impenetrável, inatingível, e não suscetível de ser apropriado por elas; em uso privado e uso social. [...] Para ter um valor relativo, uma mercadoria deve ser confrontada com outra mercadoria que serve como seu equivalente. Seu valor se descobre jamais nela própria. E o fato de ela valer mais ou menos não depende dela própria, mas daquilo a que ela pode se equivaler. (IRIGARAY, 2017, p. 197)

Todo esse esforço intelectual nos leva a diferentes imagens da mulher mercadoria e qual sua importância para o patriarcado, de início: uma garantia de perpetuação do nome e manutenção da propriedade. Ao longo do pensamento temos as distinções de mercadoria que as separaria em três categorias, e talvez, mais adiante acrescenta outras seguindo a linha de raciocínio de Irigaray. Ela analisa a mãe, produtora de herdeiros e novas mercadorias de troca, que sai de mercado assim que acabam as transações sobre sua propriedade; a virgem ou donzela, como produto intacto que possui valor de acordo com a comparação às outras mercadorias; e, finalmente, a prostituta que possui seu valor em seu uso e nas possibilidades de troca de seu corpo “A prostituição é um uso que se troca [...] É por já ter sido usado que o corpo da mulher tem preço” entre os homens, é uma "mercadoria veículo das relações entre homens" (IRIGARAY, 2017).

Ser mercadoria, implica em ser um objeto de interesses econômicos e políticos que não lhe dão autonomia suficiente para participar de transações (sobre si ou sobre as outras), o que implica no não direito, um deles o gozo. Embora os três tipos de produto se envolvam de forma sexual com aquele que as possui, elas não têm o direito ao gozo, nem mesmo a prostituta. A satisfação sexual é exclusiva dos homens. Elas possuem outras características e preocupações, que também servem de suporte aos interesses masculinos, mas não podem gozar da sexualidade, pelo menos não na forma que lhes é oferecido.

As desviantes, as lésbicas, que possuem desejos por outras mulheres, segundo Freud são mulheres com desejos masculinos. A inveja do falo aparece também na psicanálise freudiana, contestada por Irigaray. Elas são desviantes não por possuírem desejos masculinos, mas por corromperem mercadorias e possuírem um comportamento desviante tanto de afeto por outras mulheres (o afeto feminino deve ser voltado aos homens) quanto pelo gozo e a realização sexual. Para ela, na economia e organização social na qual nos encontramos, patriarcal e capitalista, é inconcebível “a interação de desejos entre corpos, sexos, palavras de mulheres” (IRIGARAY, 2017).

A homoafetividade masculina, em contrapartida, é aceita nos limites do ato sexual. As relações entre homens, relações baseadas em uma economia masculinista, permite relações e trocas entre homens e o amor se fazendo através da linguagem, nunca do sexo. O sexo entre homens é subversivo, significa o renúncio ao posto de negociador e participante da economia e sujeição à posição de mercadoria. Irigaray dá exemplo de relação homoafetiva aceitável a de pai e filho, que sustenta a linhagem,

[...] garantem a genealogia do poder patriarcal, suas leis, seu discurso, sua estrutura social. Efetivas em todos os lugares, essas relações não podem nem desaparecer – na abolição da família ou na representação monogâmica –, nem se exibir em seu amor pederasta, nem se praticar de outra forma a não ser unicamente na linguagem, sem provocar uma crise geral. [...] As "outras" relações homossexuais – masculinas – seriam igualmente subversivas, portanto, interditas. *Interpretando abertamente a lei do funcionamento social*, elas ameaçam, de fato, deslocar o horizonte da lei. Além de elas questionarem a natureza, o *status*, a necessidade “exogâmica” do produto de troca. Causando um curto-circuito na operação comercial [...] (IRIGARAY, 2017, p. 216)

Em seu sistema de trocas masculinistas a afetividade masculina é permitida em termos; o sexo heteronormativo faz parte da lei, garantindo a genealogia; e a rivalidade entre mulheres garante a não corrupção das mercadorias e manutenção do sistema patriarcal. A homoafetividade faz parte sistema ao mesmo tempo que é proibida e rejeitada.

Mas esse mercado de mulheres, ainda que limitado por uma ordem doméstica e familiar que ordena as posses patriarcais, possui seus limites. Um deles é a universalidade das trocas que se propõe sem localizar em uma cultura, tempo ou espaço, pressupõe-se a ocidentalidade e o eurocentrismo em sua análise. Mas expõe uma política e uma economia presentes em sistemas de troca baseados na diferença sexual e no potencial reprodutivo, sexual (prazer) e de cuidado do feminino, dividindo-o em *reinos* (muitas vezes colocados em plano de rivalidade de maneira proposital), utilizando-se das normas e criando e as recriando de maneira a manter uma economia e política de uso, através da linguagem e da dominação e, conseqüentemente, a manutenção de um sistema patriarcal de consumo de mulheres. “A mulher não tem lugar senão como possibilidade de mediação, de transação, de transição, de transferência... entre o homem e o seu semelhante, isto é, entro o homem e ele próprio” (IRIGARAY, 2017, p. 216)

### 3.3.1 Mulheres negras nos Estados Unidos e Brasil

Um outro mercado de mulheres (e de homens) se torna possível dentro do seio da escravidão através de uma marca de origem, dominação de povos não brancos, onde se instala as marcas da raça. Assim como a sexualidade, a raça também faz parte de uma categoria pouco questionada, ela pertence ao universo da natureza e sua dominação e condição à cultura e

sociedade, condição semelhante às mulheres no quesito das condições binárias. Pois bem, a necessidade de problematização da categoria se tornou necessária dentro da biologia e das ciências naturais, de modo que, além de ser uma condição historicizada, discutida e problematizada nas ciências sociais, ela também é posta à biologia. Mas principalmente, é um problema dentro do feminismo, no cenário tanto de uma resistência à inclusão da temática racial e diferenciação dessas mulheres, sua marca e sua história, cultura e linguagem, tanto por questões de essas diferenças e sua constituição em diferença não as constituíram como participantes, integrantes da categoria *mulher*, causando um problema no sujeito histórico do feminismo.

As mulheres negras foram simultaneamente constituídas, racial e sexualmente – como fêmea marcada (animal, sexualizada, e sem direitos), mas não como mulher (humana, esposa potencial, conduto para o nome do pai) – numa instituição específica, a escravidão, que as excluía da “cultura” definida como a circulação de signos através do sistema de casamento. Se o parentesco investia os homens com direitos sobre as mulheres que elas próprias não detinham sobre si mesmas, a escravidão aboliu o parentesco para um grupo num discurso legal que produziu grupos inteiros de pessoas como propriedade alienável. (HARAWAY, p. 240. 2004 [1991])

Bell hooks, uma das mais importantes vozes do feminismo negro americano, apresenta um outro mercado e um sistema econômico e político de exploração da mão de obra escrava dos negros africanos. Em sua contribuição elenca a mulher negra, como um dos corpos desviantes que mais sofrem com o sistema por possuir as marcas da raça e do sexo. Se fizermos a interseção ou comparação entre os textos de hooks e Irigaray, podemos então, encontrar na mulher negra uma outra mercadoria em um outro tipo de mercado mas que não pertence aos padrões de transação entre homens brancos que as mulheres brancas representam. Elas, as mulheres negras, são as trabalhadoras e as exploradas sexualmente, sem ganhos, nas colônias dos homens europeus.

A autora analisa e reconta a história das mulheres negras escravizadas nos Estados Unidos, o que provoca a identidade da mulher negra e a própria disputa que há com as mulheres brancas ao longo de sua convivência. Antes como escrava, depois como emancipada. Já que não se enquadram, inicialmente, nos parâmetros eurocêntricos de feminilidade, as relações das mulheres negras com os homens, negros e brancos, acaba por possuir uma diversidade e complexidade. As dinâmicas de exploração das mulheres negras escapam às dinâmicas tanto das mulheres brancas quanto dos homens negros. São as marcas de cor e sexo que se instauram nelas, estabelecendo formas próprias de exploração pelo homem branco.

Aos olhos dos americanos brancos coloniais, apenas membros do sexo feminino rebaixados e degradados trabalhavam nos campos. E qualquer mulher branca forçada pelas circunstâncias a trabalhar nos campos era olhada como indigna do título de “mulher”. Apesar das mulheres africanas escravizadas terem trabalhado nos campos

nas comunidades africanas, essas tarefas eram aí vistas como uma extensão do papel feminino. As mulheres africanas transplantadas depressa perceberam que eram vistas pelos homens escravagistas como “substitutas” dos homens. [...] Dado o seu património africano, era fácil para as mulheres negras escravizadas adaptarem-se ao trabalho agrícola nas colónias. Não apenas o homem africano estava deslocado e desacostumado aos vários tipos de trabalho agrícola, como frequentemente via muitas das tarefas como “femininas” e ressentia-se em desempenhá-las. [...] As mulheres escravas foram severamente batidas como os homens escravos. Os observadores da experiência escrava afirmam que era comum na plantação ver a mulher negra nua, amarrada a uma estaca e espancada com um pau. (HOOKS, p. 18-9.2014 [1981])

Enquanto uma outra mercadoria, ela se diferencia substancialmente das mulheres brancas, tanto pela forma como ocorrem as transações e os objetivos das transações sobre o corpo dela, quanto pela interseção das relações. Nela há a marca tanto da raça quanto da escravidão, além da sua diferenciação com a mulher branca, ela também é diferente do homem negro, que, ao longo do tempo, se posicionou de maneira a aceitar os termos patriarcais e, assumindo sua masculinidade, passa a tê-la como submissa. Segundo Hooks, o homem negro tem no homem branco e na cultura branca um espelho do que deseja para si e passa isso à sua relação com a mulher negra.

Ela é objeto de transação por homens brancos, como uma mercadoria, mas não para produção, como mãe dos filhos do homem branco e nem tem valor como donzela nas trocas, mas possui valor sexual e de trabalho nos campos, ela executa diversos trabalhos sem sacrificar a branca e sem ganhar por isso, enquanto escrava está vulnerável aos desejos de seu proprietário.

Ela não só é a produtora de mão de obra barata e escrava como é também quem cuida e cria as crianças brancas na casa dos senhores, a *preta doméstica*, servindo tanto ao senhor quanto à senhora, levada de geração a geração até sua morte. Seus produtos vêm marcados pela cor e pela não legitimidade da linhagem, são exploradas sexualmente pelos brancos, além de ter seu trabalho dentro e fora da casa dos brancos explorado e apropriado.

Nas plantações grandes nem todas as mulheres negras trabalhavam nos campos. Elas trabalhavam como amas, cozinheiras, costureiras, lavadeiras e como criadas. A noção popular que as escravas negras que trabalhavam na casa branca eram automaticamente recipientes de tratamento diferenciado nem sempre é substanciada por relatos pessoais de escravos. Os escravos da casa eram menos sujeitos às adversidades físicas que açoitavam os trabalhadores agrícolas, mas sofriam mais crueldades sem fim e torturas porque estavam constantemente na presença da dona e dos donos. (HOOKS, 2014 [1981], p. 19)

Sua vulnerabilidade também estava nas marcas de seu sexo, sendo instrumento tanto de produção de mão de obra quanto de satisfação sexual dos homens brancos. Construindo visões e estereótipos da mulher negra que funcionam como dispositivos de dominação da mulher negra, de sua força de trabalho e de seu sexo.

Os homens brancos donos de escravos queriam que as mulheres escravizadas

passivamente aceitassem a exploração sexual como um direito e um privilégio dos que estavam no poder. As mulheres negras escravas que de boa vontade se submetiam aos avanços sexuais do dono e que recebessem presentes e pagamentos eram recompensadas pela sua aceitação da ordem social existente. As mulheres negras que resistiam à exploração sexual desafiavam diretamente o sistema; a sua recusa em submeterem-se passivamente à violação era a marginalização do direito dos donos dos escravos sobre si mesmas. Elas foram brutalmente punidas. O objetivo da política desta violação categórica das mulheres negras pelos homens brancos era obter absoluta lealdade e obediência à ordem imperialista branca. (HOOKS, 2014 [1981], p. 21)

Analisando o status da mulher, branca e não branca, como mercadoria em sociedades patriarcais podemos avaliar as relações que implicam no seu corpo e na sexualidade, que também estão embargadas por diferenças das mais diversas. O controle dos corpos femininos está intimamente ligado à reprodução, além de outras questões. A reprodução e o corpo não são questões só do feminismo e do patriarcado mas de um conjunto de dispositivos no sistema político e econômico ocidental em que essas diferenças sustentam modelos de exploração, recriam e criam modos de vigilância, controle e manutenção dos privilégios.

A escravidão foi abolida em 1863 nos Estados Unidos - e em 1888 no Brasil -, mas as disputas por espaço e por uma inclusão social, reconhecimento como cidadão não vieram junto com a abolição e nem acabaram as violências e violações, pelo contrário, instituíram-se modos e formas de manter uma segregação baseada na cor da pele, tanto no discurso quanto na própria separação dos espaços públicos permitidos quanto no controle dos próprios relacionamentos inter-raciais. Uma dinâmica que mantinha os negros marginalizados dentro de uma sociedade de brancos que não os reconhecia. A segregação subsequente aumentou o fosso existente entre a realidade das mulheres brancas e negras, aumentando suas diferenças e, mais importante, seus problemas do cotidiano, principalmente a violência. Algo que vai influenciar diretamente no sentimento de umas sobre as outras ao longo dos anos, eclodindo nos movimentos feministas e identitários dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos.

Andando para trás para a escravatura, o povo branco estabeleceu uma hierarquia social baseada na raça e no sexo que classificava os homens brancos em primeiro, as mulheres brancas em segundo, algumas vezes iguais aos homens negros, que eram classificados em terceiro e as mulheres negras em último. [...] A desvalorização da natureza feminina negra ocorreu como resultado da exploração sexual das mulheres negras durante a escravatura que não foi alterado no decurso de centenas de anos. Já previamente mencionei que enquanto muitos cidadãos interessados simpatizaram com a exploração das mulheres negras quer durante a escravatura quer após, como todas as vítimas de violação da sociedade patriarcal elas eram vistas como tendo perdido valor e dignidade como resultado da humilhação que elas suportaram. (HOOKS, 2014 [1981], p. 119)

Segundo Hooks, o imaginário americano foi povoado de estereótipos da mulher negra que a naturaliza como um ser sem moral e depravado, o que justifica uma centena de atos de violência contra ela não só pelos homens e mulheres brancos, mas pelos homens negros

também. As violações e violências, além da marginalização decorrente da exploração sexual dessas mulheres tornaram o seu cotidiano muito mais perigoso, elas carregavam as marcas da cor e do sexo em uma sociedade patriarcal e dividida racialmente. Ainda que os brancos cheguem a perdoar ou aceitar melhor os homens negros em algum momento o imaginário sobre as mulheres negras demora ainda para sofrer alterações, e aqui, também entram os movimentos de mulheres, que não aceitam as mulheres negras e negligenciam ou ignoram suas questões, as diferenças estavam nas necessidades. Enquanto umas lutavam para terem os mesmos direitos que os homens, as outras lutavam para serem reconhecidas como mulheres.

Angela Davis também reconta a história dos escravos negros nos Estados Unidos e, de forma crítica, não só resgata a memória dos negros estadunidenses como também investiga e se propõe a lançar bases para uma nova natureza feminina da mulher negra. Compreendendo que as marcas da raça e do sexo se fazem presentes na história de dominação e resistência das mulheres negras, é importante para ela encontrar e produzir identidades através do conhecimento e reconhecimento do status da mulher negra ao longo dos anos.

A constituição do movimento e da história negra no Brasil se dá a partir de um passado de escravatura institucionalizada ao longo dos séculos de colonização portuguesa até o fim do Império, estabelecendo um mercado negro bastante lucrativo e uma base de trabalho braçal de escravizados negros. Assim, são mais de 300 anos de trabalho escravo legalizado, normatizado e culturalmente aceito.

Em 1888 a lei da abolição da escravatura é assinada após vários anos de intensas pressões internacionais, e da própria sociedade brasileira, além de diversas e custosas guerras e conflitos de insurgência dos escravizados. A lei provoca mudanças nos sistemas de organização do trabalho, hierarquia social, com reverberações na política e na economia brasileiras. O Brasil, dependente do modelo escravocrata de trabalho, se vê diante de uma massa de ex-escravizados que se encontra em uma liberdade limitada por suas condições precárias de vida e sobrevivência e à vista de novos modelos de produção com a inserção das indústrias e do trabalho assalariado de fábrica.

Ainda que no Brasil não tenhamos tido uma segregação institucionalizada em um formato apartheid, a segregação ocorreu de outras e diversas formas, não menos violentas, seja pelas políticas de embranquecimento racial da população instituídas pelo próprio governo brasileiro através do incentivo à imigração europeia e medidas sanitaristas, seja pela constante marginalização da população negra que engessava a liberdade e colocava grandes empecilhos à sobrevivência: como a criminalização do desemprego enquadrado como “vadiagem”; criminalização das religiões e cultos religiosos com origem na cultura negra; estabelecendo

limites à educação, moradia e trabalho para a população negra em contrapartida às vantagens oferecidas aos imigrantes brancos para sua vinda ao Brasil. Até em relação à força de trabalho negra a abolição não representou, de início, alguma liberdade, a mão de obra ex-escrava era barata e se espalhava pelo país em busca de empregos que lhe dessem condições de desfrutar da tal liberdade, o que houve foi uma disputa por empregos com imigrantes brancos e um abandono por parte do Estado.

Na instalação da República no país, declarada em 1889, tivemos dos militares o empenho em apagar a história da escravidão no Brasil, documentos foram destruídos, e discursos de uma terra gentil foram disseminados no imaginário. A culpabilização do negro, através de teorias do evolucionismo social, que acreditavam na inferioridade dos não brancos, em especial negros e indígenas. As políticas de mestiçagem que dariam às novas gerações a chance de serem mais evoluídas e brancas, também colaboraram não só para um racismo sistematizado, mas também para minar auto-estima e as perspectivas de um futuro melhor e realmente livre das amarras da pobreza e da inferiorização.

Pontos que traçam diferenças entre os processos de abolição e “inserção” dos negros emancipados no Brasil e nos Estados Unidos, sistemas republicanos completamente diferentes. Desse modo os próprios movimentos sociais por qualidade de vida se confundem com os movimentos por maior participação política em corridas contra o que se definiu como racismo estrutural. Em lutas contra as políticas de Estado de marginalização e segregação política e cultural de uma população negra e pobre.

Planos e projetos de governo que estabeleceram segregações econômicas, sociais e, principalmente, cultural, gerando uma grande soma de estereótipos marginalizantes que autorizavam uma soma de violências, principalmente violência policial e violências médicas, em ações sempre punitivistas, além disso a própria violência do Estado de se esquecer ou não priorizar políticas voltadas para a qualidade de vida de uma população vulnerável, influenciando diretamente em nossas concepções cidadania, cidadão e participação da vida pública em dinâmicas de inclusão e exclusão política.

O movimento Negro no Brasil como uma bandeira identitária se estabelece no século XX através de reivindicação por políticas públicas e garantias de direitos sociais, além da própria participação pública que está ligada a uma necessidade de maior representação de suas demandas específicas em sentidos mais concretos de cidadania como uma forte participação da vida pública e uma busca pela ascensão à igualdade.

O momento em que as mulheres negras se dão conta que nem o movimento negro e nem o movimento de mulheres consegue abarcar e dar conta de seus problemas e nem mesmo

seus militantes conseguem ver sem mesquinhez a interseção e a particularidade das mulheres negras nos movimentos se dão processos de autonomização e criação de um movimento negro de mulheres voltado às principais questões dentro da interseção que há no corpo feminino negro de raça e sexo.

No Brasil esse momento se dá pós anos 1970 quando os movimentos feministas e negros voltam a ter maior força no cenário político brasileiro, no momento em que elas não se enxergam em ambos os movimentos passam a se mobilizar de maneira mais autônoma e se organizar a partir de suas demandas.

[...] segundo a crítica de algumas militantes, em ambos os movimentos as mulheres negras foram consideradas apenas como “sujeitos implícitos”. Tais movimentos institucionalizaram-se, partilhando uma ideia de igualdade: entre as mulheres a questão racial não é fundamental; e entre os negros as diferenças entre homens e mulheres são desconsideradas (Bairros, 1995; Carneiro, 2003; Ribeiro, 1995). Desse modo, esses movimentos acabaram produzindo formas de opressão internas, na medida em que silenciaram diante de formas de opressão que articulassem racismo e sexismo, posicionando as mulheres negras em uma situação bastante desfavorável. (RODRIGUES; PRADO, 2010, p. 449)

A luta contra o racismo dentro e fora do movimento feminista era só mais uma das lutas empregadas às mulheres negras desde sua emancipação. O apartheid imposto pelos brancos e pelas mulheres brancas também aos ex-escravos, o impedimento de participação civil aos imigrantes nos primeiros anos pós Guerra Civil, são exemplos do desejo de manutenção do status de dominação dos brancos, estabelecendo uma separação tácita referente à origem e cor de pele e atestando a *ideologia racista da supremacia branca* sobre as demais raças. Raça se torna um importante fator e quesito para a segregação. A violenta segregação racial nos Estados Unidos provocou intensos e sangrentos conflitos civis.

Se o povo negro simplesmente tivesse aceite o status económico e político de inferioridade, os assassinatos de multidões, provavelmente iriam subsistir. Devido aos vastos números de ex-escravos que recusaram em descartar os seus sonhos de progresso, mais de dez mil linchamentos ocorreram durante as 3 décadas seguintes à guerra. Quem tivesse desafiado a hierarquia racial era marcado como uma potencial vítima da multidão. A lista sem fim da morte veio a incluir todo o tipo de insurgimento – desde os negros donos de bem-sucedidos negócios a trabalhadores que pressionavam por melhores salários àqueles que recusaram ser chamados de “boy” e às desafiantes mulheres que resistiram aos abusos sexuais dos homens brancos. No entanto a opinião pública foi capturada, e foi tomado como garantido que o linchamento era uma resposta justa à barbárie dos crimes sexuais contra a natureza feminina branca. (DAVIS, 2013, p. 137)

A marca da raça nos corpos negros estará sempre presente de modo que as tecnologias de dominação e controle possuam dispositivos próprios. Um não-branco sempre será mais do que homem ou mulher, essas duas categorias não o contemplam em completude, existe sempre a falta. A história das mulheres negras é diferente da história das mulheres

indianas e das mulheres latinas e o abismo é ainda maior quando se trata das mulheres (brancas). Esse não encaixe no nome e na linguagem como um dispositivo de dominação e segregação funciona de modo a evidenciar diferenças, histórias e domínios de territórios.

A palavra mulher não engloba esses símbolos sendo preciso a ela o complemento *negra*, estabelecendo na linguagem uma diferenciação tácita que nos adianta os mundos de história e representação que separam mulheres de mulheres negras.

Fazendo paralelo entre a situação da mulher negra no Brasil e nos Estados Unidos podemos ver semelhanças no status dessa mulher e no fator desviante de cor que ela representa, chegando ao que poderia ou deveria simbolizar ou significar o corpo de uma mulher negra socialmente. Vários estereótipos e políticas de controle da população negra podem ser registradas ao longo da história e no próprio dia a dia. A exclusão das mulheres negras às riquezas ou a serviços mais humanos são notáveis.

O racismo e sexismo paira sobre as mulheres negras brasileiras de maneira a produzir tanto pobreza quanto uma diferenciação na assistência seja na saúde ou na educação, produzindo e reproduzindo realidades diversas de dominação, mas também de arranjos familiares diferentes. Em um percurso histórico que não economizou estereótipos à mulher negra e suas descendentes a violência, muitas vezes silenciosa, do racismo brasileiro.

São diferenças que em algum ponto colocaram em dúvida a natureza feminina e se nela cabiam as mulheres não-brancas ou se mesmo existe uma tal natureza feminina.

#### 4 AS CIBORGUES E O FEMINISMO EM 2017

“Os homens tomaram todas as vantagens sobre nós ao poderem escrever sua própria história. A educação deles tem sido muito melhor que a nossa, a pena está nas mãos deles, e não permitirão que os livros provem nada”. Anne Elliot em *Persuasão*, Jane Austen<sup>8</sup>

Até aqui viemos discutindo questões da teoria feminista e ciberfeminista que compõem algumas das ramificações da rede ciborguiana. Ao admitirmos sua hibridez e sua conexão em diversos contextos ou redes, sua onipresença enquanto mito e presença enquanto produto de uma realidade que podemos tocar e sentir, o ciborgue se torna muito mais do que uma política ou um mito, é nossa vivência, dessa forma apropriar-se dele exige compreender as conexões e propriedades que o tornam híbrido e constroem a narrativa e a política ciborgue. Imaginar o ciborgue fora de um contexto ou uma rede de estudos, discussões e reformulações categóricas seria um erro.

Para este trabalho resolvemos utilizar várias perspectivas metodológicas de modo a possibilitar uma visão mais amplificada e uma narrativa de rede dos movimentos feministas, além de conciliar as críticas à ciência feitas por Haraway e outras autoras feministas em suas contribuições à ciência. Paralelamente, de modo a seguir os passos de nosso objeto na rede de computadores no site *Twitter*, decidimos por adotar metodologias capazes de alcançar a dinâmica do objeto obedecendo sua diversidade e as redes que o compõem, daí optamos pela Teoria Ator-Rede, em parceria com a epistemologia feminista, dentro dos limites que elas permitem em sua união, além de técnicas metodológicas de busca de dados, apuração e análise, dispostas mais adiante.

Seguindo a linha de crítica à ciência, as contribuições para novas teorias do conhecimento de Haraway e Latour são analisadas nesse estudo introduzindo as teorias latourianas, que baseiam boa parte do método utilizado, em um modo de pesquisa do ciborgue. Ainda que os dois autores difiram no quesito de atenção às questões feministas e de gênero, possuem um intercâmbio interessante entre si, principalmente relacionada às dualidades modernas já gastas nessa nova fase do conhecimento.

---

<sup>8</sup> Jane Austen, em seu último livro, *Persuasão*, escreve uma personagem principal chamada Anne Elliot que em algumas oportunidades da narrativa consegue refletir a condição das mulheres frente a dos homens. Em uma discussão com um dos senhores, o qual aponta os escritos como provas da inconstância e volubilidade das mulheres, Anne faz a observação de que nenhum livro pode ser usado como prova já que foram escritos por homens com vantagens sobre as mulheres, eles possuem mais instrução e liberdade e escrevem a história sob seu ponto de vista. O diálogo está no capítulo onze.

Os movimentos de crítica e análise da ciência e de seus modos de fazer influenciam diversas áreas do conhecimento, as autoras feministas, já dispostas na academia, fazem análises dos movimentos feministas de segunda onda e novas leituras dos sistemas de composição da ciência discutiram e abordaram suas críticas aos movimentos acadêmicos masculinistas em busca de uma nova ciência, um novo método, que abrigasse a diversidade de experiências e narrativas e a visão feminina, o que levou a outras percepções, não só da relação sujeito e objeto como também do saber e da política na ciência, formulando uma objetividade feminista através da crítica à objetividade androcêntrica na separação e dominação do objeto pelo sujeito, com poder e saber.

As feministas, e outros que têm sido muito ativos como críticos das ciências e de suas alegações ou de ideologias a elas associadas, fugiram das doutrinas de objetividade científica graças, em parte, à suspeita sobre um "objeto" de conhecimento ser uma coisa inerte e passiva. Observações sobre tais objetos podem parecer ou apropriações de um mundo fixo e determinado, reduzido a recurso para os projetos instrumentais das sociedades ocidentais destrutivas, ou ser vistos como máscaras para interesses, comumente interesses dominantes. (HARAWAY, 1995, p. 34)

Haraway desenvolve, através da crítica à objetividade, uma crítica à “neutralidade científica” que distancia o cientista (sujeito) de seu objeto sem considerar as relações de poder envolvidas e as possibilidades de constante movimentação desse objeto, sendo “recurso para ser apropriado, na qual um objeto de conhecimento é, no limite, ele mesmo apenas matéria para o poder seminal, o ato, do conhecedor” (HARAWAY, 1995). Haraway reconhece a agência dos objetos e suas possibilidades de ação e movimento, como atores produzem efeitos e não são coisas a serem dominadas ou servirem de matéria-prima para a cultura ou o social.

A autora discute o objeto da ciência moderna e coloca sua proposta de saberes localizados em andamento, a localização do saber – consequentemente do poder – dá margem para uma nova ciência, uma ciência de agência, que coloca o mundo, o objeto, como ser ativo e pulsante, mas na visão localizada, posicionada de quem se propõe a investigar. O saber localizado, valorizando a perspectiva, diferentemente do sujeito moderno “neutro e imparcial”, produz objetividade corporificada a partir de uma visão vulnerável e disposta em um lugar em que as dualidades não fazem sentido em sua própria experiência. A defesa de uma objetividade feminista em uma proposta de *ciência feminista* implicaria em uma não divisão entre sujeito e objeto e nem sua dominação, mas sim no reconhecimento da não inocência de nenhuma das partes, de sua responsabilidade sobre os modos de ver não passivos que reconhecem as instâncias híbridas do orgânico e dos artefatos técnicos funcionando em nossos corpos e nos de nossos objetos.

Evelyn Fox Keller explica como a política feminista provocou as ciências naturais e suas narrativas, compreendendo esse como um espaço importante para o feminismo e as mulheres que desejam ocupar esse espaço - seja em busca de igualdade na profissão ou buscando uma mudança nas perspectivas das políticas de gênero dentro da ciência – era importante para ela, assim, buscar por uma “ciência independente de gênero” (KELLER, 2006). Reconhecer o papel da biologia como produtora de discursos de gênero, não isolada dos contextos sociais, - atravessada por narrativas e noções sexistas ou sexualizantes – foi importante para muitas autoras, mas mais ainda, visualizar e produzir diferenças em suas pesquisas. São mudanças que colaboram para as mudanças não só nas pesquisas e em como elas são difundidas, mas na própria inserção de mulheres na ciência (feministas ou não), inserindo visões outras na produção de ciência.

Essas referências igualitárias não são retóricas – estão baseadas numa descrição que está agora firmemente apoiada por um rico acervo de mecanismos que os pesquisadores identificaram em anos recentes – pode-se dizer que os pesquisadores os encontraram porque procuraram por eles. (KELLER, 2006, p. 9)

A entrada de novas perspectivas, mas também o avanço nas pesquisas e as novas descobertas da ciência natural, influenciaram uma significativa mudança na narrativa e explicação dos fatos de laboratório. Essas mudanças se devem tanto a maior entrada de mulheres na academia quanto pelas próprias movimentações culturais e políticas do feminismo que também causaram outros impactos na ciência, seja em sua cultura masculinista ou na própria discussão de suas epistemologias e tecnocracias. Posições de destaque para mulheres, maior espaço e vagas em laboratórios, processos irreversíveis após o início da entrada de mulheres na academia, mas o problema agora são as próprias áreas que as aceitam e o desafio de ocupar espaços ditos masculinos a partir da validação do conhecimento produzido por elas, além de assegurar a possibilidade de existência delas nesses espaços.

A vida das mulheres não podia ser objetivamente entendida através de estruturas que tinham complexos sistemas de noções e categorias elaborados para conceitualizar a biologia das mulheres como inferior e suas contribuições para as relações históricas e sociais como mínima ou até mesmo negativa. Mas, então, nem a vida dos homens poderia ser objetivamente compreendida através dessas estruturas. Se mulheres, sua natureza e suas atividades não são de fato inferiores mas meramente diferentes, então tampouco homens, sua natureza e atividades são superiores ou merecedores da marca distintiva do idealmente humano. As próprias estruturas conceituais foram questionadas meramente pelas tentativas de “acrescentar mulheres e misturar”. Da mesma maneira, as tentativas de acrescentar a vivência da maioria das mulheres do mundo aos esquemas concebidos para explicar a vida de minorias relativamente privilegiadas no Norte moderno também mostraram as limitações daqueles arcabouços eurocêntricos para explicar objetivamente a vida de alguém. (HARDING, 2007, p. 166)

Mais uma vez, a dualidade sexo/gênero se torna muito importante para compreender esses processos de mudança e a própria queda nos domínios do dualismo

permitiram, também, que avaliássemos as fronteiras entre natureza e ciência (ou cientista) como um caminho cheio de percalços, armadilhas e visões pretensiosas de neutralidade.

A desconstrução do pensamento e do modo de fazer ciência não é propriedade só das cientistas feministas, a questão é que elas conseguiram imprimir nesse movimento de reformulação das categorias suas próprias impressões e visões de um mundo que tinha sua evolução emperrada por uma localização única do sujeito cientista com autoridade na ciência, criando obstáculos para seus questionamentos, mas ainda assim fazendo parte de um processo crescente de reformulação de suas categorias dos estudos e revisão das teorias vigentes por uma diversidade de localizações e mudanças do próprio sujeito cientista. Desse ponto se torna necessário incluir a visão dos corpos desviantes nas teorias.

Uma vez entendido o caráter arrasadoramente mítico do "homem" universal e essencial que foi sujeito e objeto paradigmáticos das teorias não-feministas, começamos a duvidar da utilidade de uma análise que toma como sujeito ou objeto uma mulher universal - como agente ou como matéria do pensamento. Tudo aquilo que tínhamos considerado útil, a partir da experiência social de mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais, acaba por nos parecer particularmente suspeito, assim que começamos a analisar a experiência de qualquer outro tipo de mulher. As teorias patriarcais que procuramos estender e reinterpretar não foram criadas para explicar a experiência dos homens em geral [...]. O feminismo tem tido um importante papel na demonstração de que não há e nunca houve "homens" genéricos - existem apenas homens e mulheres classificados em gêneros. Uma vez que se tenha dissolvido a ideia de um homem essencial e universal, também desaparece a ideia de sua companheira oculta, a mulher. Ao invés disso, temos uma infinidade de mulheres que vivem em intrincados complexos históricos de classe, raça e cultura. (HARDING, 1993, p. 8-9)

A teoria feminista do final do século XX faz parte de processos semelhantes de revisão das categorias modernas da ciência, mas também de produção de novas e outras perspectivas no campo do conhecimento, questionando inclusive a natureza de quem produz e os agenciamentos provocados. A perspectiva ciborguiana representa tanto um conhecimento assumidamente em rede, quanto uma artimanha política, enredado em diversos recursos de linguagem, discurso e corporificações, produzindo apropriações diversas e outros modos de viver, sentir e de se organizar socialmente. A linguagem tem importância para a teoria ciborgue e qualquer outra teoria pós-moderna por sua importância tanto em mediação da informação como manifestação de comportamentos, discursos e ideologias. Ela se constitui como um dos exemplos mais preciosos de rede, ela é a marca nos corpos dos híbridos é uma das redes que compõem as redes do ciborgue.

A escrita é, preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do século XX. A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo. É por isso que a política do ciborgue insiste no ruído e advoga a poluição, tirando prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina. São esses acoplamentos que tornam o Homem e a Mulher extremamente problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, essa força que se imagina como sendo

a que gera a linguagem e o gênero, subvertendo, assim também, a estrutura e os modos de reprodução da identidade “ocidental”, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor. “Nós” não escolhemos, originalmente, ser ciborgues. (HARAWAY, 2016, p. 88)

Para a relação ciência e mulher era necessário também observar a linguagem e as construções que as categorias e símbolos possibilitavam à corrida feminista ou menos à uma ciência menos sexista na qual elas pudessem desenvolver uma ciência localizada. Já que elas não eram o sujeito essencial da ciência, recursos para essa legitimação eram necessários, por isso, revisão e desconstrução da ciência tradicional e masculinista eram necessárias para a criação de seu próprio território.

No lugar dos fundamentos Iluministas, as filosofias pós-modernas oferecem uma série de posicionamentos relativos à construção do conhecimento, propondo que o que se tinha antes como “epistemologia” era apenas “retórica” (GRASSIE, 2001; HARAWAY, 1995). O que se argumenta é que não existe um “ponto de Arquimedes” que confira, à ciência ou à “razão”, autoridade epistêmica maior ou mais próxima à verdade; a ciência não está fora da história (FLAX, 1990; 1992). Trata-se apenas de um “discurso” a mais sobre o “real”, um discurso socialmente construído. Daí porque a ênfase das abordagens pós-modernas recai na análise e desconstrução desses “discursos”, o que explica o deslocamento da análise das “coisas” para as “palavras”, observado nos debates contemporâneos (BARRETT, 1992). A noção subjacente é a de que todo conhecimento é mediado pela linguagem e, portanto, também metafórico. (SARDENBERG, ANO, p. 7)

Neste trabalho buscamos não só investigações sobre o envolvimento das mulheres em suas ações dentro da ciência e tecnologia, corporificados no ciberespaço, mas também seu funcionamento enquanto movimento social, objeto de estudo não fixo e com poder de agenciamento em redes múltiplas de ação e com potencial político e de mobilização.

Para tanto, *rede* é compreendida aqui como processos onde as ações ocorrem através de pontos de associação e processos agenciamento dos atores, o que abriga diversos formatos de rede e apropriações dos atores. Uma estrutura híbrida: ao mesmo tempo técnica através de redes telemáticas de transmissão de informação e ao mesmo tempo política e social através da mobilização de pessoas e objetos. A rede a qual nos empenhamos aqui em desenhar através dos passos e rastros de feministas tem as características ciborguianas, com suas mutações e negações de pureza humana.

As redes fazem parte e são, ao mesmo tempo o ciborgue. A estrutura sociotécnica das redes e as suas possibilidades de transgressão servem de espaço para o fluxo de ações e manifestações de diversas naturezas, produzindo ação, conhecimento e identidades. São parte de alterações significativas no nosso modo de ser e ver as coisas, nossas conexões e emoções estão sempre em contato e diálogo com a técnica e esta por sua vez conecta-se a nós criando redes de experiência e vivência, formando e reformulando narrativas da existência humana.

A rede não é contexto ou intermediação, é uma referência utilizada para descrever o mundo, uma espécie de crítica à estética da objetividade moderna. Não é produto, mas processo. Não é um dado, mas resultado. O social, nestes termos, pode ser analisado com base nas suas interações ativas, podendo ser performado. E o ator (ou actante) é tudo o que age nessa rede, e que deixa efeito neste mundo. Nunca está sozinho, pois sua atuação é distribuída (AZAMBUJA, 2012, p. 32-33).

Desse modo, nela compreendem não só a técnica ou a experiência com a técnica, mas todos os processos das relações entre humanos e não-humanos, visíveis ou não, as intermediações, as ações. Não obstante, essa rede não é pura, muito menos seus componentes, são as hibridações que formam essas redes, é o ciborgue, um híbrido por excelência.

#### **4.1. O ciborgue é a rede; a rede é o ciborgue**

As metodologias disponíveis para estudos de rede estão mergulhadas em controvérsias, muitas vezes produtivas, que orientam diferentes caminhos na pesquisa colocando em evidência diversas perspectivas, técnicas e abordagens, que vão ser debatidas e utilizadas conforme as necessidades dos atores envolvidos ou suas localizações em meio ao objeto de pesquisa. Haraway e Bruno Latour possuem vários pontos de acordo na crítica à ciência e nas possibilidades de uma nova ciência, os dois criticam o modo moderno de fazer ciência e os problemas enfrentados pelos pesquisadores, ao mesmo tempo que lançam mão de dois modos de fazer ciência, um centrado nas possibilidades de localização e perspectivas do sujeito pesquisador diante de objetos dinâmicos e em conexões diversas, o outro buscando um método que caiba as perspectivas do múltiplo e do híbrido e da possibilidade de cartografar rizomas.

Em uma crítica à ciência moderna os dois autores conseguem perceber a fragmentação do sujeito e do objeto modernos em uma reinvenção da ciência crítica. Porém, os dois parecem cair em caminhos diferentes quando Haraway admite o pós-modernismo, em uma revisão política e crítica das categorias modernas e propostas metodológicas que não negam totalmente conceitos derivados, mas que incidem sobre elas outros campos de visão, acrescentando outras formas de ver as mesmas controvérsias, de maneira crítica e inserindo desigualdades, afinidades e problemas de gênero, por exemplo. No caso, a objetividade e a neutralidade científicas passam por processos intensos de revisão, problematização e crítica, chegando a uma nova proposta para o conceito que baseiam um novo jeito de fazer ciência que ainda abriga, criticamente, algumas questões modernas, tanto pelo seu posicionamento enquanto feminista quanto percalços como produtor de saberes.

[...] a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades. A moral é simples: apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada tanto pelas suas promessas quanto por seus monstros destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver. (HARAWAY, p. 21. 1995)

Enquanto que para Latour a lógica modernista é falha na perspectiva em que desobedece suas próprias leis em nome de uma coerência insustentável, desenvolve um novo conceito de ciência social - em sua investigação sobre os laboratórios desenvolve uma nova visão sobre o caráter político do laboratório e o próprio envolvimento dos pesquisadores com seus objetos que mesmo estáticos pela necessidade de pesquisa e observação, são sempre dinâmicos e interconectados a uma imensidão de outros atores. Admitindo o rizoma<sup>9</sup> de Deleuze e Guattari chega a uma noção de objeto implicado em redes, em conexões e agenciamentos que se embrenham em múltiplos territórios, em contato não mais com a noção de pureza, mas sim de agência e hibridações.

Isso porque para Latour e seu engenho metodológico, os híbridos povoam nossa realidade e não correspondem mais aos anseios de purismo dos modernistas e nem mesmo se aloca em isolamento, mas existem em contextos e agenciamentos diversos. Esses híbridos são seres que não se distinguem entre humanos e não-humanos, estes são misturas, invasões de território e composição de redes de associação imersas em outras tantas redes de contextos – lugar onde a sobrevivência do ciborgue de Haraway é perfeitamente admissível e possível.

[...] a palavra moderno designa dois conjuntos de prática totalmente diferentes que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas, mas que recentemente deixaram de sê-lo. O primeiro conjunto de práticas cria, por uma “tradução”, misturas entre gênero de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo, cria por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. Sem o primeiro conjunto, as práticas de purificação seriam vazias ou supérfluas. Sem o segundo, o trabalho da tradução seria freado, limitado ou mesmo interdito. O primeiro conjunto corresponde àquilo que chamei de

---

<sup>9</sup> Para os autores Gilles Deleuze e Félix Guattari o *rizoma*, uma espécie estrutura das plantas que pode ramificar-se sem um ponto central, geralmente se desenvolvem como caules ou raízes. A metáfora do rizoma compõe uma visão outra não só da filosofia como de outras áreas do conhecimento em contraposição à imagem da árvore, com pontos centrais de crescimento, em modelos de organização do pensamento, centralizados e estruturantes. A imagem do rizoma no pensamento delibera a não centralidade e as possibilidades inúmeras de agenciamento e pluralidade de conexões. “A raiz pivotante não compreende a multiplicidade mais do que o conseguido pela raiz dicotômica. Uma opera no objeto, enquanto a outra opera no sujeito. A lógica binária e as relações biunívocas dominam ainda a psicanálise [...], a linguagem e o estruturalismo e até a informática.” (DELEUZE; GUATTARI, p. 20)

redes, o segundo ao que chamei de crítica. O primeiro, por exemplo, conectaria em uma cadeia contínua a química da alta atmosfera, as estratégias científicas e industriais, as preocupações dos chefes de Estado, as angústias dos ecologistas; o segundo estabeleceria uma partição entre um mundo natural que sempre esteve aqui, uma sociedade com interesses em questões previsíveis e estáveis, e um discurso independente tanto da referência quanto da sociedade. (LATOURE, 2013, p. 16)

A composição das redes não obedece a orientações das separações e competências de disciplinas, ao contrário, as expande e possibilita a visualização de seus nódulos, ramificações e aprofundamentos nos territórios de frágeis fronteiras. Latour, juntamente com outros autores como Michel Callon, dentro de uma perspectiva crítica ao laboratório e à visão da ciência sobre a natureza – no tocante em que não há nível de importância entre humanos e não-humanos – elabora a proposta de uma nova sociologia e a produção de conhecimento em rede, alinhado a uma forma de pensamento que alinha e conecta o objeto em redes de relações e ações, desconstrói o sujeito animado como detentor de direitos à ação e dá à rede novos tons a serem compostos pelo pesquisador de maneira a respeitar as dinâmicas de ação e localização dos atores envolvidos.

A rede é a possibilidade de não apenas acompanharmos ou descrevermos as coisas do mundo, mas, acima de tudo, criarmos um mundo. Na observação das muitas situações envolvendo a rede de ativistas feministas, "o que interessa é seguir os atores em ação, suas conexões e os efeitos que eles apresentam, pois a rede não é dada como pressuposto analítico para um pesquisador, mas é constituída a partir da prática, como o resultado da sua interação com os fatos" (AZAMBUJA, 2017, p. 42).

A Teoria Ator-rede (TAR) ou Actor Network Theory (ANT), em inglês, resultante do trabalho conjunto de Latour e seus colaboradores de diferentes áreas do conhecimento está filiada ao campo de estudo chamado "Ciência, Tecnologia e Sociedade" (CTS), e traz à tona discussões atravessadas por diferentes áreas, entre elas a Sociologia e as Ciências Exatas, configurando um campo que tem entre os seus objetivos o tratamento das inovações científicas e tecnológicas.

Diferentemente de Haraway, Latour se dirige aos sociólogos e antropólogos em suas críticas sobre a ciência que produzem e os modos de analisar o social como uma estrutura e não como algo sujeito a agregações e agenciamentos diversos, sua crítica do social está relacionada às divisões modernas entre natureza e cultura, humanos e não humanos, dentro das tentativas de purificação e separação que provocam dissimetrias e descontextualizações, que perdem os entremeios, onde as coisas acontecem e as hibridações se constroem e agem. Assim, sobre a queda dos domínios da modernidade, afirma:

Quando surgiram apenas algumas bombas de vácuo, ainda era possível classifica-las em dois arquivos, o das leis naturais e o das representações políticas, mas quando nos vemos invadidos por embriões congelados, sistemas especialistas, máquinas digitais, robôs munidos de sensores, milho híbrido, bancos de dados psicotrópicos liberados de forma controlada, baleis equipadas com rádio-sondas, sintetizadores de genes, analisadores de audiência, etc.; quando nossos jornais diários desdobram todos estes monstros ao longo de páginas e páginas, e nenhuma destas quimeras sente-se confortável nem do lado dos objetos, nem do lado dos sujeitos, nem no meio, então é preciso fazer algo. [...] O sistema de purificação fica tão entulhado quanto nosso sistema judiciário. (LATOUR, 2011 [1994], p. 53-4)

Os dois autores falam dos processos de produção de ciência e conhecimento e fazem críticas aos binarismos da modernidade e dos modos tradicionais de ciência. Assimilam objetos não estáticos e em constante trânsito pelos caminhos da homogeneidade e do pluralismo das redes sociotécnicas, políticas e agregados sociais, para Latour. A posição do pesquisador é de interesse particular de Haraway quando identifica que as próprias redes que o compõem também fazem parte de suas escolhas, fazer ciência também é político para ela, seu híbrido, o ciborgue, passeia por caminhos múltiplos ao mesmo tempo que pousa sobre a política das narrativas ciber.

O que os dois autores, Haraway e Latour, possuem em comum em suas análises sobre a ciência é que não podemos estudá-la fora de contextos ou aprisionando o objeto nas armadilhas do tempo de pesquisa ou da área de conhecimento específico.

O reconhecimento da política dos artefatos e da natureza são processos interessantes para se imaginar e buscar por rastros de conexões entre as diferentes políticas envolvidas e, principalmente, compreender que entre humanos e não humanos podem haver poucas diferenças, definindo tanto sua hibridez quanto territórios ainda pouco explorados. O terreno da sociotécnica é, enfim, onde essas controvérsias entre artefato, humanos e animais se estendem em pontos onde não há inocência em suas relações plurais. A bióloga e o antropólogo se encontram em uma aposta nos estudos da sociotécnica e no poder político da natureza, entre artefatos e orgânicos, os caminhos são diversos. A preocupação que dividem está, inclusive, na ecologia e em como as questões ambientais são um perfeito exemplo dessa política e as redes que a compreendem.

Haraway não perde de vista a perspectiva tanto apocalíptica quanto revolucionária de seus híbridos, para ela as hibridações estão presentes em nosso processo evolutivo, nas primeiras ferramentas feitas e utilizadas pelos primatas, de modo que não somos indissociáveis dos artefatos, existimos através deles. Somos ciborgues a mais tempo do que imaginávamos, os limites do organismo foram ultrapassados e o terreno dos artefatos possui tanto de orgânicas quanto de social. Para ela a linguagem, os contextos, e o corpo estão intrincados em redes cada

vez maiores que envolvem tanto tecnopolíticas quanto avanços do capitalismo e da biomedicina na leitura dos corpos. As artimanhas da ciência tecnológica e biológica tem associações intensas com o social, desconectá-las é perder de vista as potencialidades ciborgue, principalmente do código do nosso próprio corpo.

#### 4.1.1 Teoria Ator-Rede e os objetos sociotécnicos

A Teoria Ator-Rede busca se consolidar principalmente como um método de pesquisa ao passo que diversas reformulações teóricas e metodológicas são feitas por ela, de modo que se desenvolve um outro fazer ciência mais preocupado com as conexões e com as informações que circulam nas redes e entre as redes do que com traduções e purificações. Um dos principais quesitos para que isso ocorra, após os processos de assimilação das dinâmicas do híbrido é admissão da simetria entre humanos e não humanos.

A *Simetria Generalizada*, que é, em um primeiro momento, “a possibilidade de compreender o trabalho científico como um processo que deva considerar tanto aspectos internos da própria comunidade científica como aspectos externos da sociedade na qual está inserido” (AZAMBUJA, 2017, p. 24-5), o cientista se torna um observador participante com responsabilidades, não de explicar, mas de descrever os processos sociais, dos quais ele reconhece sua participação, sendo proposta uma liberdade descritiva maior ao pesquisador, acreditando que o conhecimento se dá através de redes e conexões, que devem ser rastreadas e identificadas pondo à observação e análise suas problemáticas e processos. Enquanto heterogêneos, os humanos e não-humanos envolvidos, não podem estar em desnível, a simetria entre eles é ideal para assimilar a multiplicidade das perspectivas e das realidades envolvidas nos processos estudados.

A simetria dos actantes na rede coloca em evidência a multiplicidade de pontos, mas principalmente, sua heterogeneidade e as relações que estão implicadas em processos de agenciamento por parte desses mesmos actantes, sem separá-los, em um modo de buscar as trocas entre estes, valoriza a pluralidade de realidades e posicionamentos. Coloca em paridade mundos antes separados. Para Latour a simetria permite compreender de forma mais clara as diferenças, os acontecimentos e as próprias explicações dos cientistas que se tornam mais simples,

O pressuposto simétrico na antropologia da ciência e da técnica torna possível o acompanhamento (e conseqüente produção) de coletivos heterogêneos e múltiplos, a partir dos quais ciências e técnicas sejam envolvidas no processo de elaboração do social e que multipliquem as possibilidades de visualização dos não-humanos. (AZAMBUJA, 2017, p. 34)

É o princípio de simetria que permite e admite a rede, é através dele que ela pode se expandir e ser, também, visualizada, sendo possível que “natureza e sociedade” sejam vistas em seus processos de maneira mais clara e sem as diferenciações que as separam, tornando seus agentes visíveis e as dualidades que o compõem menos necessárias ao seu entendimento.

Para os estudos feministas estes são pontos importantes, assimilar não-humanos enquanto atores é admitir um coletivo de coisas que se comunicam e que criam textos e códigos que podem ser vantajosos ou não para o movimento, conseguir interpretar esses códigos, os textos e as redes é fundamental nessa fase do capitalismo e da tecnologia dos números. A simetria generalizada é um dos pontos chave tanto para a pesquisa quanto para as habilidades ciborgues necessárias, “levar em consideração (simétrica) a ação dos não humanos pode ser a chave para compreender um conjunto de relações, incluindo as relações de gênero” (PUGLIESE, 2015).

O proposto por Latour é que o social se faz por associações e reassociações, e o cientista deve buscar não por uma explicação pronta para elas, mas sim descrever processos e caminhos, como um observador participante na antropologia. Assim, o objetivo não é explicá-las, mas observá-las e descrevê-las (LATOUR, 2012; AZAMBUJA, 2017). Essas associações formam coletivos de coisas e gentes com suas múltiplas conexões. Portanto,

o tecido social se forma desses vínculos entre actantes que, nos casos específicos ao estudo da ciência, proposto por Bruno Latour e Steve Woolgar (1997) em *A Vida de Laboratório*, surge por meio do exame das práticas dos cientistas em seu local de trabalho. Os nós da rede (atores/actantes), de existência complexa e controvertida, emergem do seu contato com o observador, ao invés de se materializarem como entidades prontas e que compõem previamente o mundo. (AZAMBUJA, 2017, p. 39)

O termo actantes designa, de forma simples, o ator, aquele que age dentro da rede, que agencia. É qualquer um que produza reverberação e ação, seja humano ou não-humano, artefato ou orgânico, linguagem ou imagem, “é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede nele mesmo e fora dele em associação com outros” (LEMOS, 2013). Para a TAR os cientistas e seus utensílios também são atores, actantes nas redes da pesquisa e da ciência, tudo o que produz ação que reverbera na rede é actante, e é uma das questões para as quais o pesquisador da TAR deve estar atento já que sua ação influi sobre a rede tanto quanto os actantes que pesquisa.

Mas além de ser um método da dinâmica das associações é um método que coloca o pesquisador para seguir pistas de ação, os rastros que são deixados pelos atores em seus caminhos pela rede. São dados digitais, acontecimentos, diálogos, escritos, imagens... ou seja, qualquer vestígio de associação e de ação é importante para a visualização da rede que compõe o trabalho.

Segundo Fernanda Bruno (2012), por exemplo, os rastros digitais, que são nossa fonte de informação nesse trabalho, favorecem o rastreamento,

[...] de modo que se pode, ao mesmo tempo, seguir uma série de ações e associações locais e ver como cada uma delas participa da construção de coletivos. A passagem de uma escala a outra se torna facilitada: é possível manter simultaneamente o foco (local) e a amplitude da observação, como num movimento zoom. (BRUNO, 2012, p. 698)

Para se construir uma amostra é necessário, então, coletar dados, buscar pelos rastros deixados pelos agentes. Buscamos por pistas e ações e toda ação deixa rastros, mais ou menos visíveis, mais ou menos rastreáveis (BRUNO, 2012). Os rastros possuem uma função muito importante no processo de investigação; são eles que denunciam os movimentos e associações, que são essenciais para as análises, principalmente no ciberespaço.

No meio digital a maioria dos movimentos e ações podem ser facilmente rastreados e detectados por uma diversidade de mecanismos, a estocagem de dados digitais compreende um mundo de redes e de atores em constante movimentação que pode ser guardado e visualizado. Dados digitais são um importante conjunto de informações que representam não só hábitos de usuários e indivíduos, mas também possuem uma natureza política de vigilância e poder empreendidos na circulação e movimentação da informação.

Tecnicamente, este rastreamento e arquivamento das ações cotidianas na internet é possível graças à própria estrutura desta rede de comunicação distribuída e de seus navegadores, onde toda ação deixa um rastro potencialmente recuperável, constituindo um vasto, dinâmico e polifônico arquivo de nossas ações, escolhas, interesses, hábitos, opiniões, etc. [...] que tais rastros têm uma topologia complexa e uma visibilidade variável, constituindo uma cascata de inscrições. (BRUNO, 2013, p. 123)

A estrutura das redes de comunicação e da internet permitem tanto rastreio de dados como armazenamento de um grande volume desses rastros, de modo que as investigações de objetos na internet podem ter a facilidade ou a dificuldade de terem um grande volume de informações e dados. Mesmo a TAR sendo uma importante ferramenta teórico-metodológica, outras ferramentas são possíveis no auxílio dos pesquisadores para trabalhos no ciberespaço.

Com um grande volume de dados é preciso trabalhar as dimensões da amostra no propósito de visualizar melhor as composições dessa rede, desde uma notícia a uma publicação em sites de redes sociais podem fazer parte dessa amostra e definir bem o que faz parte do interesse do investigador é de suma importância para o seu trabalho. Rastros nos levam a lugares diversos e compor redes significa estar atento às formações de grupo e principalmente aos momentos em que os actantes estão em ação, a agência que forma a rede.

Dentre as ferramentas para o uso da TAR nas pesquisas, temos na área da comunicação a opção do método perspectivista que alinha tanto as concepções da Teoria Ator-

Rede quanto a antropologia de Viveiros de Castro, além da teoria dos grafos. Malini explica que

[...] o método perspectivista de rede parte de uma reflexão que articula a teoria antropológica formulada por Eduardo Viveiros de Castro (de onde retiramos os conceitos de perspectiva e relação); a concepção de Bruno Latour sobre a teoria ator-rede (de onde retiramos os conceitos de cartografia, grupos, mediadores e intermediários); e a teoria dos grafos (de onde retiramos o conceito de clusterização, modularidade, centralidade e densidade). (MALINI, 2016, p. 2)

Malini parte da figura do *perfil* para alinhar suas ideias. As relações criadas por esses perfis constroem grandes redes e associações de pessoas que estão interligadas umas nas outras por uma diversidade de motivos. A valorização do perfil enquanto uma unidade coletiva traça a natureza das relações construídas na internet e as interações que ocorrem a partir dos encontros provocados pela ação dos atores, "é a densidade de relações altamente conectadas entre os perfis que fazem emergir ricos pontos de vistas coletivos capazes de influir nos sentidos dos acontecimentos sociais" (MALINI, 2016)

É necessário, assim, tratar o perfil enquanto pessoa. Malini, usa, então, o conceito de Viveiros de Castro sobre pessoa para justificar o uso: pessoa fractal, contraposta ao indivíduo isolado, constituída a partir das relações que estabelece, é o que agrega e agencia. Dessa maneira o perfil se torna um agenciador e não só um mero objeto de identidade isolada, sendo capaz de produzir subjetividade.

A análise perspectivista busca:

[...] uma abordagem teórico-metodológica que se dedica a estudar como as relações de compartilhamentos, respostas, inscrições, comentários, favoritadas, curtidas, indicações na internet, formam rastros sociais que expressam, conjuntamente, pontos de vistas coletivos formando as partes da rede que, sobrepostas, compõem uma globalidade, podendo ser analisada ora a partir da topologia dos perfis (a posição da parte no todo), para a partir de uma temporalidade dos laços (a parte do tempo como parte no todo)." (MALINI, 2016, p. 2)

Para explicar o método o autor revela a tentativa de emulação do perspectivismo ameríndio, do antropólogo Viveiros de Castro, que busca estudar os "conceitos nativos como os conceitos antropológicos" (MALINI, 2016) a partir daí um estudo simétrico, semelhante à proposta de Bruno Latour, o qual para ele, o estudo dos agregados sociais deve se dar de modo que humanos e não humanos possuem o mesmo valor para a rede conforme produzem ação nesta.

O outrem social é um fator interessante, é a partir da interação entre sujeito e o outro que se produzem relações gerando agenciamentos e fazendo ascender os pontos de vista. De maneira empírica e demonstrativa do método, o autor apresenta o resultado de coletas realizadas no período das manifestações de junho de 2013. A interação em rede e a ascensão de diversos

pontos de vista e a interação entre os usuários formavam grupos que criavam suas próprias narrativas. O embate de narrativas em rede na internet é mais fácil de ser visualizado, uma análise que talvez não seria possível por outros meios.

Nas representações de rede e nas representações matemáticas, é possível visualizar informações das disputas entre os pontos de vista, os agenciamentos e as movimentações do social em rede. Uma organização baseada na relação de pessoas figuradas pelo perfil, representadas por um avatar.

O método é uma proposta de análise das dinâmicas em rede avaliando os processos de agenciamento e produção de subjetividade e não só as ações estereis dos usuários dos sites de relacionamento que agregam avatares.

## **4.2 O ciborgue e a rede: feministas em rede**

Na pesquisa empreendida neste trabalho resolvemos seguir passos de feministas na internet: ações, associações e agências de um dos movimentos sociais que mais crescem no mundo inteiro. Com uma diversidade de debates, pautas e, essencialmente, correntes, o feminismo se estabelece como uma força controversa no cenário político. Compreender sua organização dinâmica em rede de maneira orgânica é um passo importante para traçar perfis e abrir caminho para estudos cada vez mais aprofundados e condicentes com o século XXI, com uma geração cheia de heranças e hiperconectada através da tecnologia digital.

Objetivamos visualizar as dinâmicas de um grupo bem específico na internet: grupos feministas online em constante movimentação e atentas às principais pautas e manifestações na web e nos meios de comunicação que envolvam suas pautas e discussões.

Empiricamente, conseguimos identificar pelo menos duas categorias de ação feminista, a partir da bibliografia que utilizamos. O primeiro deles é o de perfis assumidamente ou com características ciberfeministas e o segundo são grupos feministas nas redes, com pautas de rua sem um foco tão forte na cultura ciber. Isso pode se dar tanto pelas formas com que o feminismo pode se organizar, quanto pelas formas de apreensão, uso e apropriação dos recursos tecnológicos.

Muitas ciberfeministas discutiram ao longo do fim dos anos 1990, após os primeiros anos de euforia, em como as mulheres de países subdesenvolvidos estão excluídas das discussões e atividades ciber, seja pela educação tecnológica ou pelas condições econômicas. A chegada da internet a cenários de pobreza não deixou de ser um problema mesmo na velocidade com que esses países se conectam a partir dos anos 2000, quando o ciberfeminismo

ganha as cores e os dilemas do hemisfério sul, em uma nova onda de ativismo. Problemas como educação e acesso ainda são enfrentados por países como o Brasil.

Ainda que a internet e o seu uso tenha se popularizado entre as mulheres, elas ainda não estão no centro de grandes decisões tecnológicas (NATANSOHN, 2013), o que corrobora para uma exclusão em diversos processos como criação, desenvolvimento e infraestrutura, corroborando para um cenário de desigualdades de gênero em diversos níveis do processo de produção.

O Ciberfeminismo se diferencia principalmente pela sua preocupação com a apropriação tecnológica e a garantia de que o ciberespaço seja um lugar tanto de expressão quanto de contestação para as mulheres, um lugar que caiba o feminino. Para isso é necessário a tomada de posse das linguagens e o reconhecimento de suas capacidades e uma comunicação arregimentada em um código feminino e feminista.

Mulheres *hackers* com domínio da linguagem e computadores estão em todas as partes da internet, mesmo que não se perceba. Discutem sobre programação, ensinam outras mulheres, executam projetos e resistem em espaços hostis,

se mantivermos a lógica *hacker*, permanecer na sombra e no anonimato se constituem uma proteção contra as possíveis ações criminais. Parece portanto lógico, que as mulheres hackers tenham optado por não se expor. Por isso, é interessante ver que muitas de nossas entrevistadas tem dificuldade em se definirem como *hackers*, e aquelas que se definem como *hackers*, assim fazem, por reconhecerem ter as competências técnicas para *hackear* e/ou porque dizem compartilhar, estimular, viver no seu dia a dia os valores associados à ética *hacker*. (HARVÉ; CRUELLES; BOSCH, 2013, p. 84)

A cultura hacker faz parte da cultura ciber, bem como o feminismo também, em incorporações cada vez mais visíveis.

As dinâmicas do ciborgue, para serem apreendidas, necessitam que o método de pesquisa permita a pesquisa de atores em constante movimentação e mudança em processos de inscrição e transição entre diversos territórios, tempos e temáticas. As escolhas metodológicas que fizemos para a pesquisa, em uma forma de testar alguns complementos para o caso e adaptar conforme nossas necessidades, nos exigiu certo nível de empiria, não só da observação de um objeto exclusivo mas, principalmente, de sua movimentação em rede. Em nível de admissão da rede enquanto algo não só recurso de visualização de dados, mas também enquanto universo(s) de exploração, lugar e não lugar.

A hibridez do ciborgue nos remete à hibridez também da rede, percorrer o caminho das redes compreendendo que o ciborgue é a não só a rede em si, mas também o nó, ele transita nas dimensões da rede e está mais próximo de nós do que imaginamos, não só nas redes sociotécnicas, mas também em nós:

O mundo de Haraway é um mundo de redes entrelaçadas – redes que são em parte humanas, em parte máquinas; complexos híbridos de carne e metal que jogam conceitos como “natural” e “artificial” para a lata do lixo. Essas redes híbridas são os ciborgues e eles não se limitam a estar à nossa volta – eles nos incorporam. Uma linha automatizada de produção em uma fábrica, uma rede de computadores em um escritório, os dançarinos em um clube, luzes, sistemas de som – todos são construções ciborguianas de pessoas e máquinas. [...] As redes também estão dentro de nós. Nossos corpos, nutridos pelos produtos da grande indústria de produção de alimentos, mantidos em forma sadia – ou doentia – pelas drogas farmacêuticas e alterados pelos procedimentos médicos, não são tão naturais quanto a empresa *Body Shop* quer nos fazer crer. (KUNZRU, 2016, p. 24)

Admitindo que o nosso objeto faz parte de uma rede que nos conecta e que faz parte de nós, é possível encararmos cada nó dessa rede também como um ciborgue se interligando e interagindo a outros através de seus perfis na internet, se manifestando e se movimentando em rede e através da linguagem ciber e de rede.

#### 4.2.1 Pistas e rastros: os caminhos para se trabalhar com dados digitais

Dentro das possibilidades de pesquisa, optamos por construir um banco de dados com informações de postagens, conteúdos e alianças dos perfis que desejamos estudar através da análise de redes e da observação empírica desses grupos dentro do site. Para isso, resolvemos criar uma amostragem manualmente de perfis envolvidos com o feminismo no *site* de relacionamentos Twitter, através da metodologia *Bola de Neve*, por esta ser focada em recolher a cadeia de referências de uma entidade (no nosso caso perfis de difusão da causa feminista). Essa metodologia é bastante útil para estudos sobre populações cujo tamanho não se sabe precisar de antemão, mas também um interessante modo de avaliar preliminarmente uma rede de atores ativos e influentes de uma determinada região ou assunto.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise. (VINUTO, 2014, p. 203)

Desse modo, escolhemos alguns perfis que correspondiam a nossas exigências, feministas e não pessoais e através deles fizemos uma lista de quem seguiam e que obedeciam a esses dois critérios. Através do método escolhemos perfis chave para encontrar outros perfis relacionados, através deles é que coletamos as informações para o banco de dados.

A escolha do site Twitter se deve principalmente pela facilidade na captura de dados, diferentemente de outros sites, no Twitter os perfis abertos (não privados) podem ter suas informações recolhidas através de ferramentas de coletas disponíveis, além das próprias buscas no próprio site podemos recolher um volume bem maior de informação de forma rápida. As publicações possuem número limitado de caracteres garantindo maior dinamicidade nos diálogos e publicações. É muito utilizado em campanhas e mobilizações virtuais pela sua proposta dinâmica e a organização do assunto através das *hashtags*.

A proposta do site é ser um miniblog para os usuários, a linha do tempo contém conteúdo dos *seguidos* e seus conteúdos vão para quem os *segue*. O conteúdo até o começo de novembro de 2017 era de no máximo 160 caracteres, com possibilidade de anexo de imagens, depois desse período passou a ser de 280 caracteres, dobrando o espaço das publicações.

A ideia com tão poucos caracteres é que o site seja o mais dinâmico possível, com diversas publicações curtas, como bilhetes, para os usuários saberem o que os perfis que eles seguem estão dizendo, fazendo, pensando ou replicando, que passa pela linha do tempo. A possibilidade de compartilhamento de conteúdo é o *retweet*, o *tweet* (publicação original) replicado.

Os assuntos variam entre políticos, notícias, opiniões sobre programas de televisão e também humor e piadas. Na captura de dados é possível conseguir informações sobre seguidores, seguidos, interações, palavras mais usadas, região e etc, ocasionando coletas bem vastas em número de dados que precisam ser bem trabalhados para que o pesquisador possa verificar de forma mais objetiva a movimentação dos agentes que deseja.

Trabalhar com um volume tão alto de dados exige atenção ao que realmente interessa ao pesquisador, de maneira que ainda é preciso fazer escolhas e com isso limpeza de dados que podem não interessar e prejudicar a pesquisa de acordo com o objetivo. A etapa de processamento dos dados, após a coleta e armazenagem, consiste também no uso de ferramentas que auxiliam nesse processo, tendo de antemão tanto conhecimento das ferramentas quanto noção de seu conteúdo e as possibilidades que ele traz.

Desde sua criação, o *Twitter* cresceu exponencialmente ao longo dos anos em número de usuários e de mensagens trocadas. O acesso aos dados pode ser feita de diversas maneiras, inclusive por diferentes ferramentas gratuitas e por suas APIs (Interface de Programação de Aplicação) públicas. [...] Existem duas APIs destinadas à coleta de *tweets*: a *Search API*, que serve para coleta de busca, retornando *tweets* anteriores a hora da coleta e os *tweets* mais relevantes no período de coleta, porém não retornando todos, ou seja, alguns *tweets* e alguns usuários podem ser deixados de fora da coleta. (MEDEIROS, 2016, p. 26)

Para a nossa pesquisa fizemos a coleta e no período de processamento desses dados, foi muito discutido tanto as amizades envolvidas na rede, quanto as conversas que existiam

entre esses mais de mil perfis e com outros perfis também. Uma das coisas mais interessantes da coleta é que conseguimos interações fora do círculo feminista através não só das interações de amizade e conversas, mas também interações através de *hashtags* por vários usuários num dado período de tempo.

As *hashtags* são palavras-chave com o sinal do jogo da velha (#), são importantes mecanismos tanto de organização de algum assunto, quanto de localização dentro do site e na internet. Além disso, dentro de uma métrica do próprio site, conseguir entrar para as categorias dos mais falados e conquistar visibilidade de outros usuários (*trend topics*). São essenciais para as buscas, pois podem ser clicadas e nos direcionar para a linha do tempo específica do assunto com todas as publicações em organização de tempo ou relevância.

Após o processamento dos dados coletados, separações e limpezas, é necessário torna-los visíveis para análise. Existem diversas ferramentas que possibilitam a visualização e a escolha dessa ferramenta vai depender das funcionalidades, facilidades e desafios de cada que cada uma oferece aliado às necessidades do pesquisador. São ferramentas programadas para a leitura e arranjo dos dados conforme os comandos dados pelo usuário delas.

As ferramentas de visualização são programadas a partir de algoritmos produzidos com base na Teoria dos Grafos, teoria matemática que orienta diversos estudos de rede em diversas áreas do conhecimento. A estrutura da rede e sua visualização possui uma base matemática que permite a observação e visualização com a ordenação da rede a partir das necessidades exigidas, além da própria análise e leitura dos grafos e as dinâmicas impressas nos pontos.

Com a ideia de pontos interligados por linhas, a representação por grafos pode facilitar o entendimento e a resolução de problemas. Desta forma, mapas que representam a estrutura organizacional de uma empresa, rotas de transporte, redes de comunicação, distribuição de produtos, assim como a estrutura química de moléculas, podem ser expressos através de grafos. (OSTROSKI, MENONCINI, 2009, s/p.)

Os grafos são representações matemáticas de relações em forma de conjuntos de vértices (nós ou pontos) e arestas (linhas), esta última liga os nós que podem ser infinitos num determinado conjunto. Esses conjuntos podem representar uma diversidade de objetos e relações, por isso são utilizados em várias áreas do conhecimento, seja para o planejamento e organização de distâncias, pessoas ou atividades ou representações de redes na telemática, na biologia ou na infraestrutura de redes. Podem apresentar formatos e tamanhos diversos a depender do volume de dados.

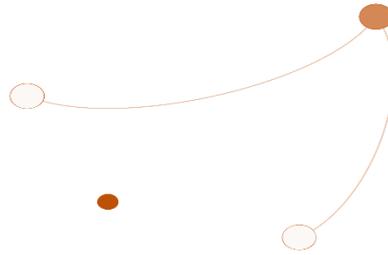


Figura 1 – Grafo simples com quatro pontos e duas linhas criado no software de visualização Gephi

Para os estudos de rede, o grafo é um diagrama representativo formado por dados e relações. A manipulação dos dados influi no formato do grafo e em sua visualização, dessa maneira podemos representar essas informações como nós ou arestas, influenciando na forma e qualidade de acordo com os atributos dos dados selecionados. A estrutura de um grafo pode abrigar uma diversidade de informações sobre interações. Neste trabalho a teoria dos grafos orienta uma das principais ferramentas que utilizamos no processo de análise dos dados.

Para a comunicação é um importante recurso para o desenvolvimento de trabalhos de análise de grandes dados e com grande volume de informação, além de orientar diagramas e poder ser usado em diversos processos de investigação, bastando conhecimento e domínio dos recursos e imaginação.

#### 4.2.2 Caminhos da pesquisa

Escolhemos 5 perfis feministas: *Blogueiras Feministas*, *Não Me Kahlo*, *#minasprogramam*, *Arquivos Feministas* e *Mulheres na Ciência*, escolhidos por serem tanto perfis com vários seguidores quanto por serem diversos em suas temáticas, desde o mais geral até temáticas mais específicas de apropriação da técnica. A escolha do site Twitter se deu pelos fatores da facilidade de recolhimento de dados sobre o relacionamento entre seguidores e seguidos e pela facilidade de visualização empírica da rede e de conteúdo desses perfis.

Através dos cinco perfis encontramos outros utilizando a categoria *seguinto* do site, de forma manual *escolhemos* os novos perfis a partir das seguintes características: seguidos pelos perfis iniciais; serem assumidamente feministas e/ou assumidamente envolvidos com a pauta mulheres e/ou tecnologia; aparentarem ser coletivos e não perfis de personalidade ou pessoal, dessas distinções resolvemos trabalhar com a lista no site "grupos feministas", recurso presente no site, com um conjunto de 105 perfis ciborgue.

Para a coleta dos dados trabalhamos com o software<sup>10</sup>, que coletou todos os perfis conectados aos 106, a partir da coleta dos seguidores obtivemos dados de mais 1338 perfis. Em seguida utilizamos o software de análise de dados e manipulação de grafos Gephi<sup>11</sup> para visualizar as conexões entre os perfis. A coleta foi realizada em novembro de 2017 e reúne dados relativos às publicações de cada um dos 105 perfis mais 1338 seguidores, com um limite de 3200 publicações mais recentes, desse modo possuímos uma amostra de 2010 até o último dia de coleta em 2017.

Durante o processamento desses dados obtemos as seguintes informações gerais após os processos de limpeza e tratamento de dados:

<b>Top</b>	<b>Geral</b>
<b>Top palavras</b>	mulheres, mulher, brasil, violência.
<b>Top hashtags</b>	#nerd, #garotasnerds, #geledes, #feminismo, #legalizaroaborto.
<b>Top usuários</b>	@canalsobreelas, @blogfeministas, @arquifeministas, @naokahlo, @ativismodesofa.
<b>Top retweet</b>	Bradford Exchange lança coleção de relógios de bolso para os fãs de Os <a href="https://t.co/HaD7KuVGs8">tps://t.co/HaD7KuVGs8</a> #nerd #garotasnerds.
<b>Top curtidas</b>	A curva mais bonita das mulheres e a que mostra o aumento da escolaridade o longo dos anos <a href="https://t.co/H90eyO3adh">https://t.co/H90eyO3adh</a> .
<b>Frequência</b>	49.86 tweets/dia.

<sup>10</sup> Ford é um software desenvolvido por membros do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC) é responsável pela coleta de dados em sites de relacionamento e “uma de suas extensões é o Hash-collector. Essa extensão faz a coleta dos *replies* dos *tweets* ainda acessíveis pela rede social” (Medeiros, Jean. 2016).

<sup>11</sup> Gephi é uma ferramenta de manipulação de grafos, organizando dados para visualização pelos usuários possibilitando a modificação das estruturas de rede, o estudo e análise de diversos tipos de relações a depender da qualidade das informações e dos desejos do pesquisador. <https://github.com/gephi/gephi/wiki>

<b>Tweet mais antigo</b>	05.02.2010 às 14:10:39

Temos em números os perfis mais ativos na rede, algumas publicações que conseguiram atingir um alto número de interação e, principalmente as palavras mais utilizadas que circundam entre as preocupações desses perfis: mulheres, brasil e violência. Os top usuários compreendem os mais ativos dentro da lista dos 105 perfis

Classificamos de forma breve esses perfis para facilitar a nossa compreensão sobre o que temos em nossa amostra. Temos uma maioria de coletivos feministas, classificados assim por se assumirem como um projeto coletivo de mulheres e para mulheres, seja para discussões sobre tecnologia e cultura ou para ações sociais. Além disso, as ONGs estão presentes, principal modo de operação das feministas brasileiras, essas organizações são responsáveis tanto por divulgação e debate quanto por encabeçarem políticas públicas e estarem próximas de centros de poder de governos.

Os perfis feministas foram classificados assim por não assumirem o perfil de organização coletiva, mas não se apresentam como uma pessoa, possuem um nome e um objeto de perfil, podem trabalhar com o humor ou com a divulgação de ações feministas.

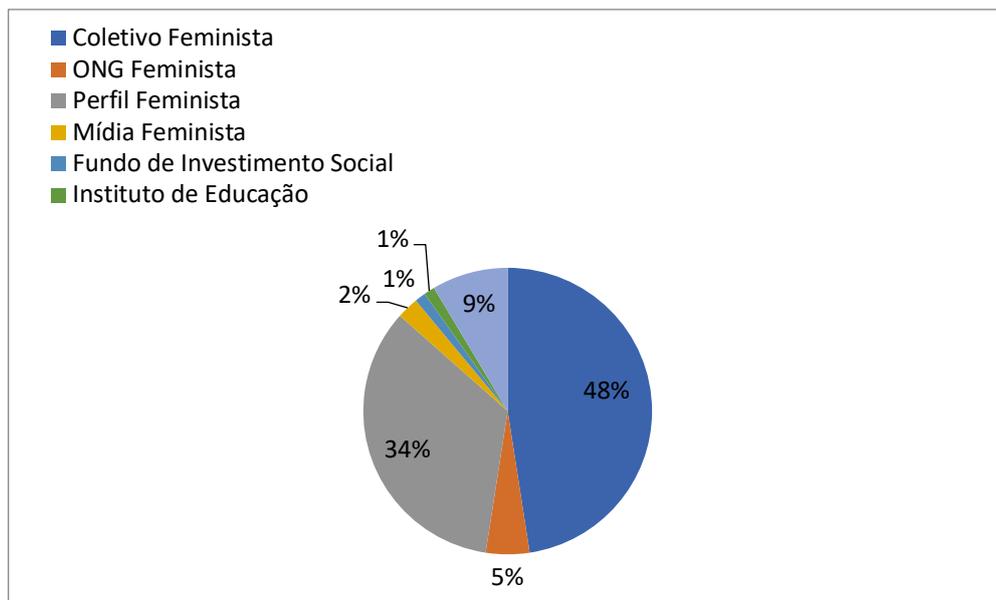


Figura 2 – Classificação dos 105 perfis utilizados através de informações de seus perfis sobre sua origem ou organização

Também conseguimos seguir uma classificação temática justo pela diversidade que há nos temas e objetivos desses grupos. Temos contas voltada para o humor, outro para política e direitos das mulheres, outros que se assumem midiáticas e perfis que se colocam como mídia alternativa feministas. As temáticas giram em torno do feminino, mas possuem muitas vezes objetivos de ação menos gerais e mais específicos. Os grupos com temática mais geral inclui na categoria mulheres.

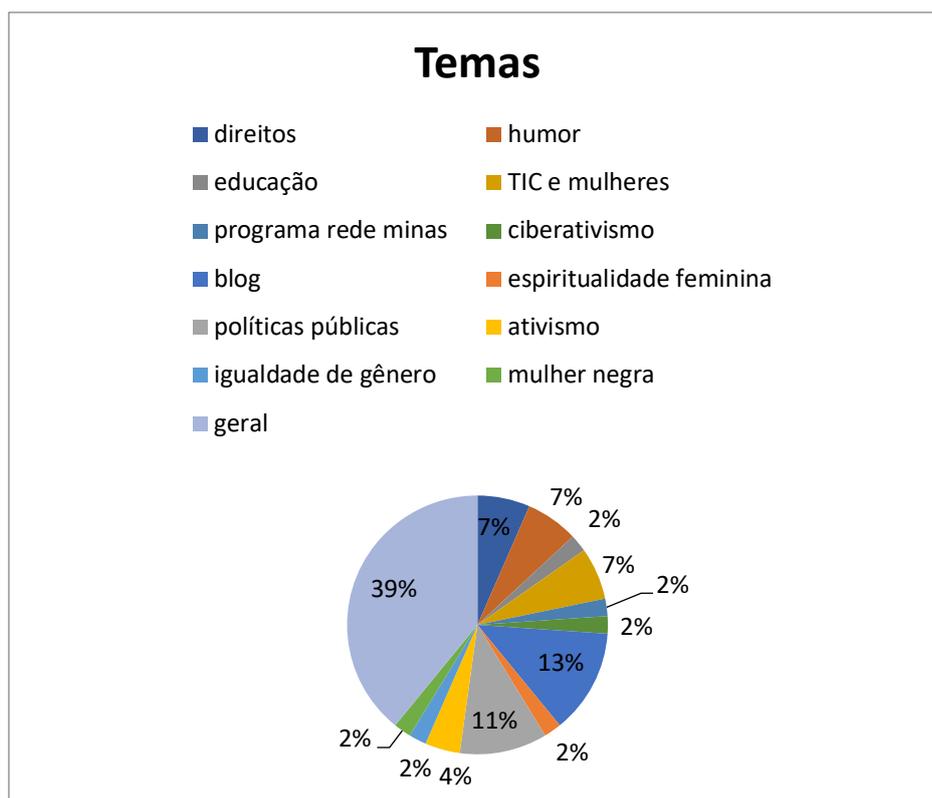
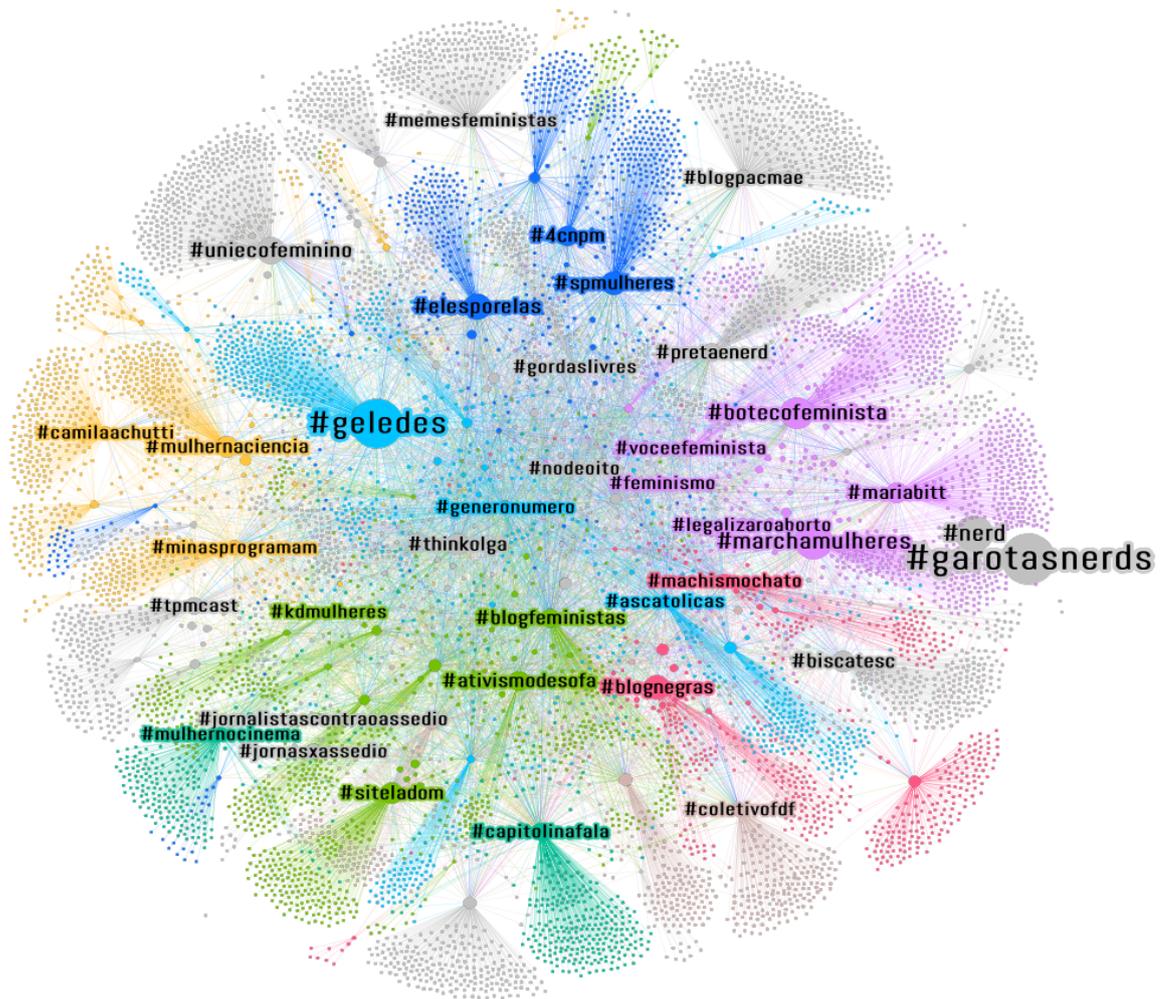


Figura 3 – Colocamos os 105 perfis separados por temas trabalhados em seus textos e objetivos de conversação

Os mais de mil perfis que conseguimos através dos 105 iniciais são perfis variados entre pessoais, de humor personalidades e coletivos, mas também institucionais, como ONGS, projetos de setores públicos e mídia independente, não sendo todos necessariamente feministas, mas demonstram a alta conexão que os perfis chave possuem com diferentes tipos de usuários no site Twitter, grupos diversos estão em ligação de alguma forma. Nosso principal objetivo na análise, após a limpeza dos dados era observar conexões, discussões e diálogos estabelecidos entre os perfis.

Com esse vasto número de dados e conversas, conseguimos fazer uma busca pelas hashtags contidas nesse banco de dados. O grafo com essa informação aparece para nós assim:



*Figura 4 – Grafo com todas as hashtags utilizadas pelos perfis nas conversas colhidas. Em destaque as mais utilizadas no site pelos perfis nesse período de tempo.*

A análise por hashtags nos mostra diversas conversas e assuntos orientados por essas etiquetas ou *tags* fora do grupo inicial, mostrando conexões diversas, além do próprio dinamismo desses usuários em conexões densas que os fazem estar em grupos com qualidades distintas momentaneamente. Pela capacidade de identificação, localização e organização dos assuntos. Através deles é possível observar tanto narrativas ao longo do período que a tag foi usado, como hashtags que são bem mais permanentes ou genéricas, utilizadas em diversas ocasiões (*#feminismo* ou *#machismomata*, por exemplo). Opiniões sobre acontecimentos e também discussões que posicionam politicamente os usuários e as suas interações estão presentes nessas hashtags.

Nesse grafo geral é possível ver rapidamente a variedade de assuntos das feministas: maternidade, tecnologia e ciência, mídia alternativa (blogs e revistas), capanhas, instituições e etc.

Separamos, assim, por grupos as hashtags relacionadas, seguindo o método perspectivista, temas em comum e tags usadas em conjunto em uma mesma publicação, ainda utilizando os recursos do programa de visualização. Os grupos foram distinguidos através de cores diferentes, os maiores foram separados e criamos seus próprios grafos para visualizarmos as interações. Desse modo conseguimos interações para além dos perfis iniciais, conquistamos os assuntos mais falados por eles ao longo de suas próprias *timelines*. Os quatro grupos de atividade mais intensa serão analisados a seguir.

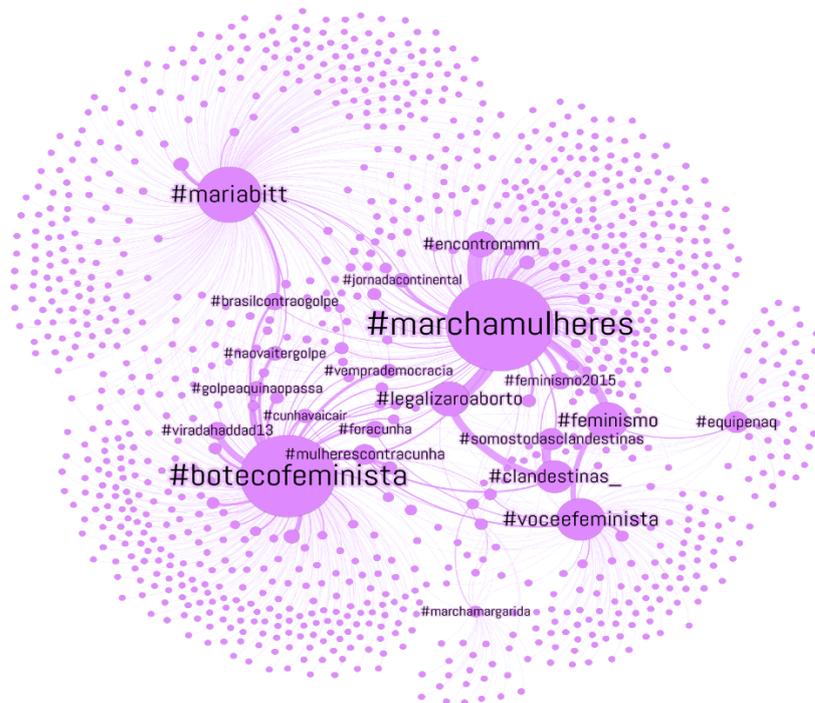


Figura 5 – Grafo de um dos grupos em destaque do primeiro grafo com todas as interações por hashtags

Nesse primeiro grafo, as hashtags mais expressivas são: #botecofeminista; #marchamulheres e #mariabitt, tags que foram utilizadas também com as menores como #feminismo; #legalizaroaborto e #mulherescontracunha. É um grupo que se mostra bastante politizado e interage não só com o feminismo e a principal pauta que é a legalização do aborto como com acontecimentos políticos como o impeachment da presidente Dilma Rousseff e os

projetos de lei do então deputado e presidente da câmara Eduardo Cunha de restringir os direitos ao aborto e de dificultar o acesso de mulheres que têm direito por lei ao interrompimento da gravidez. São episódios que movimentaram boa parte das feministas dentro do Twitter nos anos de 2015 e 2016.

Ao observarmos o conteúdo da maioria das hashtags e palavras usadas percebe-se uma luta interessante entre pautas feministas que tomam forma através do envolvimento delas com o legislativo, projetos de lei e as manifestações que encabeçam, e as próprias movimentações institucionais, o contraste (e embates) entre rua e governo. Esse embate se manifesta na forma de projetos de lei vindos das duas vias, a maioria relacionados à legalização e descriminalização do aborto.

A pauta da legalização do aborto está diretamente ligada às questões de saúde e também de legislação, daí a necessidade de proximidade com os governos. Proximidade que influenciou tanto nos processos judiciais contra o ex-deputado que teve mandato cassado em 2016, quanto a queda da presidente Dilma meses antes. Eventos políticos reverberam sobre os movimentos sociais especialmente quando produzem efeitos sobre suas pautas principais, no caso da queda da presidente, várias questões estavam envolvidas, como a queda da primeira mulher presidente como também o machismo envolvido nas discussões e debates políticos dentro e fora do congresso. Quedas de poder extremamente simbólicas no período: de um lado um inimigo confesso do feminismo e do outro um símbolo político para as mulheres.

A Marcha Mundial das Mulheres (#marchamulheres) é um dos mais importantes grupos feministas do mundo, existe em associação com outros grupos feministas no mundo. Teve sua primeira ação internacional em 2000, após cinco anos de articulação entre manifestantes de 157 países e manifestantes de Québec que, através de manifestações organizadas, conseguiram avanços para o Canadá. Todos os anos organizam atividades e manifestações em várias cidades do país, possuem site oficial e perfis em sites de relacionamento, como o Twitter.

As pautas da organização estão ligadas à erradicação da pobreza, condições dignas de trabalho para mulheres da cidade e do campo, legalização e descriminalização do aborto, acesso à educação, fim da violência contra a mulher, dentre outras. São pautas bem localizadas em contextos econômicos e políticos.

TOP	DADOS
Palavras	mulheres, aborto, golpe, brasil, mulher.
Hashtags	#legalizaroaborto, #feminismo, #encontrommm, #somostodasclandestinas, #mulherescontracunha.
Usuários	@naokahlo, @fministacansada, @blogfeministas, @ativismodesofa, @geledes.
Retweet	@clancestinas_ Qd resolvi abortar? Qd ele disse q nao assumiria o bebe, q se abortasse ele voltaria pra mim" <a href="http://t.co/fvmuchWIm1">http://t.co/fvmuchWIm1</a> #SomosTodasClandestinas".
Curtidas	@botecofeminista Deputados votando muito bem. Bem demais! #EntrouParaOLixoDaHistoria <a href="https://t.co/jnQdPoWHJh">https://t.co/jnQdPoWHJh</a> .
Tweet mais antigo	08 Jul 19:33:58 2010
Tweet mais novo	22 Nov 15:04:22 2017



estar sujeitos a violações pelas mãos do Estado organizam uma série de respostas a acontecimentos dessa natureza.

Há dois casos de injustiça que estão em destaque nesse grupo, o caso do ex-catador, Rafael Braga, que foi o único preso nas manifestações de 2013. A acusação era de porte de artefato explosivo, por uma garrafa de desinfetante que carregava consigo no momento da chegada dos policiais. Após uma onda de protestos nas redes sociais e recursos na justiça empreendido por advogados de uma ong de defesa dos direitos humanos, Rafael foi solto para cumprir o restante da pena de cinco anos em domicílio. Em 2016 ele foi novamente preso, dessa vez por tráfico de drogas, portando poucos gramas de cocaína (9,3g) e maconha (0,6), Rafael e seus advogados alegaram que as provas do crime foram plantadas por policiais. Essa reviravolta no caso reavivou a tag #libertemrafaelbraga e as discussões sobre a Polícia Militar e sua formação violenta, bem como a própria justiça brasileira que parece encarar com naturalidade o racismo que a orienta.

O segundo caso é de Tatiane dos Santos Silva, de 29 anos, uma mulher que foi acusada de ter torturado e assassinado seu filho de um ano e dois meses, a autoria do crime, segundo a defesa seria do seu marido. Tatiane vivia em um relacionamento abusivo com o então marido e desde que ele perdeu o emprego teve que trabalhar sete dias por semana para sustentar a casa e os seus outros três filhos. No dia que não pode deixar o mais novo em mais nenhum lugar a não ser com o pai da criança em casa, ela encontra ao chegar o seu filho respirando com dificuldade e cheio de hematomas, conseguiu leva-lo ao hospital, mas a criança não resistiu e veio a falecer. Tatiane foi presa em 2013 e seu caso ganhou repercussão através de advogas que acompanham o seu caso e levam mantimentos para ela até a cadeia, além de ajudar juridicamente. Em 2016 foi julgada em Porto Alegre por um júri composto por mulheres, o laudo da psicóloga corroborava com a acusação, apontava que ela era imprudente e masoquista. Ela foi condenada a 22 anos de prisão, a apelação também foi julgada logo depois e aumentou sua pena para 24 anos e 9 meses. A tag #liberdadeparatiane foi criada para apoio a ela e suas advogadas, fazendo com que o caso saísse do Rio Grande do Sul e ganhasse espaço na indignação das pessoas.

**melissa** @melissarcorrea · 19 de out de 2017  
 violência doméstica é culpa do AGRESSOR e nunca da vítima!!!! a justiça brasileira tem gênero! [#LiberdadeParaTatiane](#)

**ronald rios** @ronaldrios · 19 de out de 2017  
 Acredito em justiça, não em leis. Leia essa história no site da @NAOKAHLO. Que FILHADAPUTICE. [#LiberdadeParaTatiane](#)

**Não Me Kahlo** @NAOKAHLO  
 A barbárie veste toga  
[naomekahlo.com/single-post/A-...](http://naomekahlo.com/single-post/A-...)  
 Mostrar esta sequência

**melissa** @melissarcorrea · 19 de out de 2017  
 até quando as mulheres serão culpas pela violência q sofrem? [#LiberdadeParaTatiane](#)

**Alex Junior** @alexjrnc · 19 de out de 2017  
[#LiberdadeParaTatiane](#)  
[naomekahlo.com/single-post/A-...](http://naomekahlo.com/single-post/A-...)  
 Leiam isso aqui.

**A barbárie veste toga | Não Me Kahlo**  
 Misoginia e racismo no Tribunal do Júri permeiam a história de Tatiane da Silva Santos  
[naomekahlo.com](http://naomekahlo.com)

Figura 7 – Na busca por #liberdadeparatiane no Twitter é possível observar algumas postagens sobre o caso. Em 29.04.17, no link: <https://twitter.com/search?q=liberdadeparatiane&src=typd>

Os dados que obtivemos desse grupo de conversa possui:

TOPS	DADOS
Palavras	mulheres, mulher, violencia, aborto, machismo.
Hashtags	#naosouobrigada, #kdmulheres, #precisamosdofeminismo, #mulheresnofutebol, #amevoceprimeiro.
Usuários	@vozdasgordas, @nodeoito, @mulherdelugar, @generonumero, @marchamulheres.
Retweet	RT @blogfeministas: #LibertemRafaelBraga Rafael Braga e Breno Borges: quando 9g de racismo pesam mais que 129kg de maconha: <a href="https://t.co/pLY8OWO1sZ">https://t.co/pLY8OWO1sZ</a> .

Curtidas	#LibertemRafaelBraga Rafael Braga e Breno Borges: quando 9g de racismo pesam mais que 129kg de maconha: <a href="https://t.co/pLY8OWO1sZ">https://t.co/pLY8OWO1sZ</a> .
Tweet mais antigo	10 Ago 22:05:06 2011
Tweet mais novo	23 Nov 17:02:49 2017

No quadro temos as palavras violência, mulher, aborto e machismo como as mais citadas nas postagens coletadas. As hashtags se comunicam através dos temas de violência que possuem em comum.

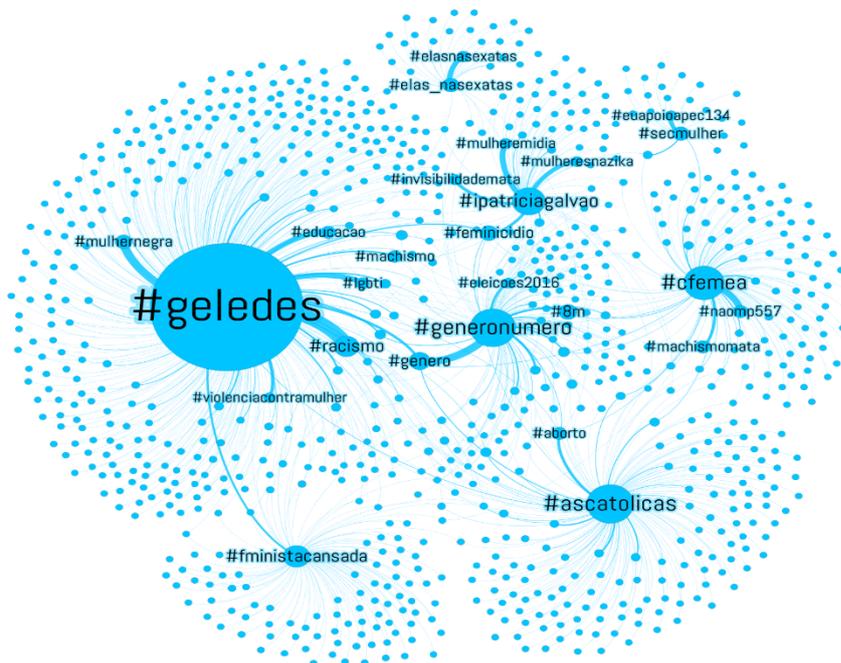


Figura 8 – Grafo de um dos grupos em destaque do primeiro grafo com todas as interações por hashtags

Neste grupo temos uma discussão grande sobre violências de gênero e raça alinhados a contrastes sociais, outras tags feministas ainda circulam, como o aborto, mas é

predominante a temática da mulher negra no Brasil e os problemas que as circundam (a pauta do aborto é um deles) através da tag #geledes que é a maior nesse espectro do grafo principal.

A tag #geledes é utilizada em todas as publicações do Instituto de Mulheres Negras – Geledes. Muito ativos no Twitter, possuem publicações e interações com outras páginas com perfil no site. Além da tag institucional há também o uso de outras como maneira de adiantar o assunto do link ou simplesmente adentrar e contribuir nas discussões presentes na busca pela tag.

Além do Geledes, outras instituições conseguem figurar nesse grupo, como a ONG Católicas pelo Direito de Decidir (#ascatolicas), que possuem a pauta principal da legalização e descriminalização do aborto no Brasil, além de serem um grupo alinhado com setores progressistas e feministas da Igreja Católica, além delas, temos a Agência Patrícia Galvão do Instituto Patrícia Galvão, que lutam pelos direitos das mulheres no país (#ipatriciagalvao).

Os três são instituições organizadas com pautas específicas e trabalhos contínuos ao longo do ano. Mas há a presença da mídia, na tag #generonumero aparece também, a revista digital Gênero e Número que se especializa no jornalismo de dados voltado para as questões de gênero, fazendo um paralelo com mídias mais tradicionais, apresentando dados importantes para os debates presentes nas conversações dos grupos feministas.

A discussão sobre a MP 557 remonta ao ano de 2011 e começo de 2012, quando no governo Dilma, uma medida provisória previa um cadastro nacional de todas as gestantes e puérperas e o oferecimento de uma quantia de dinheiro dada pelo governo para despesas de transporte entre outras. Alegando controle da mortalidade materna, o texto da medida provisória não parecia se importar tanto com as mulheres para as feministas, em tese o objetivo maior era controlar os abortos e produzir provas contra as que decidissem pelo aborto. Alguns textos foram adicionados e depois retirados, a maioria com um propósito restritivo de direitos. Para as feministas, organizadas no setor da saúde pública, uma proposta como essa não interfere em nada na taxa de mortalidade das mulheres, visto que uma maior qualidade no serviço de saúde e no cuidado seriam bem mais eficazes e comprovados empiricamente em centros especializados de saúde que conseguiram diminuir as taxas de mortalidade de suas pacientes.

A discussão da MP 557 está vinculada a duas questões, primeiro a criminalização do aborto e a força de grupos conservadores na defesa de fetos e segundo à violência contra as mulheres e o machismo que orienta as questões que circundam a maternidade, bem representadas no controle de corpos com capacidade reprodutiva, mulheres.

Como o a legalização do aborto é uma pauta que influencia diretamente nas vidas mulheres negras, temos aí um conjunto de temas e assuntos que se interligam e produzem ações em cadeia.

Os riscos de um aborto ilegal e inseguro são velhos conhecidos de mulheres pobres e periféricas, em sua maioria negras. Dados da OMS (Organização Mundial de Saúde) de 2014 revelam que o aborto é a quinta maior causa de morte entre gestantes no Brasil, mortes evitáveis. A Pesquisa Nacional de Aborto (PNA) atesta em suas pesquisas que a maioria das mulheres que sofrem com as complicações de um aborto inseguro são negras e com pouco grau de instrução escolar.

A PNA indica que o aborto é tão comum no Brasil que, ao completar quarenta anos, mais de uma em cada cinco mulheres já fez aborto. Tipicamente, o aborto é feito nas idades que compõem o centro do período reprodutivo feminino, isto é, entre 18 e 29 anos, e é mais comum entre mulheres de menor escolaridade, fato que pode estar relacionado a outras características sociais das mulheres de baixo nível educacional." (DINIZ; MEDEIROS, 2010, p. 964)

É perceptível o recorte de classe, raça e gênero que a pauta possui, algo que só deixa mais complexo o debate. A recomendação dada pela OMS e outras organizações de saúde pelo mundo é de que a legalização do aborto e o acesso a métodos seguros pelos países são a principal chave para diminuir os índices de mortalidade materna por interrupção da gravidez. Mas, uma melhora no acesso à saúde gestacional também diminuiria as mortes por outros fatores, também.

Ao decorrer dos anos do governo Dilma, diversos projetos semelhantes surgiram. A força empreendida nos debates via web e a própria constituição desses movimentos, que fazem essa ser uma das principais pautas por mobilizarem a maioria dos setores de mulheres e feministas, foram importantes para emperrar muitos desses projetos que eram, antes de qualquer coisa inconstitucionais. Acontecimentos que colocam em evidência opiniões e posicionamentos conflituosos e ações contraditórias a respeito de um tema tão importante para as feministas.

The image shows a screenshot of a Twitter search for the term "MP557". It displays six tweets from various users, each with a profile picture, name, handle, date, and text. Below each tweet are icons for replies, retweets, likes, and direct messages.

- Marcha das Vadias DF** (@MarchadasVadias) · 21 de mar de 2012: Eu quero o Programa Nacional de Saúde Integral da Mulher, RESPEITO e não a **MP557** dos covardes! #nãoMP557 #naoaMp557
- BlogueirasFeministas** (@blogfeministas) · 21 de mar de 2012: RT @homofobiaNAO: Está rolando tuitaço contra a **MP557**, que é invasiva e fere a constituição. O #HomofobiaNAO também é a favor dos Direitos..
- ASCOM Jean Wyllys** (@ascomjeanwyllys) · 21 de mar de 2012: Aprovado o requerimento de @jeanwyllys\_real para realização de audiência pública para discutir o **MP557** (cadastro de gestantes).
- Jô Moraes** (@jomoraes) · 8 de fev de 2012: A bancada feminina está na Secretaria de Mulheres para pedir à Ministra Irlay Lopes retirada da **MP557** sobre cadastro de mortalidade materna
- AADS** (@vaipensandoai) · 3 de fev de 2012: Nota de Repúdio do Conselho Federal de Psicologia ao Cadastro Nacional Obrigatório da Mulher Gestante [shar.es/fjnHg](http://shar.es/fjnHg) #**MP557**
- Eu sou Lula Maria Frô da Silva** (@maria\_fro) · 27 de jan de 2012: Ministério da Saúde reedita **MP557** e elimina o termo nascituro: [bit.ly/zezKFs](http://bit.ly/zezKFs)

Figura 9 – Na busca pela palavra MP557 encontramos algumas publicações ainda presentes no site.

Um grupo bem menor, mas que chama a atenção por fugir um pouco da temática predominante mas que não deixa de ter relação com os demais assuntos: #elasnaexatas coloca em questão a participação mais igualitária das mulheres nos cursos ligados à tecnologia, como matemática e engenharias, que são espaços, como já vimos, masculinistas e de pouca participação feminina. É uma discussão sobre a participação das mulheres, de maneira inclusiva, em espaços de poder e saber que controlam a produção e desenvolvimento de tecnologia. Questões culturais e de acesso à educação de qualidade e igualitária para meninas vem impedindo seu desenvolvimento em áreas de destaque das ciências exatas.

Abaixo alguns dados referentes ao grafo apresentado,

TOP	DADOS
Palavras	mulheres, racismo, mulher, brasil, geledes
Hashtags	#geledes, #racismo, #genero, #mulhernegra, #feminicidio
Usuários	@clandestinas_, @grupofemica, @mulhernocinema, @vozdastordas, @marchamulheres
Retweet	RT @NiDeOliveira71: #CORRIGINDO <a href="https://t.co/rDvdATJRCW">https://t.co/rDvdATJRCW</a>
Favorite	Pesado, mas real. Por isso estaremos ocupando as ruas neste dia! #8M <a href="https://t.co/1MfokO22kS">https://t.co/1MfokO22kS</a>
Tweet mais antigo	23 Aug 20:37:14 2011
Tweet mais novo	23 Nov 17:36:48 2017

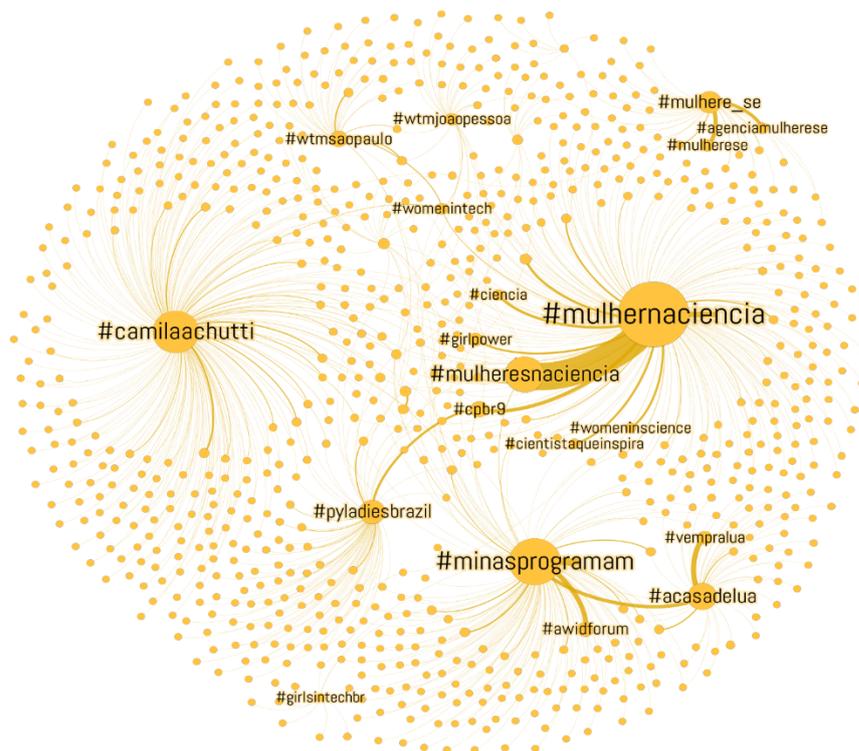


Figura 10 – Grafo de um dos grupos em destaque do primeiro grafo com todas as interações por hashtags

Neste último recorte de nosso grafo geral, o debate da tecnologia e do acesso aos conhecimentos se fazem mais fortes e presentes através de palavras como ciência. Na tentativa de aumentar o número de mulheres programadoras e pressionar por espaços mais igualitários e

menos violentos – ou invisibilizantes para as mulheres na tecnologia – algumas ações vêm com o intuito de dividir conhecimento e estimular tanto a formação de um novo espaço quanto aumentar o número de mulheres engajadas na tecnologia.

Quando se trata de tecnologia várias questões entram em jogo, desde o entretenimento à funcionalidade de aparelhos, do ensino à produção. O baixo índice de mulheres no setor está relacionado tanto à uma baixa estimulação no estudo e uso de aparelhos na idade de ensino quanto a uma cultura masculinista nesses espaços, um aspecto que dificulta tanto a maior distribuição e o ensino quanto a inserção de quem ultrapassa essas barreiras,

[...] o que o feminismo vem questionar não é só os efeitos de uma cultura machista, mas a própria constituição da ciência e da tecnologia a partir de uma perspectiva que não só exclui as mulheres, mas também a todos os grupos que estão fora das formas androcêntricas dominantes. (NATANSOHN, 2013, p. 22)

As tags #mulhernaciencia existe para enaltecer e valorizar as mulheres que fazer ciência no Brasil, presentes nas exatas e na saúde, além de se apoiarem entre si, fazendo desse universo menos solitário. O incentivo de mais mulheres na ciência também conta com a participação de perfis feministas, embora não seja declaradamente feminista, tem o objetivo de diminuir o déficit de mulheres na pesquisa. Keller (2006) em seus artigos sobre a mulher na ciência enfatiza que um maior número de mulheres na ciência, necessariamente seria um avanço para o feminismo, mas alivia uma desigualdade em números e pode mudar as culturas internas nas relações entre pesquisadores e influenciando nas narrativas das pesquisas.

Já a tag #minasprogramam está relacionada tanto a um grupo de ciberfeministas, Minas Programam (@minasprogramam) que estudam e ensinam programação para outras meninas, como se relaciona com a cultura ciber de maneira mais combativa utilizando a linguagem da programação. Elas se organizam e encorajam outras meninas a fazerem parte dessa cultura, com eventos, tuitaços (maratonas para tweetar sobre um determinado assunto) e projetos.

Muitas das tags presentes nesse conjunto de dados se relacionam com discussões internacionais a partir da língua inglesa. Outro aspecto interessante nos textos, mas que não está visível no grafo ou nos dados por ter sido menos comentado, é o incentivo a mulheres nas tecnologias de informação que os grupos de mulheres que programam oferecem tanto através do encorajamento quanto da visibilidade para as mulheres negras que programam, além de projetos só voltados para elas.

É um grupo muito interessante por estar focado nas tecnologias de informação e na ciência dominado por mulheres que evidenciam sua existência em um espaço que em princípio

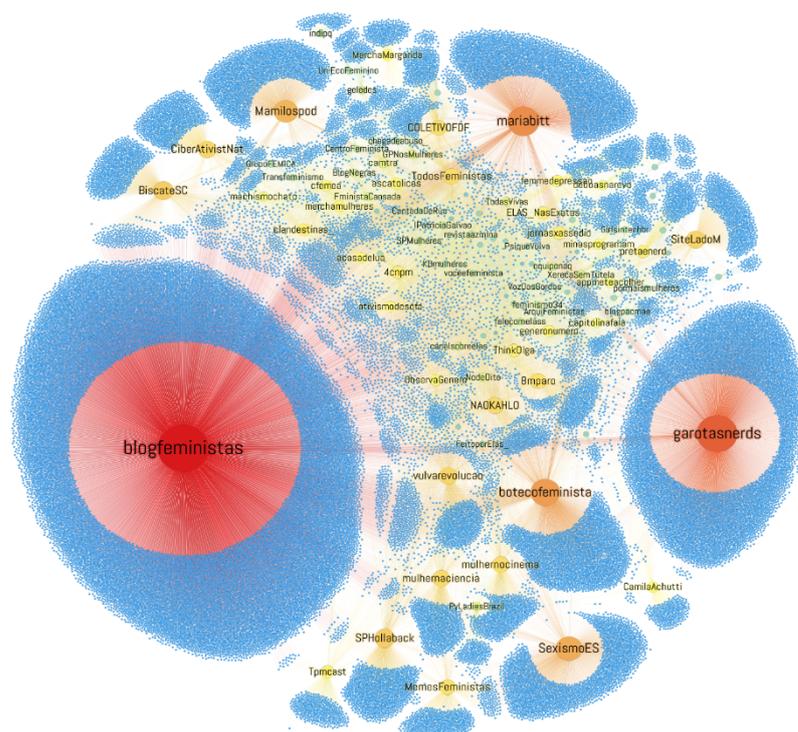
não foi feito e nem pensado para elas, mas que se resignifica em modos subversivos de existência e resistência.

Mulheres cientistas, programadoras e gamers existem e estão em uma interação forte na internet construindo suporte para outras mulheres.

Abaixo o quadro de dados desse grafo.

<b>TOPS</b>	<b>DADOS</b>
<b>Palavras</b>	mulheres, ciencia, lt3, mundo, mulher.
<b>Hashtags</b>	#mulheresnaciencia, #minasprogramam, #cpbr9, #awidforum, #mulhernaciencia.
<b>Usuários</b>	@naokahlo, @spmulheres, @kdmulheres, @geledes, @blogfeministas.
<b>Top retweet</b>	Voce sabia que o Para Mulheres na Ciencia, que completa 10 anos, e o primeiro programa no mundo dedicado a #mulheresnaciencia?.
<b>Top favorite</b>	Abertas as inscricoes do programa Para Mulheres na Ciencia! Inscreva-se: <a href="https://t.co/cI9wGpYnmB">https://t.co/cI9wGpYnmB</a> #cientistaqueinspira <a href="https://t.co/HnwCEO98Nm">https://t.co/HnwCEO98Nm</a> .
<b>Tweet mais antigo</b>	29 Jun 05:32:22 2012
<b>Tweet mais novo</b>	21 Nov 16:41:46 2017

Após visualizar as tags e as narrativas é importante ver as alianças por meio do seguir e não seguir no Twitter, dentro das regras e das funcionalidades que o site oferece. No grafo abaixo organizamos os mais de mil perfis encontrados através do ítem seguir. Os usuários que possuem seu nome aparente são os mais ativos dentre a amostra.



*Figura 11 – Neste grafo apresentamos as relações de quem segue, que chamamos de amigos*

Em uma coleta condicionada, escolhemos usuários que possuíam alguma ligação, aqui no caso as amigadas (em forma de seguir e ser seguido), é possível medir nessa amostra a popularidade desses grupos usando como critério conexões desse tipo, não necessariamente a qualidade delas. Optamos aqui também por uma separação em grupos por perspectiva. Existem alguns nós que se destacam por possuírem muitos seguidores.

É uma rede densa, para a construção dos grafos foi necessário deixar visível os que possuíam mais conexões e estavam o mais próximo do núcleo. Alguns perfis mais afastados, que possuíam menos conexões nessa rede, foram retirados para a visualização. Em um número de 1330 perfis, era de se imaginar que nem todos estariam integralmente alinhados com todos esses perfis coletados. Conseguimos uma rede bem centrada na temática devido a nossa preocupação anterior - o uso de algumas alternativas e ferramentas metodológicas foi crucial nesse processo. Tanto a forma de captura desses dados quanto o próprio processo de construir grafos visualizáveis demandaram uma arquitetura para que houvesse tanto a confiabilidade desses dados quanto a limpeza deles para que o essencial fosse visto e colocado em evidência.

Percebemos que alguns perfis conseguem se conectar com um número muito grande de pessoas, em recursos de seguir de volta ou de seguir mídias associadas à temática. O

lema dos grandes perfis é estar conectado, informado e com capacidade de difusão na rede. Eles conseguem caminhar por uma diversidade de campos, normalmente são os sites de um conteúdo mais geral, ou que se propõem dentro da temática do feminismo em um nicho, trabalhar com generalidades (aborto, maternidade, afetividade, trabalho, tecnologia, teoria, etc) e diversidade.

@blogfeminitas se destaca com folga dentre os mais populares, esse perfil pertence ao site Blogueiras Feministas, que reúne textos e ideias de uma associação de blogueiras feministas, se posicionando como um perfil importante que agrega relações, informa e participa e divulga campanhas feministas na internet. É um dos mais importantes veículos de debate feminista.

A densidade dessa rede se deve principalmente ao envolvimento que elas estabelecem justo pela militância, as pautas em comum e afinidades políticas (correntes, debates e projetos) ou simplesmente, para se informar e estar a postos caso seja necessário.

Dentro dessa rede também encontramos a mídia, e algumas celebridades fora do meio das mobilizações, como presidentes de outros países, cantores e atrizes. O que mostra que os perfis não seguem somente seus semelhantes, estabelecendo também outros interesses e formando outras redes de relações.

Nesse arquivo temos:

<b>TOP</b>	<b>DADOS</b>
<b>Palavras</b>	mulheres, mulher, brasil, lt3, violência
<b>Hashtags</b>	#nerd, #garotasnerds, #geledes, #feminismo, #legalizaroaborto
<b>Usuários</b>	@canalsobreelas, @blogfeministas, @arquifeministas, @naokahlo, @ativismodesofa.
<b>Retweet</b>	"Bradford Exchange lanca colecao de relógios de bolso para os fas de Os Vingadores <a href="https://t.co/HaD7KuVGs8">https://t.co/HaD7KuVGs8</a> #nerd #garotasnerds".

<b>Curtida</b>	"A curva mais bonita das mulheres e a que mostra o aumento da escolaridade feminina ao longo dos anos <a href="https://t.co/H90eyO3adh">https://t.co/H90eyO3adh</a> ".
<b>Tweet mais novo</b>	05 Feb 14:10:39 2010
<b>Tweet mais antigo</b>	23 Nov 17:36:48 2017

Utilizamos, para melhor visualização e análise, a Mandala Semântica cujo princípio é a partir das dez palavras mais utilizadas no banco de dados, colocar em relação as demais palavras mais utilizadas em associação. Foram colhidos 142018 tweets, dentre eles retweets



que abala as mulheres negras em um formato diferente das demais. São debates muito recorrentes nos grupos feministas, como já vimos através das hashtags.

A palavra violência, uma das mais usadas, também vem associada a outras: vítimas, sexual, doméstica, enfrentamento. Em seus textos há muitas vezes a tipificação da violência sofrida. A violência contra a mulher é um tema recorrente nas discussões não só porque é uma pauta relevante mas também porque faz parte do cotidiano das mulheres, se não vivem em meio à violência possuem o medo de um dia vivenciar o que conhecidas, amigas ou parentes já viveram.

Além dessa cotidianidade, a denúncia provocada pelas conversas e as próprias notícias compartilhadas sobre acontecimentos bárbaros, a repercussão e a própria reflexão sobre como elas estão propensas à violência apenas por serem mulheres. É o resultado de uma cultura masculinista, das políticas que desconsideram a fragilidade da posição social das mulheres, principalmente as mais pobres.

O poder que os homens exercem sobre os corpos das mulheres se estabelece principalmente pela violência e seus espectros nas diversas relações e nas formas de conhecer o mundo e as pessoas ao redor. Violência doméstica, sexual, psicológica e etc, são as mais discutidas dentro desse meio por essas mulheres, também as mais denunciadas nesses grupos.

Há tanto a necessidade enfrentamento dessa violência em medidas de políticas públicas, como muitas ONGs e pessoas físicas se organizam para isso dentro dos espaços de poder público, como também o acolhimento dessas mulheres que sofrem ou sofreram algum tipo de abuso. Um trabalho que feito em coletivo e em várias esferas.

Outros fatores também podem contribuir para o aumento da vulnerabilidade, como raça, classe ou grau de instrução. Dados do Mapa da Violência de 2015 apontam que os homicídios de mulheres negras cresceu nos últimos anos mais 54,2% enquanto que o de mulheres brancas diminuiu 9,8%, o que significa um aumento da maior vulnerabilidade das mulheres negras no país.<sup>12</sup> O medo das mulheres de serem mortas é bem maior, 85%, do que

---

<sup>12</sup> Waiselfisz, J.J, “Mapa da Violência 2015: Homicídios de mulheres do Brasil”, Flacso, Brasília, 2015, p.29, 30.

nos homens, 69%, e mesmo que elas sejam minoria na participação de crimes elas também possuem medo de serem mortas pela Polícia Militar (62%) e da Polícia Civil (57%).<sup>13</sup>

O medo é não só do parceiro, mas de instituições de segurança, para além dos medos comuns do cotidiano. A violência de gênero faz parte da vida das mulheres, elas sentem medo de morrer por serem mulheres.

Os dados que temos dessas conversas apontam primeiro que existe um debate online sobre a realidade e o cotidiano dessas mulheres, além do esforço de mediatizar tanto a realidade quanto alternativas para isso. Há o esforço tanto de diálogo, quanto de convencimento, participação nos espaços públicos (decisões do governo, pressão por políticas públicas ou manifestações, por exemplo).

Elas discutem sobre ciência, mesmo que não seja um debate tão acalorado quanto a legalização do aborto e o combate à violência. A observação desses grupos é essencial para que possamos visualizar o desenvolvimento dessas apropriações. Temos várias notícias nos últimos meses que demonstram que há um interesse cada vez maior do uso das ferramentas

---

<sup>13</sup> Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha, 2016.

tecnológicas como armas de enfrentamento à violência de gênero, tanto institucional como dos relacionamentos e do cotidiano. Elas não estão sozinhas.

**BBC** Menu

**NEWS | BRASIL**

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

## 'Tive filho de um estupro e hoje coordeno serviço de aborto por WhatsApp'

Nathalia Passarinho  
Da BBC News Brasil em Londres

7 junho 2018

f    [Compartilhar](#)



*Figura 13 – Notícia da BBC Brasil sobre um grupo no whats criado para ajudar mulheres que desejam abortar, o grupo oferece acesso à medicação. A criadora do grupo não quis se revelar, ela relata como o grupo funciona e sobre sua própria experiência com o aborto e seu medo de ser descoberta e presa.*

EXPRESSO

## A robô feminista que monitora leis e ajuda a pressionar deputados

Juliana Domingos de Lima 07 Dez 2017 (atualizado 07/Dez 20h46)

Chatbot Beta, lançado em 2017, notifica quem estiver interessado e envia e-mails ao poder público para defender direitos das mulheres



FOTO: REPRODUÇÃO/FACEBOOK DA BETA

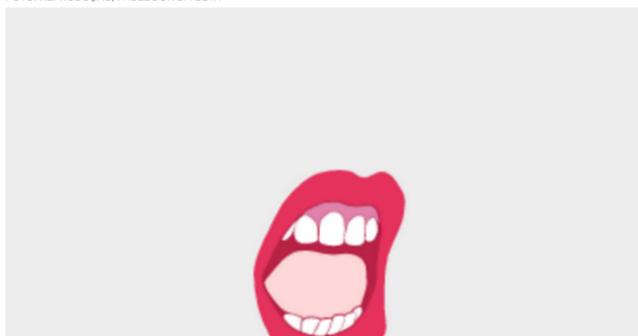


Figura 14 – A robô feminista Beta, desenvolvida por mulheres programadoras, se tornou uma das ferramentas de vigilância do poder público e alerta das manifestantes. Assim que alguma ação parlamentar prejudicial às mulheres ganhar força no parlamento através de projetos de lei ela envia mensagens às manifestantes cadastradas e estas podem colaborar com seu endereço de e-mail para que a robô mande a mensagem em nome de cada uma para os parlamentares, podendo até lotar caixas de e-mail.

## 5 CONCLUSÃO

O principal intuito desse trabalho, desde o início, era compreender as apropriações feitas por feministas das máquinas digitais e do trabalho empreendido no ativismo. Estamos cultivando uma cultura de atividades e de mobilizações no Brasil totalmente atrelado à internet e ao alcance de várias pessoas através do discurso feito para esse lugar. A tecnologia mudou nossa linguagem, nosso modo de nos relacionarmos com a política e, principalmente, nossa imaginação e desejo.

O contexto de ativismo feminista até os anos 2000 se restringia a coletivos de esquerda e instituições (governamentais e não governamentais) que faziam pressão em nível legislativo, estabelecendo um espaço na política nacional. Com o crescimento do feminismo na internet, graças à atenção dada a casos de violência contra as mulheres, também em modalidades virtuais, vimos surgir uma popularização do movimento e o seu crescimento nas ruas, lugar onde sempre esteve.

O fato de essas organizações estarem na internet e aliadas a outras, independentes ou grupos que se formaram a partir da internet, é interessante pelas tomadas de decisão de uso de plataformas de comunicação. O principal intuito é se comunicar. É através da interação e das conversas que se montam estratégias de ação e mobilização.

O uso de plataformas, como o site de relacionamentos Twitter, está sujeito sempre a uma discussão sobre suas funcionalidades e o interesse que desperta, obviamente. As narrativas que colhemos possuem uma trajetória: iniciam no legislativo, em sites de notícia, ou publicações desses mesmos perfis, depois se cria ou se reutiliza tags e a discussão se estabelece, sempre com hiperlinks, com acesso a outros sites e a outros tipos de informação, como imagens e vídeo.

A existência de grupos de mídia na rede demonstra o desejo pela informação, não só de informar. Elas estão atentas a um poder comunicativo de: apreensão, interpretação e produção de informação. Não só mídia de grupos tradicionais como G1 ou BBC Brasil, mas também os grupos alternativos: são jornalistas, blogueiras, ativistas, escritoras, que produzem material sobre o cotidiano, denunciam as instituições e dão visibilidade para casos de violações dos direitos das mulheres, algo que vai além da informação.

Existe ainda uma tentativa de manter determinados assuntos em constância: raça e sexualidade; são questões sempre em alta quando observamos por dentro dos dados. Há perfis

específicos no assunto, como vimos com o Instituto Geledes. São perfis que trabalham em rede, conectados com o cotidiano, seus colegas e com a internet.

Como era de nosso intuito encontrar também perfis com características ciberfeministas, incluímos em nossa lista de perfis-chave alguns com essa característica e conseguimos não só encontrar outros como também perceber que há interação entre eles, principalmente quando os assuntos são cultura pop e ciência.

Os novos modos e cultura no Brasil criados a partir da cultura da internet são parte de um tipo de ativismo híbrido; o ciborgue é um mito presente. Para Haraway, a revolução ciborgue partiria de mulheres não brancas e não ocidentais, em um contexto de exploração do trabalho e alta tecnologia, e controle de corpos da tecnopolítica. A proposta de subversão dessa política parece ser bem debatida e aproveitada por muitos movimentos, vide a criação de seus próprios meios de comunicação, conexão e interação.

Durante uma assembleia de deputados que discute sobre o aborto, parte da militância estará nas ruas, outra parte na assembleia e uma significativa parte estará acompanhando de longe com seus computadores conectados à rede e aos seus amigos. A super vigilância da votação e do debate estará sobre esses deputados também, e o currículo deles nas mãos de diversos ativistas.

A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. Uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças. As unidades ciborguianas são monstruosas e ilegítimas: em nossas presentes circunstâncias políticas, dificilmente podemos esperar ter mitos mais potentes de resistência e reacoplamento. (HARAWAY, 2016 [1991], p. 46)

Encontramos nesse material não só novas táticas de militância, mas principalmente, uma rede que vai além da militância, compreendendo outras ações também como o acolhimento afetivo do desabafo de muitas mulheres, em vários formatos: hashtag, texto em blog, conversa. O cuidado das mulheres por outras mulheres faz parte dos planos de enfrentamento do machismo e forma outros mecanismos de afeto através das máquinas. Sentimos a coletividade mesmo quando se está só. Se participa de eventos encontrando pessoas nas experiências que lemos delas. Interagimos com cliques.

A subjetividade desses encontros feministas em rede é uma importante questão para se discutir em trabalhos futuros. Temos um novo movimento feminista, mais globalizado e trabalhando tanto com pressão política quanto acolhendo desabafos, algo que não chega a ser

inovador, mas temos a presença cada vez maiores de objetos que participam da rede que é o ciberfeminismo.

São configurações de rede que carregam não só o cotidiano humano e mudanças na nossa afetividade e relações com as máquinas, mas também como os poderes que essas máquinas exercem sobre nós também influenciam nossas redes de compartilhamento de experiências. Temos uma rede complexa de política, técnica, imaginação e subjetividade humana em agenciamentos de várias ordens.

Mesmo aparentando ser uma rede de muitas controvérsias e com várias perspectivas, essas mulheres estão em constante vigilância também por parte de seus opositores. Eles podem, inclusive, participar de suas ações com discursos contrários ou de outras maneiras observáveis empiricamente. Temos tanto respostas quanto novas perguntas, o que comprova que o nosso objeto de estudo é dinâmico, altamente conectado em redes diversas de ação.

As feministas estão se movimentando no mundo inteiro, fazem pressão nos governos e não deixam seus opositores descansarem por muito tempo. Suas vitórias estão no fato de que estão conseguindo mobilizar e conectar mulheres que se reconhecem umas nas outras.

## REFERÊNCIAS

- AZAMBUJA, Patrícia. **Televisão híbrida**: recepção de TV sob a perspectiva sociotécnica da teoria ator-rede. São Luís: Edufma, 2017
- \_\_\_\_\_.; COELHO, Ana Paula. Ações, rastros e controvérsias online/office: possibilidades metodológicas a partir da teoria ator-rede. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**: Edição Especial – Teoria Ator-Rede, 2015.
- \_\_\_\_\_. Hashtag, controvérsias: ações, vínculos temporários e ativismo feminista em rede socioétnica. **Revista GEMInIS**, v.1, p.27-53, 2016.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Un ciberfeminismo diferente**. Disponível em: <<https://www.rebellion.org/hemeroteca/mujer/030806braidotti.htm>>. Acesso em: 23 jan. 2017.
- \_\_\_\_\_. Diferença, diversidade e subjetividade nômade. Tradução de Roberta Barbosa. **Labrys**: estudos feministas, n. 1-2, julho/ dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 23 jan. 2017.
- BRUNO, Fernanda. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. **Revista Famecos**, v. 19, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12893/860>>. Acesso em: 12 set. 2014.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003. 236 p.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- COSTA, Claudia de Lima. **O sujeito no feminismo**: revisitando os debates. *Cadernos Pagu*, v.19, p. 59-90, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Abortamento seguro**: orientação técnica e de políticas para sistemas de saúde. 2. ed., 2013. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/70914/7/9789248548437\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/70914/7/9789248548437_por.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2018
- COELHO, Ana Paula; BORTOLON, Bianca. Mulheres contra Cunha, feminismo e democracia: do privado ao público, entre as redes e as ruas: análise do mulheres contra Cunha no twitter. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER, 9, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Científica Brasileira, 2016.
- DAGHLIAN, Jacob. **Lógica e álgebra de Boole**. São Paulo: Atlas, 2008.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016 [1981].
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v.1.

DINIZ, Debora; MEDEIROS, Marcelo. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 15, 2010. Disponível em:

<<http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2013/09/PNA.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018

FERNANDEZ, María; WILDING, Faith; WRIGHT, Michelle M. *Cyberfeminism, racism, embodiment*. **Domain errors: cyberfeminist practices!**, a subRosa project.. New York: Autonomedia, 2002.

\_\_\_\_\_. Situar los ciberfeminismos. Traducción: Gabriela Adelstein, Buenos Aires, 2006.

**Domain errors: cyberfeminist practices!**, a subRosa project. New York: Autonomedia, 2003.

FRASER, N. Da redistribuição ao reconhecimento?: dilemas da justiça na era pós-socialista. In: SOUZA, J. (Org.). **Democracia hoje**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de M.T. C. Albuquerque e. J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e introdução de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREITAS, Janderson dos Santos de. **O teorema de Euler para poliedros e a topologia dos grafos**. Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. Capítulo 1 de *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Tradução de Plínio Dentzien; Cadernos Pagu (17/18), p 9-79, 2001/02.

GALLAWAY, Alex. **Un informe sobre ciberfeminismo. Sadie Plant y VNS Matrix: análisis comparativo**. Disponível em: <<http://www.estudiosonline.net/texts/galloway.html#notas>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

GRAF, Blazquez Norma. *El retorno de las brujas: incorporación, aportaciones y críticas de las mujeres a la ciencia*. Norma Blazquez Graf. – México: UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2008.

\_\_\_\_\_. **“Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra**. Cadernos Pagu, n. 22, p.201-246, 2004.

HOOK, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014 [1981].

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre factibilidade e validade**. v. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_.; BRUCE, Glauco (s/d): **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Núcleo de Estudos sobre Regionalização e Globalização, Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

HARAWAY, Donna Jeanne. **Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinvención de la naturaleza**. v. 28. Universitat de València, 1995.

\_\_\_\_\_. **Manifesto ciborgue**: imagem e complexidade. Prof. Oriana Duarte. Infodesign, 2009.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 7, jan. 1993. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

IRIGARAY, Luce. A questão do outro. **Labrys: estudos feministas**, n. 1-2, julho/ dezembro 2002.

\_\_\_\_\_. **Este sexo que não é só um sexo**: sexualidade e status social da mulher. Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2017.

KIM, Joo Ho. Cibernética, ciborgues e ciberes. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004.

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência?. Tradução: Maria Luiza Lara; Revisão: Valter Arcanjo da Ponte e Kikyo Yamamoto. **Cadernos Pagu**, n. 27, p. 13-34, jul.-dez. 2006.

LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo**: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. PUC-SP: 2009.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEMOS, André. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Anna Blume, 2013.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologia e temporalidade em rede. **Compós**, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/1P9SutE>>. 20 abr. 2018

MEDEIROS, Jean Maicon Rickes. **Um outro junho**: o movimento #NaoVaiTerCopa, o diálogo no Twitter e as controvérsias sobre a Copa do Mundo de 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades – POSCOM) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

MANSO, Almudena Garcia. *Cyborgs, mujeres y debates: el ciberfeminismo como teoria crítica*. **Barataria: Revista Castellano-Manchega de Ciencias Sociales**, n. 8, p. 13-26, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3221/322127618001/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. Teoria política feminista, hoje. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia (Org.). **Teoria política feminista**: textos centrais. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

NATANSOHN, Graciela (Org.). **Internet em código feminino**: teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, v. 1, n. 17, p. 89-98, 2006.

OSTROSKI, Álvaro; MENONCINI, Lúcia. Teoria dos grafos e aplicações. In: ENCONTRO REGIONAL DE MATEMÁTICA APLICADA E COMPUTACIONAL, 13., 2009, Pato Branco. **Anais...** Pato Branco: UTFPR, 2009.

PATEMAN, Carole. Críticas feministas à dicotomia público/privado. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista**: textos centrais. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013, p. 7-54.

\_\_\_\_\_. **Participação e teoria democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PINHEIRO, Marina. Mortes e sensação de insegurança. In: **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 10, 2016. Disponível em: <[http://www.forumseguranca.org.br/storage/10\\_anuario\\_site\\_18-11-2016-retificado.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf)>. Acesso em: 03 set. 2018

PLANT, Sadie. **Binary sexes, binary codes**. Public Netbase t0, 1996. Disponível em: <<http://www.t0.or.at/sadie/binary.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulher digital**: o feminino e as novas tecnologias. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1999.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

REYES, Inmaculada Perdomo. *Género y tecnologías: ciberfeminismos y construcción de la tecnocultura actual*. **Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad - CTS**, v. 11, n. 31, p. 171-193, enero 2016. Centro de Estudios sobre Ciencia, Desarrollo y Educación Superior. Buenos Aires (Argentina).

RODRIGUES, Nuno. Donna Haraway e a proposta de conhecimentos situados. **LES Online**, v. 7, n. 1, 2015.

RODRIGUES, C. S. & PRADO, M. A. M. (2010). Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, 22(3), 445-456.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequências, 2015.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano: por quê?. **Revista USP**, Brasil, n. 74, p. 126-137, ago. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13607/15425>>. Acesso em: 01 maio 2018.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SELAIMEN, Graciela Baroni. Mulheres desenvolvedoras de tecnologias: o desafio das histórias invisíveis que moram entre zeros e uns. In: **Internet em código feminino**: teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013. (Futuribles). E-book.

SILVEIRINHA, Maria João. Mulheres, tecnologias e comunicação: para além das receitas. **Media & Jornalismo**, v. 10, n. 18, p. 62-83, 2011.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves; MEDEIROS, Márcio Felipe Salles. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. **Revista de Sociologia Configurações**, n. 8, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/configuracoes/882>>. Acesso em: 03 set. 2018.

SOMMER, Lucia. In/visible body: notes on biotechnologies' vision. In: FERNANDEZ, María; WILDING, Faith; WRIGHT, Michelle M. **Domain errors**: cyberfeminist practices!, a subRosa project. New York: Autonomedia, 2002).

VENTURA, Mauro de Souza. RODRIGUES, Laís Modelli. Feminismo e a formação da rede online: a questão do aborto no Blogueiras Feministas em tempos de eleições presidenciais. **Revista Âncora**, João Pessoa, n. 2, p. 100-114, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2dUfzJI>>. Acesso em: 08 mar. 2018.

WAJCMAN, Judy. *Feminist theories of technology*. **Cambridge Journal of Economics**, 2010. Published by Oxford University Press on behalf of the Cambridge Political Economy Society.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia de produção**: fazendo um trabalho de gênero. Tradução de Patricia Pinho. Revisão: Elizabeth Bortolaia Silva. Cadernos Pagu, n. 10, p. 201-256, 1998:

WILDING, Faith. *Notes on the political condition of cyberfeminism*. Disponível em: <[http://www.obn.org/reading\\_room/writings/html/notes.html](http://www.obn.org/reading_room/writings/html/notes.html)>. Acesso em: 23 jan. 2017.

WELLS, Tatiana. O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina. **Labrys**: estudos feministas. 2005. Disponível em: <[https://www.labrys.net.br/labrys7/cyber/tatiana.htm#\\_edn1](https://www.labrys.net.br/labrys7/cyber/tatiana.htm#_edn1)>. Acesso em 15 jan. 2017.